



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CLÁUDIA DE OLIVEIRA DA SILVA**

**CONSTRUINDO O PERTENCIMENTO AFROQUILOMBOLA ATRAVÉS**  
**DAS CONTRIBUIÇÕES DA PRETAGOGIA NO QUILOMBO**  
**DE SERRA DO JUÁ – CAUCAIA/CE**

**FORTALEZA**

**2016**

CLÁUDIA DE OLIVEIRA DA SILVA

CONSTRUINDO O PERTENCIMENTO AFROQUILOMBOLA ATRAVÉS  
DAS CONTRIBUIÇÕES DA PRETAGOGIA NO QUILOMBO DE  
SERRA DO JUÁ – CAUCAIA/CE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Movimentos sociais, educação popular e escola.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Haydée Petit.

Coordenador: Prof. Dr. João Batista Figueiredo.

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S579c Silva, Cláudia de Oliveira da.

Construindo o pertencimento afroquilombola através das contribuições da pretagogia no quilombo de Serra do Juá – Caucaia/CE / Cláudia de Oliveira da Silva. – 2016.

111 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2016.

Orientação: Profa. Dra. Sandra Haydée Petit.

1. Pertencimento. 2. Afroquilombola. 3. Pretagogia. I. Título.

CDD 370

---

CLÁUDIA DE OLIVEIRA DA SILVA

CONSTRUINDO O PERTENCIMENTO AFROQUILOMBOLA ATRAVÉS DAS  
CONTRIBUIÇÕES DA PRETAGOGIA NO QUILOMBO DE SERRA DO JUÁ –  
CAUCAIA/CE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Movimentos sociais, educação popular e escola.

Aprovada em: 21 / 09 / 2015.

BANCA EXAMINADORA

---

Profª Drª Sandra Haydée Petit (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profª Drª Heloísa Pires Lima  
Universidade Paulista – UNIP

---

Profª Drª Geranilde Costa e Silva  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Profª Drª Kelma Socorro Lopes de Matos  
Universidade Federal do Ceará

Ao meu filho Claudenilson Allan, meu irmão Adriano Barbosa.

À minha mãe Raimunda Barbosa da Silva (*In memoriam*), mulher que não teve oportunidade de aprender a identificar as letras, mas foi minha grande incentivadora para a leitura.

Ao meu pai Domingos Pereira de Oliveira (*In memoriam*) pela referência de valores e saberes.

À minha orientadora Dr<sup>a</sup> Sandra Haydée Petit pela sabedoria, dedicação e compartilhamento de seus conhecimentos.

À comunidade quilombola Serra do Juá por ser a minha mãe e o berço da minha ancestralidade.

A todos(as) os(as) meus amigos(as) e companheiros(as) que sempre me dedicaram respeito, carinho e consideração. São estrelas que brilham e irradiam em minha vida!

## AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar por ter-me concedido saúde, força vital e inspiração para a realização deste trabalho.

Aos meus Guias Espirituais Protetores e à minha ancestralidade.

À minha orientadora Dr<sup>a</sup> Sandra Haydée Petit, pela amizade, carinho, acolhimento em sua casa, por encaminhar-me desde 2010 nas trilhas do pertencimento afro, permitindo minha companhia e me orientando rumo às minhas raízes africanas. Pela dedicação nas orientações e correções nestes períodos de aprendizados e por hoje ser minha grande referência como pessoa, profissional, pesquisadora e mãe da Pretagogia.

Ao meu filho Allan Oliveira e meu irmão Adriano Barbosa por compreenderem quando não estive presente nos momentos familiares e pelas vezes que me distanciei para conseguir concentração.

Aos co-pesquisadores(as) (mestres e mestras) de Serra do Juá que contribuíram com a busca e realização desta pesquisa, compartilhando saberes, experiências e emoções.

Aos colegas, Eliene Magalhães e Rafael Ferreira pela caminhada juntos(as).

Aos que me inspiraram e foram referências importantes no meu processo de busca por conhecimento e construção do meu pertencimento.

À Dr<sup>a</sup> Geranilde Costa pela inspiração, força e energia que me transmitiu e a dedicação e colaboração em ser minha avaliadora.

À Dr<sup>a</sup> Heloísa Pires – pelos “diálogos com África” através das leituras e vivências coloridas; pelo compromisso em avaliar este trabalho e pela harmonia poética de sua presença.

À Dr<sup>a</sup> Kelma Matos – pela colaboração, dedicação e zelo em analisar meu texto com tanta competência e pelos bons fluídos irradiados.

Ao Dr. Henrique Cunha Junior – por fazer-me viajar na imaginação através dos romances africanos.

Ao Dr. Eduardo David de Oliveira – pelas inspirações filosóficas.

Ao Dr. Alex Ratts – por ser a minha referência intelectual sobre quilombos do Ceará.

À Dr<sup>a</sup> Joselina da Silva – pelo acolhimento humanizado em suas aulas e pelo encorajamento que me transmitiu.

À Drª Cícera Nunes – pela sabedoria de sua humildade.

À Drª Ângela Linhares – pelas leituras do texto e suas valorosas contribuições;

Ao Dr. Wellington Pará – pela força de seus gestos e suas palavras verdadeiras.

Aos companheiros(as) da Caravana Cultural Quilombola de Caucaia, por acreditarem no meu potencial.

A todos(as) que torcem por minhas conquistas e na medida do possível estão comigo compartilhando do meu caminhar.

## RESUMO

A realização desta pesquisa deu-se a partir da necessidade de ampliar os significados do pertencimento afroquilombola, para contribuir com o empoderamento das pessoas da comunidade Serra do Juá, a partir da trajetória de construção da minha negritude. O campo da pesquisa foi a comunidade quilombola Serra do Juá, onde teve a participação de 15 co-pesquisadores(as) no período de 2013 a 2015. Para descobrir como as pessoas vivenciam o sentimento de pertença, cultura e ancestralidade africana, fazendo relação com suas histórias, trajetórias e lugares de referência em sua vida, formulei os seguintes questionamentos: Como os marcadores das africanidades, trabalhados pela Pretagogia podem permitir a apropriação dos elementos que contribuem para o fortalecimento do pertencimento afroquilombola? Como a Sociopoética pode contribuir com a potencialização dos corpos e da memória coletiva para a aproximação das temáticas das africanidades? Esses questionamentos motivaram-me a descobrir informações potencializadoras para que a comunidade tivesse mais engajamento nas lutas e resistências. Os principais autores que utilizei foram: Jacques Gauthier (2012) com a temática da Sociopoética, onde precisei introduzir técnicas para o destravamento dos corpos e da memória individual e coletiva; Petit (2015) sobre a Pretagogia e os marcadores das africanidades, que trouxe a principal contribuição para a produção dos conhecimentos, Semedo (2010), com as riquezas do *Pano de Pente* guineense, e Silva (2013) sobre as experiências com práticas pretagógicas em sala de aula, que me deu elementos concretos de utilização dessa metodologia, entre outros(as) que foram fundamentais para as minhas leituras e conclusões. Descobri que o pertencimento afroquilombola é um conceito amplo de sentidos e significados. As pessoas demonstraram interação, pois antes dos trabalhos elas mantinham-se caladas, com timidez e depois das oficinas passaram a se expressar mais a vontade, através de várias linguagens, orais e corporais, manifestando o sentimento de pertença. Assim, concluo que a Pretagogia e a Sociopoética foram protagonistas na assunção de atitudes afirmativas dos/as co-pesquisadores/as.

**Palavras-chaves:** Pertencimento. Afroquilombola. Pretagogia.



## ABSTRACT

This research took place from the need to expand the meanings of afroquilombola belonging to contribute to the empowerment of the people of Sierra Jua community, from the construction path of my blackness. The field of research was the quilombo Serra do Jua, which had the participation of 15 co-investigators (as) in the period 2013 to 2015. To find out how people experience the feeling of belonging, culture and African ancestry, making relationship with their histories, trajectories and reference places in your life, I have formulated the following questions: As markers of Africanities, worked by Pretagogia may allow the appropriation of elements that contribute to the strengthening of afroquilombola belonging? As the Sociopoética can contribute to the empowerment of bodies and collective memory for approaching the themes of africandiades? These questions led me to discover potentiating information for the community to have more engagement in the struggles and resistances. The main authors I used were: Jacques Gauthier (2012) with the theme of poetics, which needed to introduce techniques for unlocking the bodies and individual and collective memory; Petit (2015) on the Pretagogia and markers of Africanities, which brought the main contribution to the production of knowledge, Semedo (2010), with the riches of the Guinean Comb cloth, and Silva (2013) on experiences with pretagógicas practices classroom, which gave me concrete evidence of use of this methodology, among others (as) that were fundamental to my readings and conclusions. I found that the afroquilombola belonging is a broad concept of senses and meanings. People demonstrated interaction, because before the work they had remained silent, timidly and after the workshops began to express more will, through various languages, oral and body, expressing the sense of belonging. Thus, I conclude that Pretagogia and Sociopoética were protagonists in the assumption of positive attitudes / co-researchers / the.

**Keywords:** Belonging. Afroquilombola. Pretagogia.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Pai José, o Chefe do Quilombo .....	29
Figura 2	– Apresentação: “A África que veio para o Brasil” .....	33
Figura 3	– Mulheres quilombolas participando de evento na Sede de Caucaia .....	34
Figura 4	– Grupo U.C.A.SE realizando a “Dança da Cabaça” .....	38
Figura 5	– Pilando o inhame para degustação coletiva .....	39
Figura 6	– Estudantes apresentando pesquisa sobre Maria Iracema .....	44
Figura 7	– Oficina de artesanato do grupo PIRACEMA .....	51
Figura 8	– Trabalhos com retalhos .....	52
Figura 9	– Atividade com a Caravana no quilombo Serra da Rajada (2015) .	54
Figura 10	– Oficina de sabonete natural de babosa no quilombo Serra do Juá	55
Figura 11	– Realização do I Prêmio Sankofa .....	58
Figura 12	– Palestras flutuantes, ministradas por representantes da Caravana Quilombola .....	61
Figura 13	– Oficina de pertencimento afroquilombola – V Povos do Mar – SESC/CE – Ago/2015 .....	63
Figura 14	– Técnica da Sociopoética .....	68
Figura 15	– Técnica de relaxamento sociopoética .....	69
Figura 16	– Estação: culinária .....	78
Figura 17	– Allan e Álisson fazendo a leitura da história Os Sete Novelos .....	79
Figura 18	– Participantes da estação assistindo o documentário do Mestre Vitalino .....	80
Figura 19	– Símbolos Adinkras.....	81
Figura 20	– Estudos do texto sobre as brincadeiras quilombolas .....	82
Figura 21	– Mulheres preparando a moqueca de banana .....	84
Figura 22	– Mestre da Sanfona – Zé da Lourdes .....	87
Figura 23	– Banda das brincadeiras .....	92
Figura 24	– Banda da culinária .....	92
Figura 25	– Pano de Pente pronto para ser usado como Parangolé .....	93

Figura 26 – Maria Suelina vestindo o Parangolé .....	95
Figura 27 – Pessoas no cortejo .....	96
Figura 28 – Geraldinho com o pano de pente .....	97

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACRQSJ	Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo de Serra do Juá.
CEQUIRCE	Coordenação Estadual de Quilombolas Rurais do Ceará.
EJA	Educação de Jovens e Adultos.
EEIEF	Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental.
FCP	Fundação Cultural Palmares.
PCC	Plano de Cargos e Carreira.
SME	Secretaria Municipal de Educação.
SEGAP	Secretaria de Governo e Articulação Política.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO: CONSTRUINDO A MINHA PERTENÇA AFROQUILOMBOLA .....</b>	<b>12</b>
1.1	O encontro com minha própria história .....	17
1.2	Identificando as africanidades em minha vida .....	25
<b>2</b>	<b>INFLUÊNCIAS DA PRETAGOGIA NO PROTAGONISMO QUILOMBOLA .....</b>	<b>49</b>
2.1	PIRACEMA: o protagonismo das mulheres quilombolas de Serra do Juá – Caucaia – CE .....	49
2.2	Vivenciando a filosofia <i>Ubuntu</i> na Caravana Cultural Quilombola de Caucaia .....	53
<b>3</b>	<b>A SOCIOPOÉTICA E A PRETAGOGIA MOSTRANDO NOVOS CAMINHOS PARA O PERTENCIMENTO AFROQUILOMBOLA .....</b>	<b>64</b>
3.1	O despertar dos corpos e das memórias ancestrais através das técnicas da Sociopoética .....	64
3.2	A Pretagogia abrindo os mundos da Cosmovisão africana através das próprias vivências .....	70
3.3	Jornada Afroquilombola na Serra do Juá: as estações de aprendizagens protagonizando a construção do pertencimento .....	73
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>100</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>104</b>
	<b>ANEXO A – MAPA DO OESTE DA ÁFRICA .....</b>	<b>109</b>
	<b>ANEXO B – POESIAS DA AUTORA .....</b>	<b>110</b>

## 1 INTRODUÇÃO: CONSTRUINDO A MINHA PERTENÇA AFROQUILOMBOLA

Esta dissertação fala sobre as contribuições da Pretagogia para o empoderamento de uma comunidade quilombola e este capítulo aborda como foi pensada e trilhada a trajetória da pesquisa a partir da narrativa da construção do meu pertencimento afroquilombola. Trajetória que me permitiu buscar as respostas baseadas no conceito da *porteira de dentro*, termo usado por Mãe Stella de Oxossi – Salvador – Bahia, que se refere à necessidade de nos colocarmos com um olhar de dentro, não com a exterioridade de um visitante ou estranho, como determinados pesquisadores que investigavam no seu terreiro. Portanto, trago aqui o processo de construção do meu pertencimento como mulher negra e quilombola.

O município de Caucaia – Ceará é privilegiado por ter 09 comunidades quilombolas reconhecidas, sendo 05 delas certificadas pela Fundação Cultural Palmares desde 2012 e 04 em processo de reconhecimento. O movimento quilombola em Caucaia se iniciou no ano de 2010, e a comunidade quilombola Serra do Juá, é uma das que vem se fortalecendo gradativamente com a construção de seu pertencimento afroquilombola. O nosso quilombo exibe belezas naturais exuberantes, altitude acima de quatrocentos metros e um povo alegre e acolhedor.

O meu interesse em realizar a pesquisa neste contexto, deu-se pela minha aproximação com a comunidade, levando em consideração que sou filha natural de lá e desde que iniciei os diálogos sobre as questões étnico-raciais venho promovendo atividades envolvendo essa temática.

Esta pesquisa se realizou com um grupo de quinze pessoas da comunidade quilombola Serra do Juá – Caucaia – Ceará. A princípio eu fazia os seguintes questionamentos: como a escola pode desenvolver uma educação que contribua com a autoafirmação da comunidade no sentido de sua assunção étnico-racial e quilombola? De que modo podem incorporar no Projeto Político-Pedagógico as vivências da própria comunidade? Como envolver a comunidade quilombola no processo educativo desenvolvido na escola? O meu interesse começa quando percebo que muitas pessoas de nossa comunidade desejam ir além, conhecer outros horizontes, fazer novas descobertas e também porque sou testemunha que a oportunidade de conseguir uma formação acadêmica é um sonho por muitos não alcançados, principalmente quando vivenciamos este contexto.

Neste período (2013), eu já assumia a gestão da escola local, então, pretendia que a comunidade se envolvesse mais, para construirmos uma proposta de efetivação da Educação Escolar Quilombola. Refletindo o pensamento de Nelson Mandela<sup>1</sup> quando afirma que a educação é uma arma muito poderosa e a melhor que temos para mudarmos as desigualdades do nosso país, coloco-me como protagonista do processo de luta por uma educação que valorize as nossas tradições e nos faça sujeitos construtores dos nossos caminhos.

Além disso, também há o desejo de transmitir a história da minha comunidade, as resistências e as conquistas adquiridas nesta caminhada. Conseguir falar da minha trajetória de luta, é um estímulo para meu povo, no sentido de que todos(as) podem conseguir realizar seus sonhos. Assim, entendemos que somos destinados(as) ao coletivo e que é necessária essa compreensão, para conseguirmos alcançar as políticas que nos são de direito. Esse processo serve para nos impulsionar rumo a outros horizontes que queremos conquistar.

A realização desta pesquisa se constituiu em um momento histórico e de muita relevância para nós quilombolas da Serra do Juá, porque assim, mostramos que existimos, temos memórias, histórias, sentimentos e saberes tradicionais, sabendo referenciá-los nas nossas próprias vivências.

Neste trabalho, fui buscar os elementos que nos identificam como pertencentes às raízes africanas. Por tanto, tive que embasar minhas descobertas dialogando com diversos autores, como Petit (2015), o meu principal suporte para conhecer a Pretagogia e os marcadores das africanidades<sup>2</sup>, Gauthier (2012), que permitiu uma ventania de informações preciosas sobre a Sociopoética, Semedo (2010), que apresentou uma inspiração profunda e emocionante do *Pano de Pente*<sup>3</sup> e da cabaça, como artefatos culturais importantíssimos em Guiné-Bissau, e que trouxe uma relação forte com minha comunidade, Silva (2013) que me permitiu outras informações, reflexões e exemplos práticos da origem e práxis da Pretagogia, Bernat (2013) que me encantou com as descrições do *griot* Sotigui Kouyaté em sua infinita sabedoria ancestral, de valorização das culturas africanas, dentre tantos

---

<sup>1</sup> Nelson Mandela foi um importante líder político da África do Sul, que lutou contra o sistema de apartheid no país.

<sup>2</sup> Referem-se àquilo que nos permite identificar uma conexão histórico-cultural com a África. São marcas daquilo que nos conecta, desde membros da nossa linhagem, práticas religiosas e espirituais, artísticas, de saúde, culinária, arquiteturas, presentes no cotidiano de todos os brasileiros e brasileiras. (FARIAS; PETTIT, 2015, p. 137).

<sup>3</sup> Tecido tradicional guineense, confeccionado por homens das etnias Manjacos e Papel. Será explicado melhor seu sentido, no terceiro capítulo.

outros(as) que contribuíram para a fundamentação da pesquisa e compreensão dos caminhos que me levaram às conclusões.

Depois de certo tempo, todos os estudantes da EEIEF Maria Iracema do Nascimento, onde eu havia iniciado as primeiras reflexões da pesquisa, foram remanejados para outra instituição escolar, devido ao êxodo constante da comunidade. Muitas famílias tiveram que sair em busca de melhores condições de sobrevivência e com isso a escola foi perdendo público significativamente.

Em 2009 quando assumi a gestão da escola quantificávamos 72 estudantes da Educação Infantil ao 9º ano já em 2014, passamos a ter 18 estudantes distribuídos em 09 séries/anos, funcionando com 02 turmas multisseriadas. Apesar do número pequeno de estudantes eu, assumi a função de Diretora e Coordenadora e com a professora Maria Eliete, conseguimos desenvolver um bom trabalho pedagógico.

Eliete se identificava com as minhas ideias, de trabalhar com a Educação das Relações Étnico Raciais, pois ela tem especialização com ênfase na diversidade e interage muito bem com a temática.

Trabalhamos com projetos interdisciplinares, e temas geradores obtendo boa aceitação do corpo discente e das famílias. No final do segundo semestre de 2014, Eliete sentiu sua saúde fragilizada e naquele momento não foi possível que continuasse o trabalho em uma escola com localização tão difícil quanto a nossa. O difícil acesso e a precariedade de transporte fez com que ela optasse por não renovar seu contrato. Além, da desistência de Eliete, a única auxiliar de serviços que a escola possuía adoeceu com problemas na coluna e teve que se afastar, permanecendo até a presente data de licença médica.

Diante deste quadro caótico de dificuldades, o Secretário de Educação Ambrósio Ferreira Lima, decidiu com a comunidade remanejar os(as) 18 estudantes para a EEIEF Adélia Crisóstomo a 6,5 km de distância. Com o transporte escolar garantido, os(as) estudantes hoje frequentam turmas regulares, com profissionais especializados nas áreas de ensino de acordo com a regulamentação da Lei Nº 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica.

Durante o segundo semestre de 2014 a EEIEF Maria Iracema do Nascimento funcionou apenas com atividades administrativas. No início de 2015, reivindicamos a demanda de Educação Infantil, de acordo com a Resolução Nº 08 de 2012, não é permitido o remanejamento de crianças menores que 06 anos para



outra comunidade, por se considerar importante a vivência familiar e comunitária para o desenvolvimento da criança. Assim, a nossa escola passou a ser nucleada à da EEIEF Adélia Crisóstomo e conta apenas com uma professora e 08 estudantes na faixa etária de 02 a 05 anos.

Mesmo com a reivindicação atendida, o público co-pesquisador ficou muito limitado. Tive que repensar as mudanças e adaptar-me ao novo cenário que se apresentou.

Então, fiz uma reformulação das pesquisas anteriores, dos estudos e da problemática da comunidade. Percebi que as pessoas da comunidade tinham muitas dificuldades de expressar seus sonhos, desejos e reivindicações, tendo a minha própria pessoa como reflexo dessas constatações. Nós quilombolas, ainda sofremos muita pressão por parte de proprietários de terras e pelos descasos governamentais, pois as políticas públicas continuam distantes de uma efetivação completa.

Partindo dessa identificação e dos resultados da pesquisa “O Ser Negr@”, realizada também na Serra do Juá, quando participei do curso de Especialização para Formação de Professores de Quilombo, promovido entre 2010 e 2011 pela Universidade Federal do Ceará (UFC), eu percebi a necessidade de ampliar essas discussões sobre o pertencimento afroquilombola<sup>4</sup>.

Os Movimentos Sociais têm conseguido muitos avanços no que diz respeito a aprovação de leis que fundamentam nossas lutas. O Decreto nº 4887/2003 define o conceito de comunidade remanescente de quilombo em seu Art. 2º como “os grupos étnico-raciais, segundo critério de auto-atribuição, com trajetória própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” e também afirma que:

**Art. 2º**

§ 1º

Para os fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade. (BRASIL, 2003, p. 1).

Além deste Decreto, temos diversas leis que contribuem com a efetivação das políticas públicas, para a população negra e quilombola. Podemos citar alguns exemplos como a própria Constituição Federal de 1988, Art. 65 do Ato das Disposições Transitórias, quando afirma que “Aos remanescentes das comunidades

---

<sup>4</sup> Termo que utilizamos para explicar a nossa relação com as culturas africanas, porém, representando o contexto quilombola.

dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.” (BRASIL, 1988, p. 28); a Lei nº 9.394/96, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), na redação dada pela Lei nº 10.639/2003 que determina o “ensino da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil”; a Lei nº 12.288/2010, que institui o Estatuto da Igualdade Racial; a Resolução CNE/CP nº 1/2004, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, fundamentada no Parecer CNE/CP nº 3/2004; a Resolução nº 8/2012 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, entre outras.

A pesquisa de campo deu-se com a participação de pessoas com diferentes idades, porque preferimos trabalhar com a intergeracionalidade, uma marca das africanidades. Segundo Bernat (2013) no núcleo familiar, a vida transcorre com todas as suas manifestações, onde o trabalho, a educação, a alimentação e lazer não possuem barreiras, sendo estes aspectos interligados sem divisões nem exclusões. Para Bernat (2013, p. 48),

Na formação do homem na África Ocidental, aprende-se desde pequeno a conviver com ofícios e estímulos variados ao mesmo tempo. Assim, nesse local, as mulheres cozinhavam, lavavam roupa, marceneiros construíam móveis, costureiros criavam modelos para mulheres e homens, vendedores nigerianos vendiam objetos de prata, *griottes* cantavam, músicos tocavam seus instrumentos, crianças brincavam e o tempo todo se contavam histórias.

As filosofias africanas tradicionais atribuem grande importância à interação entre as faixas etárias, porque, assim garante-se perpetuação dos costumes e tradições dos povos. No nosso caso é fundamental que as crianças estejam interagindo para melhor alcance dos conhecimentos e das informações.

Foram realizadas duas oficinas, desdobradas em cinco momentos, com cinco *estações de aprendizagem*<sup>5</sup> cada uma, duas entrevistas com mestres e lideranças, construção de um produto didático “o *Pano de Pente Afroquilombola*” e a

---

<sup>5</sup> Cada estação é um cantinho onde colocamos material para apropriação de alguma dimensão de estudos [...] Em cada estação deixamos uma tarefa a ser executada após um tempo dedicado e apropriação. (PETIT, 2015, p. 128).

culminância para a utilização da técnica do Parangolé<sup>6</sup> como instrumento tradutor do ser quilombola potencializando seu pertencimento.

Escolhi o referencial teórico-metodológico da Sociopoética para aprimorar o processo de destravamento dos corpos, das memórias e das atitudes, e a Pretagogia para identificar elementos referenciais de raízes africanas, fortalecer o pertencimento afroquilombola e construir produtos que promovam a autonomia das pessoas da comunidade Serra do Juá.

Essa necessidade de aprofundar a temática me proporcionou novas perguntas norteadoras, mais adequadas ao momento e mais coerentes com a situação atual da escola e da comunidade. A principal foi **Como a Pretagogia pode contribuir para o fortalecimento afroquilombola?** As secundárias foram: **Como a identificação dos marcadores das africanidades pode permitir uma melhor apropriação do pertencimento afroquilombola? Qual o papel da Sociopoética na potencialização dos corpos para a construção coletiva de produtos didáticos fortalecedores?**

### 1.1 O encontro com minha própria história

Viver sem história é ser uma ruína ou trazer consigo as raízes de outros. É renunciar à possibilidade de ser raiz para outros que vêm depois. A história é uma fonte na qual poderemos não apenas ver e reconhecer nossa própria imagem, mas também beber e recuperar nossas forças, para prosseguir adiante na caravana do progresso humano. (KI-ZERBO, 2010, p. 57).

Sou Cláudia de Oliveira da Silva, nasci em 20 de novembro de 1975 na comunidade Serra do Juá - Caucaia. **Sou privilegiada desde o meu nascimento, pois o dia 20 de novembro é um marco para a população negra e quilombola (1).** É data da morte do maior líder do Quilombo dos Palmares, o Rei Zumbi. Não foi a toa que meus ancestrais me fizeram nascer no chão sagrado, pelas mãos da parteira “Mãe Conceição” no dia que foi consagrado à Consciência Negra. Zumbi, grande guerreiro quilombola é considerado o ícone das nossas lutas e como dizem Modibo e Ndiaye (2015, p. 356) em um provérbio africano, “Não há a menor dúvida, qualquer nascimento decorre do pai e da mãe, contudo, caracteres como coragem, honra, responsabilidade, dignidade, são o apanágio da pessoa em si.”

<sup>6</sup> Vestimenta que estimula a imaginação, usada como técnica de interpretação artística por Hélio Oiticica. Será explicado mais adiante.

Modibo e Ndiaye (2015) ressaltam o reconhecimento ao Zumbi dos Palmares como o herói dos(as) afro-brasileiros(as) e da América Latina. Eu também trago em minha vida a herança do sangue negro e a vontade de lutar pela liberdade de meu povo.

Sou filha de Marina Barbosa de Oliveira, meu pai biológico nunca conheci. Fui criada e registrada por Domingos Pereira de Oliveira e Raimunda Barbosa da Silva, (avós maternos), os melhores pais que eu podia ter. Sou mãe de Claudenilson Allan, o meu presente de Deus, que me inspira, me anima e me fortalece na luta diária da vida. Tenho 06 irmãos biológicos: Kátia, Roberto, Adriano, Francisco, Gerciano, Sérgio e 03 irmãos de criação: Antonio, Rosalina e Antonia. Na minha infância tive muitas dificuldades materiais, mas os laços afetivos foram fortes por parte dos meus pais (avós). Minha mãe Raimunda está no plano espiritual desde 31 de julho de 2015, meu pai (avô) há 13 anos.

Trecho do poema *Incertidão de Óbito*:

"A vida é um prematuro sonho.

Só morre quem nunca viveu." (COUTO, 2014. p. 8).

**Minha mãe (avó) nasceu na localidade Corrente – Caucaia (2)**<sup>7</sup>, situada próxima à Serra da Rajada, de onde vieram os primeiros habitantes da Serra do Juá. A Serra da Rajada era uma grande fazenda de café, onde havia um castelo, uma Casa-Grande e uma senzala. Ainda hoje no topo da Serra, que faz divisa com o município de Maranguape existem os escombros dessas edificações e as correntes onde os(as) escravizados(as) sofriam castigos. Em meados do século XIX algumas famílias migraram e instalaram-se na extensão da Serra do Juá, formando diversos grupos familiares, porém, todos eles com ligação de origem e parentesco. Esses pequenos povoados são denominados Palmeiras, Tiunvira e São Domingos. Com o passar dos anos todas as famílias se juntaram na Serra do Juá, formando um grande povoado, concomitante com as famílias que desceram para a comunidade de Porteiras. Ainda não foi feito o estudo antropológico para comprovar esses fatos, mas de acordo com o que diziam os nossos mais velhos(as), e pelas relações de parentesco entre as pessoas das duas comunidades, ambas reconhecidas pela

---

<sup>7</sup> Números referentes aos *Marcadores das Africanidades* identificados na minha história e que serão melhor compreendidos adiante.

Fundação Cultural Palmares<sup>8</sup> (FCP), podemos entender que esses são fatos históricos de grande relevância a serem considerados.

Havia um senhor chamado Antonio Piringa que vivia na comunidade Serra do Juá e morava na mata de forma primitiva. Segundo alguns moradores mais antigos que o conhecera, ele era um homem de pele muito negra, cabelos bem afros e de grande volume. Tinha em seu comportamento **atitudes de solidariedade e coletividade (24)**. Morava em uma cabana de palha de palmeira e dormia em esteiras. Fazia o fogo no chão e se alimentava de frutos silvestres e outros alimentos que ganhava das pessoas da comunidade, em troca de ajuda às famílias carregando lenha e água para suas casas.

Em uma conversa com o senhor Antonio José da Silva do Nascimento, o Mestre da sanfona “Zé da Lourdes”, atualmente morador da comunidade de Porteiras, mas que nasceu e se criou no pé da Serra do Juá, soube por ele que há muitos anos existia um senhor conhecido por “Tibita”, que vinha de uma comunidade litorânea de Caucaia e fazia uma espécie de **reisado (13)** na comunidade de Porteiras e Serra do Juá. Essa conversa foi compartilhada também pelo senhor Pedro “Pedão” um dos moradores mais velhos de Porteiras, e pelo senhor Alfredo “Alfredão” **homem rezador e conhecedor da religiosidade dos Orixás (26)**.

Tibita era esperado com ansiedade pelas comunidades. Ele passava em todas as casas, com uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, acompanhado por outros homens que tocavam **tambores, berimbaus e demais instrumentos artesanais (20)**. Quando Tibita chegava à Serra do Juá, as pessoas já o esperavam. Ele gostava de ficar na casa de um senhor chamado Manoel Grande, onde acontecia a festa. De acordo com Castro Júnior (2014),

Os acontecimentos das festas colocam em cena valores, artes, projetos e devoção. Eles expressam um modelo de ação popular que permite a revitalização da cidade onde está inserida, denotando, assim, um sentido de cidadania. O apoio e a participação da comunidade nas festas populares tornam-se de fundamental importância na continuidade dos valores históricos e culturais. Parece-nos que é importante considerar os acontecimentos nas festas como situações intensas de prazer, de vitalidade e satisfação. (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 28).

---

<sup>8</sup> Instituição pública criada em 22 de agosto de 1988, ligada ao Ministério da Cultura – Minc. Órgão que certifica as comunidades remanescentes de quilombos e está comprometida em combater o racismo, promover a igualdade racial, preservar a cultura negra, garantir os direitos individuais e coletivos da população negra e suas manifestações culturais.

As pessoas da casa já haviam matado porcos, galinhas e outros animais para fazerem a festa com Tibita. **Rapazes, moças, senhores, senhoras e crianças se divertiam com música, dança e comida (13)**. Ouvir essas histórias me fez lembrar o que diz Ondjaki (2013), quando se refere à viagem na imaginação ao ouvir as histórias de sua avó nas noites escuras:

O silêncio é uma esteira onde nos podemos deitar. Esteira de poeira cósmica, se eu olhar de novo o céu escuro. Esse azul do céu me lembra o chão do mar. Um mar, afinal, é só um deserto molhado, em vez de homens e camelos, tem peixes e canoas a passear nele. O deserto é parecido com o mar, o mar é parecido com o Universo só pode caber no coração das pessoas. (ONDJAKI, 2013, p. 18).

**Sempre ouvi essas histórias contadas pelos mais velhos nas casas de farinha (27)**. Tínhamos o costume de passar uma semana inteira preparando a **farinhada (5)** e pessoas de todas as idades participavam. Primeiro as pessoas se reuniam durante alguns dias, na casa de alguém ou na própria casa de farinha, para a raspagem da mandioca. Em seguida a mandioca era serrada em uma máquina moedeira movida à gasolina. A massa moída era colocada em um tanque com água para lavar e tirar a goma. As mulheres colocavam a mistura em um pano estendido sobre outro tanque, amassavam com as mãos e espremiavam a massa para retirar o excesso de água. Depois, essa massa já lavada era conduzida para uma prensa, (estrutura artesanal feita de madeira), onde era prensada com ajuda da força de homens até a massa ficar bem seca. Por último, a massa era torrada em um grande forno, transformando-se em farinha.

A água tirada da massa ficava descansando até a goma assentar para ser separada e misturada com coco para fazer as tapiocas e os beijus. Para retratar o conceito de casa de farinha, Vargas (2005 *apud* CALAÇA *et al.*, 2011, p. 247-248) afirma,

A casa de farinha é o lugar onde se faz farinha. É o espaço onde o homem exercita sua habilidade técnica, quotidianamente desenvolvida através dos anos de convívio-aprendiz com a natureza. Das raízes brutas que faz emergir da terra, realiza o prodígio do pó, no modelo da equivalência dos grãos.

Nas casas de farinha realizam os homens um ritual de transmutação. Mudam da casa do repouso e da alimentação para a casa do trabalho. Estendem-se para as casas de farinha. Todos da mesma família, em família com outros da comunidade.

À noite sempre se faziam **rodas de conversas para contar histórias de vida, histórias de assombração e outros causos da comunidade (3)**. Assim eu fortaleci minha estrutura emocional e afetiva que foi à base de minha educação e do meu pertencimento étnico-cultural. Ondjaki (2013) ainda referindo-se às suas vivências em Angola, seu país de origem, diz:

As nossas vozes espalhavam barulhos nessa varanda onde primeiro só havia cheiros. Os barulhos esquecem-se rápido. Ainda bem que os cheiros ficam bem presos na nossa memória das recordações. Eu acho que quando formos crescidos vamos gostar de reencontrar estas coisas do nosso antigamente. Num qualquer futuro onde eu encontrar cheiro [...] Ela vai estar um pouquinho lá. (ONDJAKI, 2013, p. 91).

Encontrar **“meu antigamente” me trouxe memórias de minha infância na escola (4)**. Quando comecei a estudar tinha sete anos idade, e a escola isolada ficava há mais de dois quilômetros de minha casa. Minha mãe ia todos os dias comigo e com meus primos(as), porque o trajeto era perigoso, com muitos sítios de bananeiras e trilhas fechadas. Apesar de ser analfabeta, ela lutou bastante para que todos(as) nós aprendêssemos a ler e escrever. Assim como diz, Semedo (2010) ler e escrever é um instrumento para a (re)escrita da nossa própria história.

Eu adorava as histórias encantadas e assim que aprendi a ler, passava horas lendo para meu pai que amava ouvi-las. Ainda me lembro de como ele gostava de romances e cordéis, como o Pavão Misterioso e o Caçador Mentiroso. Tínhamos uma vizinha chamada, Dona Mundica, que colecionava romances e os emprestava para eu ler.

Meu pai era meu mestre, eu o admirava, pois mesmo sendo analfabeto, era autodidata e possuía vasto conhecimento empírico. Lembro-me de como falava de vários países do mundo, debatia sobre política, era bem informado sobre economia e ainda possuía saberes de matemática. Os proprietários o convidavam para marcar as fronteiras de suas terras.

**A natureza era seu livro, com o qual aprendeu através das observações (25)**. Sabia se o inverno ia ser chuvoso, se era ano de pragas na lavoura. **Era raizeiro, mestre em remédios caseiros, preparava chás, compressas, pó de cascas e banhos (11)**. Era homem honesto, solidário, mas sofrido pela escassez da vida. Ele trabalhou ao lado de sua esposa, para criarem 08 filhos e 04 filhas, depois mais sete netos(as). Ao todo tiveram 19 filhos(as), tendo hoje 11 no plano espiritual, dos quais, 07 nem chegaram a nascer, pois foram abortados por doenças que minha

mãe adquiriu, como sarampo ou catapora e 08 estão vivos. Retratando a história de meu pai, faço referência ao que afirma Couto (2011),

Sou biólogo e viajo muito pela savana do meu país. Nessas regiões encontro gente que não sabe ler livros. Mas que sabe ler o seu mundo. Nesse universo de outros saberes, sou eu o analfabeto. Não sei ler sinais da terra, das árvores e dos bichos. Não sei ler nuvens, nem o prenúncio das chuvas. Não sei falar com os mortos, perdi contato com os antepassados que nos concedem o sentido da eternidade. Nessas visitas que faço à savana, vou aprendendo sensibilidades que me ajudam a sair de mim e a afastar-me das minhas certezas. Nesse território, eu não tenho apenas sonhos. Eu sou sonhável. (COUTO, 2011, p. 14-15).

Eu seguia os passos de meu pai, **participava de suas experiências, como uma espécie de iniciação (8)**. Ia para o roçado, capinar mato, apanhar feijão, quebrar milho, apanhar arroz e algodão. Eram plantas cultivadas na serra quando eu era criança. Meu pai tinha um cavalo e nós dois saíamos para passear cavalgando de uma comunidade para outra. Esse costume de cavalgar era muito comum na Serra do Juá e ainda hoje tenho saudades das andanças em meio à natureza, sentindo o vento bater no rosto, o cabelo esvoaçar e a sensação de liberdade invadir o meu ser.

#### **PAI: Meu Espelho Humano**

Meu herói, meu sonhador,  
Minha luta, meu seguir,  
Minha busca, meu encontro,  
Minha vida, meu construir.

Meu alento, meu conforto,  
Minha força, minha fé,  
Meu tesouro, minha pérola,  
Minha reserva de axé!

Essas lembranças estiveram bem refrescadas nas oficinas com o Educador Físico Norval Cruz no referido Curso de Especialização que aconteceu no quilombo de Novo Oriente. As experiências com Norval fortaleceram ainda mais a minha relação com a natureza. Eu era uma pessoa travada nas minhas atitudes e cheia de medos, adquiridos pelas opressões que as comunidades quilombolas sempre sofreram. Um exemplo marcante dessa atividade foi a caminhada que fizemos até uma grande pedra na comunidade quilombola de Minador – Novo Oriente – CE. O professor junto com o líder quilombola Seu Pedro, orientaram todo o trajeto e eu consegui vencer o medo e subir a gigante pedra depois de ter caminhado cerca de



dois quilômetros. Foi muito lindo poder ver a comunidade lá do alto. Posteriormente participei de outras atividades com esse perfil.

#### **Eu e a natureza**

Eu estou na natureza  
E a natureza está aqui  
Em meu ser, meu viver.

Somos parte de um todo  
Costurados pelo fio cósmico  
Que cinge nossos destinos.

A Terra é minha morada  
O Universo é meu caminho.

Minha primeira professora foi a Tia Maria das Graças, como gostava de ser chamada. Ela sempre preparava momentos de vivências fora da sala de aula, estimulando a cooperação, a amizade e o companheirismo. Quando passei a estudar no Grupo Escolar, percebi ações de preconceito, discriminação racial e social. A poesia a seguir traz uma reflexão sobre o racismo que ainda hoje sofremos.

#### **RAÍZES**

Pode até dizer que é loucura diga o que quiser.  
É essa vida dentro de nós que não nos deixa morrer.  
Mesmo nos braços da morte levantamos as mãos.  
Essas mãos que são verdes e nos fazem crescer, que sussurram e cantam.  
Pode então dizer que somos selvagens, as perdidas do campo de flores,  
nos tornamos um campo de flores.  
Pode dizer que é loucura.  
Somos selvagens que são essas nossas raízes, é essa luz dentro de nós, é  
essa nossa luz, é a luz, pode dizer tudo que quiser, diga o que quiser.  
O RACISMO FERRE, DESEQUILIBRA, ADOECE E MATA. (CLIFTON. 2008,  
p. 60).

**Cheguei a presenciar crianças negras e pobres terem de ficar sem lanche porque a taxa escolar estava em atraso (23), mesmo a alimentação sendo oferecida pelo município.**

**Na minha vida escolar não me lembro de algo positivo sobre os negros nos livros didáticos e nem na universidade. O(a) negro(a) era visto(a) apenas como escravizado(a) (23).**

O Grupo Escolar de Primeiro Grau (atualmente E.E.I.E.F. Maria Iracema do Nascimento) foi uma grande oportunidade para todos nós, porque apesar da precariedade de alimentos e materiais didáticos, a estrutura física era satisfatória com mobiliários e espaços adequados para desenvolver os trabalhos. Estudei lá por

dois anos na 4ª série primária, porque fiquei reprovada um ano e em seguida fui convidada para ser alfabetizadora. Nessa época (1990) as pessoas rejeitaram-me por ser inexperiente, porém, por falta de pessoas para assumir essa função, a escola não teve outra opção, então, iniciei o trabalho e dessa forma passei dez anos ministrando as aulas sem formação profissional. Tinha esperança de concluir meus estudos e no ano 2000 comecei a fazer o curso de Formação de Professores em Exercício – PROFORMAÇÃO. Nesse curso concluí a Educação Básica e Pedagogia em Nível Médio – 4º Pedagógico.

Encontrei grandes professores(as) que se tornaram companheiros(as), incentivadores(as) e amigos(as) como o professor Zacarias Rocha e todos(as) os(as) outros(as) que me acolheram fortalecendo o meu potencial individual e coletivo.

Quando refleti sobre as minhas vivências no Curso de Especialização de Formação de Professores de Quilombos com Sandra Petit, tive a oportunidade de encontrar-me e relacionar-me com as raízes africanas presentes em minha vida. De acordo com Paré, Oliveira e Velloso (2007) é esse olhar diverso que permite o nosso próprio encontro, a nossa própria descoberta.

Na cultura africana tradicional, todos os elementos da vida estão interligados. A religião, a política, a família, o território, a moradia somente têm sua função plenamente cumprida se estão intrinsecamente relacionados, e sua existência formal e estrutural está profundamente conectada com a estrutura dos demais itens da vida. (PARÉ; OLIVEIRA; VELLOSO, 2007, p. 6).

Fazendo relação com todos os elementos da minha história de vida foi que encontrei a peça-chave para o meu pertencimento afroquilombola num longo processo de busca. Conhecer-me e identificar as africanidades em mim, para depois perceber o mundo que me rodeia para ser sujeito das minhas próprias atitudes, foi um novo desafio.

Em 2004 fiz um curso de especialização em História e Sociologia e resolvi escrever a monografia sobre a Herança Cultural dos Negros no Ceará. A professora orientadora achou que era um tema difícil, pois ela não tinha preparação para tal, mas orientou-me como pôde, na maioria das vezes, por e-mail. Eu tinha que ir para uma *lan house*, gravar o arquivo em CD, ler, fazer as alterações e devolver para as correções necessárias.

Não tive oportunidade de aprofundar os estudos sobre algum elemento da cultura afro-brasileira, porque não tive indicação bibliográfica e nem orientação para uma pesquisa de campo. Na realidade eu fiz algumas pesquisas na internet, de forma limitada, já que na comunidade não havia esse recurso. Apesar dos obstáculos, insisti em pesquisar sobre os(as) negros(as), devido às inquietações que me perturbavam. Esse trabalho foi suficiente para aumentar a minha curiosidade e ansiedade em relação às africanidades e às minhas raízes afrodescendentes.

## 1.2 Identificando as africanidades em minha vida

### Identidade

Preciso ser um outro  
para ser eu mesmo

Sou grão de rocha  
Sou o vento que a desgasta

Sou pólen sem inseto

Sou areia sustentando  
o sexo das árvores

Existo onde me desconheço  
aguardando pelo meu passado  
ansiando a esperança do futuro

No mundo que combato morro,  
no mundo por que luto nasço. (COUTO, 2011, p. 13).

Em meu íntimo não me sentia satisfeita, porque uma força interior me motivava a buscar as minhas raízes ancestrais. Não sofri discriminação racial, porque tenho pele clara, mas fui discriminada por morar na zona rural e não ser bem sucedida financeiramente. Ainda hoje, há pessoas que me questionam por eu me autodeclarar negra e quilombola, mas neste texto discorro sobre meu autoconhecimento e minhas afirmações.

Isso me perturbava bastante, porém, ao participar do curso de História da África e dos Afrodescendentes para Formação de Professores de Quilombo, sob a coordenação da professora Dr<sup>a</sup>. Sandra Petit, pela Universidade Federal do Ceará - UFC, percebi que morar no campo é um grande privilégio. É sagrado estar em contato com a natureza e os saberes ancestrais.

A simplicidade do modo de vida na comunidade quilombola pode desvendar grandes feitos e hoje tenho cada vez mais orgulho, por fazer parte da minha comunidade. Por muito tempo **vivi os costumes, crenças e tradições afrodescendentes repassadas por gerações (8)**, mas só as identifiquei como valor histórico-cultural na formação de professores de quilombo que me proporcionou outra visão sobre as africanidades presentes em meu cotidiano.

Fui convidada para fazer esse curso pelo articulador político que trabalhava na Secretaria de Governo e Articulação Política de Caucaia (SEGAP), o senhor Leonardo Sampaio. Ele estava frequentando a comunidade há alguns dias porque realizava um trabalho de mapeamento dos povos que moravam no município. Esse trabalho envolvia as pessoas e faziam-nas refletirem suas origens, foi então que o grupo de Seu Leonardo identificou as (09) comunidades quilombolas, dezenas de comunidades de religião de matriz africana, além de comunidades ciganas. Os povos originários indígenas da etnia Tapeba, já eram identificados há muito mais tempo. A partir dessa descoberta as pessoas foram se envolvendo e organizando suas associações com o apoio jurídico e técnico da SEGAP.

Em uma conversa com Leonardo Sampaio eu lhe falei sobre a pesquisa bibliográfica a respeito da herança cultural dos(as) negros(as) no Ceará que eu havia realizado em 2006. A partir daí recebi o convite para conhecer a professora Sandra Petit e depois de ouvi-la fiquei encantada com a proposta do curso e logo me candidatei para participar.

O curso aconteceu nos quilombos de Minador e Bom Sucesso no município de Novo Oriente – Ceará. Quando se aproximou a data da viagem foi um misto de alegria e tristeza. Alegria por ir conhecer pela primeira vez um lugar mais distante da minha comunidade, pois até então, o lugar mais longe que eu tinha visitado era a cidade de Canindé, devido às romarias de São Francisco que a comunidade realiza até hoje. Tristeza por ter que me afastar de meu filho, pois nunca havia estado longe dele por mais de um dia e na primeira viagem tive que ficar três dias longe de casa.

Esse distanciamento dos meus mais próximos, filho e esposo, foi muito doloroso, mas em compensação foi o impulso para a minha autonomia. Comecei a fazer novos experimentos, novas vivências, outras atividades, conhecer pessoas, fazer amizades e descobrir novos horizontes.

Esse curso foi fundamental para as minhas descobertas que só se tornaram possíveis a partir das atividades propostas. O mesmo exigiu que cada cursista

passasse a pensar influenciado(a) pela noção de *porteira de dentro*<sup>9</sup>. Descobrir a nossa própria **negritude(19)** através das nossas histórias e vivências, é passar por uma iniciação para o nosso pertencimento afro.

Esse comportamento nos propicia ações a partir de nossas próprias vivências, histórias e memórias. No início foi muito difícil falar de nossas histórias e dos nossos saberes, pois eles estavam acorrentados em nossos corpos pela visão eurocêntrica imposta. Segundo Mia Couto (2006 *apud* BATISTA, 2013, p. 119) “A nossa viagem começa, não quando percorremos as longas distâncias, mas quando conseguimos travessar as nossas fronteiras interiores.”

A professora Sandra Petit, sugeriu a técnica da Árvore dos Afrossaberes. Técnica que utilizamos para registrar nossos saberes afros, em quantidade de sete saberes a cada sete anos. Depois do levantamento colocávamos nossos saberes afros numa árvore confeccionada por cada cursista, para depois escrever o texto da própria história de vida, identificando-a com a nossa negritude. Só assim foi possível ter uma visão ainda tímida sobre o **reconhecimento das africanidades em minha vida (19)**. Esse foi o ponto de partida e a principal ponte entre cada indivíduo e sua ancestralidade, possibilitando assim, o encontro com o pertencimento afrodescendente.

As vivências no curso foram extraordinárias, em todo momento me senti em casa, aconchegada, como quem chega à casa da mãe. Minha ancestralidade vibrava e se manifestava fortemente, fazendo com que eu me encontrasse. Fortaleci meus laços afetivos e minha solidariedade. Assim, pude descobrir quem sou, de onde venho e qual a influência africana na minha vida. Enfim, parti do meu próprio eu, reconhecendo-me na perspectiva afrodescendente para em seguida compreender as outras pessoas. O curso de Africanidades me fez ver que é maravilhoso o sentimento de pertença, de autoreconhecimento e afirmação.

Nos trabalhos finais do curso, tivemos o privilégio de estar com a Dr<sup>a</sup> Sandra Petit e Dr<sup>a</sup>. Geranilde Costa, fazendo orientações e intervenções na comunidade Serra do Juá.

O grupo que eu participei pesquisou como as pessoas se sentem e se percebem como negros(as) no Quilombo da Serra do Juá. O outro grupo pesquisou As Brincadeiras de Ontem e de Hoje, fazendo relação com as brincadeiras

---

<sup>9</sup>Termo utilizado por Mãe Stella de Oxóssi, quando se refere às africanidades, como algo que se identifica de dentro para fora e não o contrário.

guineenses. Como trabalho final além da monografia, foi exigida a elaboração de um *produto didático*<sup>10</sup> a ser utilizado pela escola. Com os dois grupos, elaboramos um livro paradidático intitulado “As Memórias Vivas dos Moradores da Comunidade Remanescente de Quilombo de Serra do Juá: O Ser Negro e o Resgate das Brincadeiras de Ontem e Hoje”. O conteúdo contempla algumas histórias, brincadeiras, ancestralidade, mitos, crenças, remédios caseiros, costumes, belezas naturais e outros aspectos das africanidades da comunidade Serra do Juá.

Segundo Petit (2015), chamamos produto didático algo que é construído coletivamente, como resultado da intervenção pedagógica e que envolve os seus sujeitos como autores(as), de modo criativo, participativo, democrático e interativo, visando apoiar didaticamente as aulas dos(as) professores(as), sempre num perspectiva de dinamicidade.

O produto (livro) construído naquele curso se tornou parte integrante do material de apoio pedagógico da EEIEF Maria Iracema e futuramente poderá chegar a outras escolas quilombolas do município para que todos(as) possam usufruir dessas histórias e repassá-las às novas gerações.

Na monografia do referido Curso, trabalhamos com técnicas de Sociopoética e em um dos momentos da pesquisa na comunidade, organizamos um evento à noite para a realização de uma oficina sociopoética, respectivamente sobre o Ser Negro(a) Quilombola e Brincadeiras do quilombo, das duas equipes que pesquisavam na Serra do Juá. O Ser Negro(a) Quilombola foi refletido pela técnica do Corpo Coletivo muito participativa apesar dos corpos travados. O relaxamento que a Sociopoética realiza como parte do processo de produção de dado pelos(as) co-pesquisadores(as) teve papel fundamental nesse processo de libertação da palavra.

A professora Sandra Petit conduziu o relaxamento corporal, onde as pessoas foram convidadas a deitar-se no chão, fechar os olhos e sentir cada parte de seu corpo sequencialmente. Os(as) participantes puderam buscar uma conexão íntima com suas tensões, seus medos, procurando o equilíbrio harmônico do seu ser.

Depois de estabelecida esta comunicação de si mesmo(a) e ainda de olhos fechados, foram orientados(as) a visualizar a parte do corpo humano que mais lhes

---

<sup>10</sup>Recurso didático-pedagógico produzido coletivamente. Ver mais adiante.

trazia a referência do Ser Negro(a) Quilombola. Ao retornar do relaxamento, foram solicitados a desenharem a parte do corpo visualizada no relaxamento. Com os desenhos prontos, o grupo se juntou para montar o corpo coletivo do personagem a quem deram o nome de “Pai José, o Chefe do Quilombo”.

Nesse momento aconteceu uma roda de conversa onde as pessoas foram convidadas a indagar ao personagem sobre o tema gerador: O Ser Negro (a) quilombola. Quando alguém fazia uma pergunta, qualquer pessoa da roda podia responder, colocando-se como Pai José e assim o grupo interagiu até que se sentiu contemplado em seus questionamentos.

As pessoas se envolveram no diálogo e fizeram muitas perguntas como eu referi no artigo coletivo escrito a respeito:

- Pai José por que você tem braços tão fortes?  
Porque é para lutar por vocês.
- Por que você tem tantas mãos?  
Para abraçar a todos e os seus descendentes e os dois corações são para caber todos vocês.
- O senhor está feliz como representante do quilombo?  
Sim. Porque o chefe é o rei.
- Por que você tem uma boca tão grande?  
Para me comunicar com todos e pedir proteção aos deuses. Mas diante de tanta grandeza, fico triste porque eu batalho muito e poucos ajudam. **A comunidade ainda não está unida o suficiente para buscar as melhorias de nosso povo (18).**
- Pai José, o que é mesmo ser quilombola?  
Ser quilombola é ser um povo trabalhador, lutador, incentivador e não desistir de seus sonhos.
- Por que no teu corpo existem várias partes como: dois corações, muitas mãos, muitas bocas?  
Porque representa as muitas cores e as raças.
- Pai José, diante de tanta dificuldade você já chorou?  
Sim. Porque me sinto triste com as dificuldades e meu sonho é educar o quilombo para que ele cresça e desperte os sonhos e os desejos de crescimento de nossos descendentes. (SILVA *et al.*, 2013, p. 44-45).

Figura 1 – Pai José, o Chefe do Quilombo



Fonte: arquivo da autora.

Sobre a pesquisa do Ser Negr@, Silva *et al.* (2013, p. 24) afirma:

A princípio percebemos um bloqueio dos co-pesquisadores ao falar do ser negro, mas durante a pesquisa foram visíveis as mudanças do grupo e seu comportamento mais maleável diante de suas respostas, participação e aceitação de sua origem afrodescendente.

O trecho refere-se ao bloqueio que as pessoas apresentaram ao falar de seus pertencimentos. Eu mesma sou resultado de alguém que vem se desprendendo aos poucos e construindo seu pertencimento negro e quilombola.

Sempre procurei lutar pelas melhorias da minha comunidade, e depois que iniciei a busca pelo meu pertencimento, também me senti motivada para fazer com que a comunidade se percebesse afroquilombola.

Em 2011, foi criada a Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo de Serra do Juá (ACRQSJ), a qual ainda faço parte de sua Diretoria.

### **1.1 EEIEF Maria Iracema do Nascimento: construindo valores e sentimento de pertencimento afroquilombola**

A EEIEF Maria Iracema do Nascimento foi inaugurada em 13 de março de 1987, em um momento solene com missa e com a presença de autoridades municipais, pessoas da comunidade e adjacência. Tem como patrona a nossa matriarca Maria Iracema do Nascimento, mulher negra, que nasceu em 06 de fevereiro de 1914 na comunidade Serra do Juá-Caucaia-CE. Faleceu em 2011 no local citado e era filha de Lucas Pereira e Isabel Pereira do Nascimento. Seu pai teve dois casamentos e ela veio da segunda geração de filhos(as). Lucas Pereira nasceu na comunidade Serra da Rajada ainda no século XIX, época em que o espaço era ocupado por coronéis que mantinham muitas pessoas escravizadas para trabalharem em diversas atividades.

Tia Iracema, como era chamada, passou sua vida na Serra do Juá e em sua infância teve que estudar fora da comunidade para depois contribuir com a educação local. Seus pais a colocaram em uma escola muito distante onde aprendeu a costurar e bordar em máquina e manualmente, além, de fazer renda e vários tipos de artesanato.

Iniciou suas atividades sociais desde muito cedo, primeiro com seus parentes e depois com toda a comunidade. Assim que aprendeu a ler e escrever



começou a alfabetizar as pessoas junto com sua irmã Dona Dorinha, que era filha do primeiro casamento de seu pai e bem mais velha que ela. Envolveu-se na vida religiosa, catequisando as crianças e jovens. Também atuou como artesã e militante social, tornando-se referência para a comunidade. Participava de eventos, palestras, encontros e debates, adquirindo conhecimentos para tentar solucionar os problemas locais.

Essas duas irmãs trabalharam pelo desenvolvimento da comunidade e procuraram repassar seus conhecimentos para as futuras gerações. Infelizmente, não houve interesse das pessoas para aprenderem os talentos que hoje consideramos de muita relevância para a manutenção da história local.

A memória coletiva fica resguardada em seus membros mais idosos, que através de suas lembranças transferem seus saberes às novas gerações. Cabe aos mais jovens continuar as tradições produzidas ao longo da história. No caso de Maria Iracema, poucas foram as tradições que permaneceram ativas e é de suma importância para a manutenção sócio-cultural de Serra do Juá que haja uma maior valorização desses aspectos. As pessoas não se empenharam em reavivar o que ficou no passado e que movimentou a vida social durante todos os anos que Dona Iracema promoveu essas atividades. Acredito que quando inseridos como atividades pedagógicas na escola, essas manifestações ganham outra dimensão e a comunidade ainda poderá resgatar as expressões artísticas e culturais de outrora. Algumas pessoas ainda guardam boas lembranças dos tempos passados e essas memórias servem de referencial norteador para a construção do nosso pertencimento.

A invisibilidade e a desvalorização do trabalho cultural que Dona Iracema fazia, preocupa as novas gerações, tendo em vista que muitos dos nossos mais velhos estão fazendo a passagem para o plano espiritual e suas memórias precisam ser registradas para que as tradições continuem.

Em 1990 iniciei a minha trajetória como alfabetizadora e em 1992 fiz o concurso público com êxito. Trabalhei com todas as turmas que a escola ofereceu, da Educação Infantil, Ensino Fundamental I, II e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Em janeiro de 2009 fui convidada pelo Prefeito Dr. Washington Gois para assumir a Gestão da EEIEF Maria Iracema do Nascimento. Confesso que foi uma

surpresa, mas com o desejo de crescer, aprender e ajudar a minha comunidade eu resolvi aceitar o desafio e permaneci como Diretora de 2009 a 2014.

Quando iniciei como gestora, a comunidade tinha uma demanda de 72 estudantes da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental. Eles estudavam em turmas multisseriadas, com as professoras da comunidade que tinham apenas o 4º pedagógico. Em 2010 a Secretaria Municipal de Educação (SME) enviou pedagogas e especialistas nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática. Esses profissionais não moravam na comunidade, mas puderam contribuir com a qualidade do aprendizado dos(as) estudantes.

O ano de 2010 foi muito proveitoso, pois mesmo algumas professoras não sendo da localidade realizavam ações que envolvia a comunidade. Nesse espaço escolar nunca era tomada nenhuma decisão mais relevante sem a participação da comunidade com todos os seus segmentos.

Foi nesse período que iniciamos o processo de autoreconhecimento da comunidade como remanescente de quilombo. A escola foi o ambiente que primeiro abraçou as reflexões. Passamos a questionar as nossas práticas pedagógicas sobre a valorização das pessoas negras e quilombolas, como contribuir para o protagonismo da comunidade, etc. Os(as) professores (as) e os(as) estudantes passaram a perceber o quilombo como um amplo espaço de formação de saberes e de aprendizagens.

Com base nos termos legais iniciamos o processo da luta social quilombola e isso se deu com o envolvimento das pessoas da comunidade nos eventos, reuniões, palestras e outras atividades, para nos ajudar a refletir sobre nossa própria negritude e ancestralidade. Em 2010 tivemos pela primeira vez a nossa participação no desfile cívico do município de Caucaia. Apoiadas pela Secretaria de Governo e Articulação Política (SEGAP) e a Secretaria de Educação (SME), as comunidades quilombolas se manifestaram, fortalecidas pela participação da professora Sandra Petit e da professora Marlene Santos que abriram a nossa ala com uma dança, acompanhada por música e uma grande cabaça<sup>11</sup>. Eis a música tocada no desfile, criada pelo grupo Ilê Aiyê e depois interpretada por muitos/as outros/as artistas.

---

<sup>11</sup>Elemento da cultura afro-brasileira e africana que nessas culturas representa a fertilidade e que simbolizou também o curso de Formação de Professores de Quilombos do qual fui beneficiada com outras 60 participantes.

### Ilê Aiyê – Negrume da Noite

O negrume da noite  
 Reluziu o dia  
 É o perfil azeviche  
 Que a negritude criou. (bis)  
 Constituiu um universo de beleza  
 Explorado pela raça negra (2x)  
 Por isso o negro lutou, o negro lutou,  
 E acabou invejado  
 E se consagrou

Ilê, Ilê, Aiyé  
 Tu és o senhor  
 Dessa Grande Nação  
 E hoje os Negros Clamam  
 A bênção, a bênção, a bênção.

Odé<sup>12</sup> comorodé, odé arêê  
 odé comorodé odé, odé arêê. (GRUPO ILÊ AIYÊ).

Os momentos de expressão do corpo foram significativos para todos/as, pois funcionou como elemento de liberdade, assim como afirma Castro Júnior (2014, p. 30),

As performances dos corpos expressam-se em múltiplas faces e sentidos pela sagacidade do equilibrar-se, pela agilidade de dançar, pela interação dos corpos, bem como pela capacidade de produzir coletivamente cultura através de sons, ritmos e gestos, criando, assim, novas formas de linguagens comunicativas.

Foi um momento histórico de divulgação das comunidades quilombolas de Caucaia. Muitas pessoas não sabiam sobre a existência dessas comunidades, até porque era o início das lutas pelo pertencimento e reconhecimento enquanto remanescentes de quilombos. Sentimo-nos empoderados(as) e dispostos(as) a fortalecer a responsabilidade coletiva, como mostra a foto a seguir.

Figura 2 – Apresentação: “A África que veio para o Brasil”



Foto: arquivo da autora.

<sup>12</sup>No dicionário Yorubá significa: caça bem, bom caçador.

Esses momentos abriram outras possibilidades para posteriormente continuarmos a nos apresentar, sempre fazendo referência a cosmovisão africana. No ano seguinte fizemos outra apresentação, dessa vez enfocando a temática das religiões de matriz africana.

A participação do grupo de crianças e mulheres quilombolas mostrou a nossa força e organização coletiva. Para Silva (1995) é importante que as pessoas estejam engajadas nas discussões, organizações e apresentações como uma forma de afirmação,

Sua valorização e presença deliberada, não casual, em atividades educativas, de lazer, de divulgação de raízes culturais é forma contundente de lutar contra o extermínio, seja ele físico ou psicológico.

Esta presença não pode ser uma concessão, um gesto paternalista para os coitadinhos, mas atitude convicta de cidadãos brasileiros que assumem pela raiz a situação trágica em que a sociedade lança o povo e, sentindo-se povo, a combate, contribuindo para construir uma nação realmente livre, ciosa de suas origens.

E como conseguir isto? Estudando, conversando, trabalhando, propondo, arriscando, corrigindo, recomeçando, aprendendo a conhecer outros pontos de vista que não os divulgados como únicos certos. Trabalhar em propostas educativas de interesse dos afro-brasileiros implica combater os próprios preconceitos, os gestos de discriminação tão fortemente enraizados na personalidade dos brasileiros, desejo sincero de superar sua ignorância relativamente à história e à cultura deste povo.

Como vamos fazer? Há muito trabalho pela frente. Para quem ainda não o iniciou, começando por participar de eventos de resgate da cultura afro-brasileira, lendo sobre o assunto, discutindo-o, assumindo compromissos com a melhora do currículo escolar. (SILVA, 1995, p. 30).

A escola também foi palco o tempo todo dessas atividades. Isso facilitou porque eu já estava assumindo a administração da escola, então, iniciamos alguns trabalhos pontuais sobre o pertencimento afroquilombola.

Figura 3 – Mulheres quilombolas participando de evento na Sede de Caucaia



Fonte: arquivo da autora.

Realizamos aulas de campo onde as professoras e os(as) estudantes puderam conhecer melhor os nossos costumes, nossas tradições e complementar o currículo das turmas. Foram atividades tão exitosas que a escola conseguiu elevar seu índice de aprendizagem no Spaece Alfa<sup>13</sup> de 90,8 em 2009, para 157,4 em 2010.

Não só os(as) estudantes do 2º ano tiveram bons resultados, como também os outros níveis, a exemplo do 5º ano que trabalhava o projeto de leitura voltado para a Olimpíada Nacional de Língua Portuguesa – OLP, com a temática geradora “O Lugar Onde Vivo<sup>14</sup>” e conseguiu chegar à etapa municipal, fazendo da escola bicampeã na categoria poesia em 2010 e 2012.

### **Minha Terra Querida**

A Serra do Juá onde moro  
É um lugar muito lindo  
Aqui é muito interessante  
Onde tem rios e açudes sangrando.

As nossas casas de taipa  
Muito conforto não tem  
Mas acordar com o canto dos pássaros  
Nos faz um grande bem.  
Aqui tem muitos animais  
E também muitas belezas  
Eu tenho amigos legais  
E aprecio a natureza.

Burro, cavalo e jumento  
É nosso meio de transporte  
A vida aqui é humilde  
Subir ladeira é nosso esporte.

A escola faz a diferença  
Trabalhando com amor  
Nos dando educação  
Mostrando nosso valor.

Comunidade quilombola  
Vamos nos reconhecer  
Nossa cor, nossa cultura,  
Só vai nos fortalecer.  
(Allan Oliveira – 5º ano. Idade 11  
anos, Campeão Municipal OLP 2010).

<sup>13</sup>Padrões de desempenho DESEJÁVEL (máximo) em Língua Portuguesa acima de 150 pontos. (CEARÁ, 2015).

<sup>14</sup>Temática geral em todas as edições da OLP – Escrevendo o Futuro.

### Menino Poeta

Moro na Serra do Juá  
 Daqui ninguém me tira  
 Aqui é muito bom  
 Sou feliz com minha família.  
 Que dia abençoado  
 Do dormir ao despertar  
 Um poeta como eu  
 Jesus tem que abençoar.

Poderia ser cantor  
 Ou até mesmo doutor  
 Mas eu quero contar  
 A vida de agricultor.

Voa alegre o sabiá  
 Do galho da laranjeira  
 E eu fico a admirar  
 A natureza faceira.

Eu estudo na escola  
 Que minha história valoriza  
 Sendo eu um quilombola  
 Meu sonho se realiza.  
 (Elenilson Barbosa – 5º ano. Idade 11  
 anos, Campeão Municipal OLP -  
 2012.

A Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro fez visita à escola para conhecer a comunidade e as crianças que escreverem os poemas. Ver site. Herdeiros dos quilombolas da Serra do Juá: a Olimpíada vai longe. Mais informações no site: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/noticias/sobre-o-programa/artigo/670/os-segredos-de-caucaia> (GURGEL, 2012).

Criamos o grupo chamado União Cultural Afrodescendente da Serra do Juá – (U.C.A.SE), formado por jovens e crianças que realizavam a Dança da Cabaça.<sup>15</sup> A dança surgiu quando voltamos a praticar atividades relacionadas à valorização da comunidade, descobrimos uma forte relação entre a cabaça e as nossas vivências. Infelizmente no momento as danças pararam, porque o grupo de jovens se desfez, porque casaram e passaram a ter outros afazeres, mas ainda continuamos com a esperança de reativá-lo a qualquer dia.

Há dez anos, as pessoas ainda utilizavam-na para fazer vasilhas, guardar legumes, pegar água na cacimba e servir de moringa para os agricultores levarem água para o roçado. Hoje, poucas pessoas cultivam e mantêm a cultura da cabaça no dia-a-dia. Procurei compreender qual a relação desse elemento com o continente

---

<sup>15</sup>Coreografia realizada com a cabaça. Elemento significativo da cultura quilombola da Serra do Juá e que descobrimos ser importante para muitas etnias africanas também.

africano e descobri muitas informações, em mitos de origens e nas próprias atividades do dia-a-dia dos povos africanos, principalmente entre as etnias de Guiné-Bissau, como nos mostra Semedo (2010), referindo-se a comunidades tradicionais guineenses:

Antigamente, os primeiros banhos dos recém-nascidos eram dados em cabaças. Hoje, nos trabalhos do dia-a-dia da mulher, a cabaça é usada para lavar utensílios domésticos, recolher e colocar frutas, legumes e cereais e também para carregar e lavar roupa. Esse recipiente serve para *yôyi* [cirandar], ou seja, joeirar cereais, catar o *fundu* e o arroz (base de alimentação na Guiné-Bissau), separando as pedrinhas dos cereais e tornando-os próprios para a alimentação. (SEMEDO, 2010, p. 108).

A cabaça tem um sentido muito forte de fertilidade, é símbolo de fortalecimento dos laços afetivos, da sacralidade e da prosperidade. Pensando em um elemento para representar a nossa força, foi aí que decidimos fazer a **Dança da Cabaça (15)**. Era uma coreografia simples de uso corporal e com vestimentas personalizadas que eu mesma confeccionava ou customizava, e a cabaça era o elemento principal do espetáculo, onde as dançarinas executavam um ritual de manejo com o objeto. Semedo (2010) afirma que a cabaça simboliza o compromisso, o laço, a semente e integra os ritos tradicionais das comunidades guineenses.

As músicas que eram apresentadas pelas crianças sempre traziam em seu contexto mensagens de reflexão sobre a valorização das pessoas negras ou combate ao racismo, como cita a letra da música Identidade de Jorge Aragão (2015, p. 1), que ressalta a necessidade do enfrentamento ao racismo.

Elevador é quase um templo  
Exemplo pra minar teu sono  
Sai desse compromisso  
Não vai no de serviço  
Se o social tem dono, não vai...  
Quem cede a vez não quer vitória  
Somos herança da memória  
Temos a cor da noite  
Filhos de todo açoite  
Fato real de nossa história

O grupo se desfez em 2011, pois sofrera influência de um professor que chegou à comunidade e tentou mobilizar as pessoas contra sua autoafirmação, pois ele não acreditava que em Caucaia tivesse comunidades quilombolas.

Figura 4 – Grupo U.C.A.SE realizando a “Dança da Cabaça”



Fonte: arquivo da autora.

Sabemos que é uma problemática quando os(as) professores(as) são de outra localidade, e por desconhecerem a comunidade e os sentimentos de pertença que os costumes comunitários necessitam no seu povo. Muitas vezes esses profissionais reforçam o desprezo ao lugar e o desejo de sair para conseguir algo melhor. Alguns profissionais, ao invés de trabalhar o amor às raízes, realizam discursos e práticas “eurocêntricas” apontando para uma globalização que menospreza os saberes tradicionais. Assim, contribuindo para a destruição da beleza ancestral, fortalecem o pensamento distorcido que “ser quilombola é ruim”. Joseph Ki-Zerbo (2007, p. 12) afirma:

As condições de uma teoria e de uma prática, de um discurso e de uma política para um “desenvolvimento centrado no povo” são tão importantes como o próprio conteúdo desse desenvolvimento, pois elas constituem a correia de transmissão entre o ideal e a realidade.

Além disso, predomina o modelo de educação convencional ofertado nas escolas dos quilombos, com metodologias didáticas que desvalorizam os saberes, as experiências e a cultura afrodescendente. Isso nos distancia dos valores coletivos e diminui as oportunidades da construção do pertencimento afroquilombola.

Ao perceber que a escola tem papel fundamental, utilizei o *Produto Didático* como apoio, atividades direcionadas bem como uma formação intitulada, *A África que Veio para o Brasil*. Idealizei e ministrei essa formação para estudantes, professores e pessoas da comunidade com carga horária semipresencial de 100h/a.



A professora do Ensino Fundamental I (2011) reside na comunidade, é sobrinha da matriarca, mas não se reconhece ainda como quilombola. Ela aceitou participar dessa experiência porque lhe falei sobre a importância das crianças se perceberem como parte integrante da história e cultura local. Tivemos que reorganizar os horários de suas aulas para que a formação ficasse compatível com o ensino em sala de aula. Com o professor do Ensino Fundamental II não obtive êxito, pois o mesmo não aceitou participar, por não considerar importante esse trabalho. Assim, influenciou muitos de seus estudantes a não participarem, e eles(as) permaneceram com visões preconceituosas sobre suas próprias origens.

O curso foi desenvolvido em três módulos que contemplou a história dos afrodescendentes, aspectos positivos de países africanos, como culinária, belezas naturais, fauna, flora, sempre relacionando com a nossa comunidade, além da desmistificação da África sobre seus países. Fazia também sugestões de atividades a serem aplicadas em sala de aula, como jogos, mitos de orixás, filmes, músicas e fontes bibliográficas.

As pessoas participaram e pesquisaram na comunidade sobre os aspectos geográficos, arquitetônicos e civilizatórios do lugar através de práticas motivadoras. A foto a seguir mostra o momento prático de preparo e degustação do inhame. Tubérculo de origem africana e muito presente na alimentação das pessoas da comunidade Serra do Juá.

Figura 5 - Pilando o inhame para degustação coletiva



Fonte: arquivo da autora.

Os(as) estudantes(as) da professora do Ensino Fundamental I, foram beneficiados(as), pois era requisito de avaliação um plano de curso com aplicação

metodológica e um portfólio chamado “Minhas Vivências” onde depois de cada aula sobre o tema Africanidades, os/as estudantes e cursistas relatavam suas experiências, desejos, sentimentos e memórias. Foi muito emocionante ler os portfólios, pois as pessoas escreveram sobre seus sentimentos de descoberta, pertencimento e memórias de infância.

Tivemos 18 participantes com idades variadas entre 12 e 65 anos, e todos(as) foram certificados(as) com carga horária de 100 h/a, através da parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Caucaia. Houve um momento solene e entrega dos certificados com a presença de representantes do Movimento Negro, outras comunidades quilombolas e representantes governamentais das esferas municipais e estaduais.

Através da participação ativa de todos(as) os(as) sujeitos da educação é que se dá a relação política entre escola, família e moradores. À medida que a problemática específica da comunidade for sendo descoberta e tomada como material de trabalho pedagógico, a relação escola e comunidade se torna mais sólida e permanente. A autonomia dos(as) envolvidos(as) se fundamenta na ação coletiva e na valorização de seus saberes.

Todos nós pensamos, temos uma concepção de mundo, uma cultura, uma maneira de pensar a vida que vivemos, e é isso que transmitimos aos nossos(as) filhos(as) e aos que estão à nossa volta. Todos nós ensinamos e aprendemos o tempo todo.

Apesar dessa conquista, a comunidade escolar enfrentou uma situação constrangedora com o professor concursado, citado anteriormente, que veio de Fortaleza e com poucos meses de trabalho na comunidade, mostrou-se contrário às lutas que empreendíamos a favor da autonomia e do protagonismo quilombola. Era a luta pelo autoconhecimento como remanescentes de quilombo e pelo reconhecimento (certificação) da Fundação Cultural Palmares. Percebendo que as pessoas estavam animadas, ele procurou alguns proprietários para discutir os malefícios que essa certificação lhes traria.

Interveio de várias formas: conversando com seus estudantes (6º ao 9º ano) e indagando-lhes se eram filhos(as) de “escravos”; desmotivando o grupo U.C.A.S.E onde 05 jovens realizavam atividades de dança e já se apresentavam em eventos na Sede do município.

Ainda colocou suas ideias preconceituosas e racistas nas questões das provas, rejeitando as respostas subjetivas dos(as) estudantes que não estavam de acordo com seu pensamento.

A Coordenadoria Especial de Políticas para a Promoção da Igualdade Racial do Ceará (CEPPIR-CE) através do senhor Ivaldo Ananias Machado da Paixão, interveio junto ao Secretário Municipal de Educação, Ambrósio Ferreira Lima, e o professor foi transferido para outra escola. Estava no início de seu estágio probatório, mas como não sofreu nenhuma advertência continuou tendo as mesmas atitudes em outras instituições educacionais.

Todos os dias, vemos na mídia ou nas redes sociais, as pessoas sendo agredidas porque são negras e no caso da comunidade Serra do Juá, um lugar de difícil acesso, não era aceitável para um professor “formado” chegar de Fortaleza e encontrar como Diretora uma moradora da comunidade, ex-aluna da escola. Ele sempre dizia: - você não sabe de nada! Aqui não é comunidade quilombola!

Apesar da determinação prevista na Lei 10.639/03, ainda se percebe a ausência e debate nas escolas sobre a valorização da história e cultura afro-brasileira e africana. Quando isso acontece é de forma fragmentada, muitas vezes fortalecendo equívocos históricos impostos por gerações a estas comunidades.

É visível a falta de uma educação na qual a comunidade se reconheça, porém, é legítima a luta para fazer acontecer uma educação que se aproxime da história e das práticas culturais da comunidade.

A Educação Escolar Quilombola visualiza os aspectos culturais, saberes, sabores, saúde, bem-estar coletivo, sustentabilidade ambiental, equidade de gênero, raça e etnia, espírito de solidariedade, ética e cooperação. Faz-se urgente essa educação que valorize as histórias de vida e considere os líderes negros como principais expoentes na luta por liberdade e igualdade de direitos.

É urgente a efetivação de uma educação que respeite a compreensão de mundo dos(as) educandos(as) e que os(as) desafiem a pensar criticamente, exigindo a formação continuada dos(as) educadores(as). Essas atitudes refletem a qualidade da educação oferecida e contribui com a promoção da autoconfiança e pertencimento afroquilombola.

Nós, povos quilombolas, estamos amparados por diversas leis que nos asseguram políticas públicas que podem transformar a nossa realidade no sentido de melhorar, no mínimo, as condições básicas de sobrevivência. A Resolução Nº 08

de 20 de novembro de 2012, institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica:

**Art. 1º**

**§ 1º** A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica:

**I** - organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se:

- a) da memória coletiva;
- b) das línguas reminiscentes;
- c) dos marcos civilizatórios;
- d) das práticas culturais;
- e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;
- f) dos acervos e repertórios orais;
- g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;
- h) da territorialidade.

**III** - destina-se ao atendimento das populações quilombolas rurais e urbanas em suas mais variadas formas de produção cultural, social, política e econômica;

**IV** - deve ser ofertada por estabelecimentos de ensino localizados em comunidades reconhecidas pelos órgãos públicos responsáveis como quilombolas, rurais e urbanas, bem como por estabelecimentos de ensino próximos a essas comunidades e que recebem parte significativa dos estudantes oriundos dos territórios quilombolas;

**V** - deve garantir aos estudantes o direito de se apropriar dos conhecimentos tradicionais e das suas formas de produção de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade;

**VI** - deve ser implementada como política pública educacional e estabelecer interface com a política já existente para os povos do campo e indígenas, reconhecidos os seus pontos de intersecção política, histórica, social, educacional e econômica, sem perder a especificidade. (BRASIL, 2012, p. 3).

A partir do ponto de vista de minha própria experiência, a autoafirmação acontece principalmente do olhar para si mesmo. Experimentando as práticas da Pretagogia<sup>16</sup>, foi que descobri relações étnicas que me envolviam e o pertencimento quilombola, buscando a minha linhagem e percebendo os atos, tradições e atitudes que marcam as africanidades presentes na minha vida.

Esse processo de pertencimento interfere na realidade atuando e gerando a valorização das tradições. A escola da comunidade é o meio que irradia esse conjunto de diálogos essenciais às transformações relevantes.

---

<sup>16</sup>“Referencial teórico-metodológico que toma os valores e os saberes aforreferenciados como elementos aglutinadores e condutores das experiências de ensino-aprendizagem.” (FARIAS; PETIT 2015, p. 136).

É fundamental que novas práticas didático-pedagógicas ressignifiquem os conceitos estabelecidos e as metodologias aplicadas para que se possa atingir a valorização e o respeito aos povos tradicionais. Que se busque compreender as lutas, criando condições para que os(as) estudantes não sejam rejeitados(as) nem ridicularizados(as) em virtude de sua cor de pele ou etnia.

Torna-se necessário a luta constante para que sejam efetivadas as proposições previstas nas Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e nas Diretrizes Nacionais para Educação Escolar Quilombola. Essa conquista ainda se encontra distante das práticas realizadas.

A discriminação e o preconceito racial infelizmente ainda são visíveis, principalmente nas comunidades quilombolas, e essa realidade só poderá ser transformada com ações que promovam reflexões em torno do fortalecimento da pertença de seus atores. Como afirma Silva (2010), em dados de sua pesquisa com crianças e professoras de escola pública de Fortaleza:

Percebi, na última produção de histórias, que as crianças, além de determinarem o lugar social dos personagens afros, também apresentaram algumas características relacionadas à personalidade e estética desses, o que me fez voltar a conversar com a turma e solicitar que tentassem explicar o que é ser negro. (SILVA, 2010, p. 9).

Com base em dados concretos como este, acredito ser possível refletir e iniciar mudanças no sentido da autodeclaração como negros(as) e quilombolas, fator importante para a construção do pertencimento.

Quando elaborei o projeto para concorrer ao curso de Mestrado em Educação, pensei em pesquisar sobre o currículo da EEIEF Maria Iracema do Nascimento, sabendo que é reconhecida no Sistema do Educa Censo (2013) como escola quilombola.

Depois com a oportunidade de aprofundar os conhecimentos e contribuir ainda mais com a escola e a comunidade, pensei em pesquisar sobre como envolver a comunidade nas atividades da escola para que o currículo seja de fato modificado e se efetive a Educação Escolar Quilombola no contexto de educação diferenciada.

Estávamos apenas com uma professora que atendia aos estudantes em duas turmas multisseriadas do 1º ao 5º ano e outra do 6º ao 9º ano. No planejamento organizávamos uma planilha de conteúdos que os(as) estudantes necessitariam aprender de acordo com seu nível de aprendizagem. Tratávamos os

assuntos sempre fazendo ligação aos elementos da vivência deles(as), da memória coletiva da comunidade e dos conteúdos sistematizados.

As atividades eram sempre muito apreciadas, pois os significados eram pertinentes ao que queriam e precisavam aprender, como por exemplo, trabalhar personalidades negras como Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar e também a história de vida de nossa matriarca, Maria Iracema do Nascimento. Eu e a professora Eliete ficamos surpresas quando realizamos uma avaliação sobre os principais conteúdos estudados e a maioria dos(as) estudantes responderam de forma coerente. Foi uma atividade lúdica que chamamos de Formula I da História, um jogo entre os grupos. Vence o grupo com maior número de acertos (a cada acerto o carrinho corre uma casa). O mais interessante é que as questões acertadas ou não, passam por discussões para reforçar o aprendizado.

Sentimos a necessidade de iniciarmos uma discussão com um Grupo de Trabalho formado por representantes de todos os segmentos da escola, a fim de construir um Referencial Curricular para a EEIEF Maria Iracema do Nascimento. Esse trabalho se iniciou em 2014, pois já era uma preocupação anterior da comunidade, porque a cada dia os(as) estudantes diminuía e a escola se aproximava ainda mais de sua extinção. A quantidade de estudantes por turma diminuía consideravelmente, devido a saída de moradores para outras localidades em busca de melhores condições de sobrevivência. Mesmo assim, os(as) estudantes que permaneciam na escola se engajavam nas pesquisas como mostra a foto a seguir.

Figura 6 – Estudantes apresentando pesquisa sobre Maria Iracema



Fonte: arquivo da autora.

Convidei representantes dos segmentos da escola e propus rodas de conversas para abrir as discussões e elaborarmos um documento que descrevesse a situação atual da escola, nossas considerações do que precisa ter em uma escola diferenciada (algo que envolvesse os pais e a comunidade) e quais caminhos apontávamos para conseguir tais objetivos. Queríamos ter um diferencial para atrair estudantes de comunidades próximas e garantir a oferta e permanência do Ensino Infantil e Fundamental. Essa ideia se fundamenta também no que diz Moura (2007, p. 5):

É obrigação da escola a transmissão da história dos quilombos contemporâneos e de sua situação atual. Difundir os saberes dessas populações entre todas as crianças brasileiras é pertinente, como um meio de compreensão e de afirmação de nossa identidade multiétnica e pluricultural, em que se deve basear a defesa consciente dos valores da cidadania. De uma forma mais abrangente, para a sociedade brasileira como um todo também é importante esse conhecimento.

Porém, os fatos desnortearam essas ações e a minha intenção de pesquisa foi se desvinculando sem que eu pudesse controlar. Além de não conseguir liberação para me dedicar totalmente aos estudos, a escola foi nucleada, como expliquei anteriormente. Em 2015 conseguimos voltar com as atividades pedagógicas da escola com uma turma de 08 crianças de Educação Infantil, com idade entre 02 e 05 anos, através da fundamentação da Resolução Nº 08/2012:

**Art. 15.**

§ 2º Na oferta da Educação Infantil na Educação Escolar Quilombola deverá ser garantido à criança o direito a permanecer com o seu grupo familiar e comunitário de referência, evitando-se o seu deslocamento. (BRASIL, 2012, p. 8).

Atualmente, minha residência localiza-se no bairro Capuan, próximo ao Centro de Caucaia, mas ainda tenho que superar vários desafios para participar dos estudos do Núcleo das Africanidades Cearenses (NACE – UFC), devido às condições de transporte que me limitam um pouco. Também tive que conciliar os estudos, o trabalho e as atividades da Caravana Cultural Quilombola de Caucaia, grupo que criamos e coordeno com um coletivo de lideranças.

As minhas leituras, a convivência com o NACE e o apoio de amigos(as) me deram ânimo para seguir adiante, mesmo sofrendo momentos de pressão pelo trabalho, no cenário que me encontrava porque não fui liberada para estudar.

Ao se aproximar o prazo para defender a Dissertação, aconteceu algo que me desnorteou mais uma vez, o desencarne da minha mãe. Apesar de ter consciência da grandeza da missão dela e da benção que recebeu na sua hora, pois foi um momento sereno, tranquilo, sem dor, sem sofrimento, porém, perder minha mãe me trouxe um misto de sentimentos abalados, sensações de abandono e solidão, me fez andar de pé descalço nos caminhos da minha memória. Mas como diz a história africana contada por Sotigui Kouyaté (2003 *apud* BERNAT (2013, p. 112),

Cansado, eu ia cair para sempre.  
Para não cair, me encostei num muro.  
Mas o muro desmoronou.  
Então, para não cair, me agarrei a uma grande árvore.  
Mas a árvore se quebrou.  
Neste mesmo instante, um homem muito forte apareceu e me deu a mão.  
Mas ele caiu também.  
Quando achei que ia cair para sempre, para nunca mais me levantar,  
A esperança me deu a mão e me segurou.  
Podemos perder tudo na vida, menos a esperança.

A minha ancestralidade e a esperança em meu coração me ergueram nos momentos de fraqueza, para dar sentido ao meu caminhar e para que a minha luta continue em prol da coletividade e da construção do pertencimento afroquilombola, porque um povo que conhece sua história, ganha força a cada dia para alcançar as suas metas.

Em agosto de 2014 fui transferida para a Secretaria Municipal de Educação para assumir a função de Supervisora de Inclusão Étnico-Racial e Territorial e desenvolver um trabalho de orientação e acompanhamento em 08 escolas que estão nos territórios quilombolas ou nas adjacências, mas que atendem em maioria, estudantes oriundos dessas comunidades.

Todas essas mudanças fizeram-me repensar a ideia anterior da pesquisa e reformular outro conceito de acordo com o novo cenário apresentado.

Apesar de ter conseguido desenvolver algumas experiências de Educação Escolar Quilombola, o grupo de trabalho da EEIEF Maria Iracema do Nascimento resumiu-se ao trabalho de uma Regente Auxiliar<sup>17</sup>.

Considerarei as mudanças e fiz uma retrospectiva de tudo que havia realizado desde que iniciei no Movimento Quilombola e do curso de Especialização. Por mais

---

<sup>17</sup> Função dos professores que foram efetivados por Lei, que estavam assumindo salas de aulas antes da Constituição Federal de 1988 mesmo sem formação pedagógica.



que eu ainda estivesse focada na educação, porque era inquestionável a continuidade da busca desse conhecimento, percebi que eu já vinha perseguindo o pertencimento afro.

Essa visão me deu condições para refletir sobre o que eu realmente quero atingir. Diante dos acontecimentos, considerei essa decisão a melhor forma para se chegar às discussões de educação diferenciada das escolas quilombolas.

Nessa caminhada, encontrei elementos que me influenciaram para o desenvolvimento do pertencimento, como a cosmovisão africana<sup>18</sup>, a Pretagogia, através de leituras e discussões realizadas principalmente nas disciplinas de Tradição Oral Africana e Cosmovisão Africana (2013-2014), bem como as leituras sobre dança afro e tradição oral africana no grupo de estudos da Professora Sandra Petit. Entre 2013-2015, participei enquanto co-pesquisadora do *percurso* (pesquisa formativa) em sociopoética com o tema gerador Identidade, ministrado pelos Professores Sandro Soares e Sandra Petit; participei da organização e realização do V Memórias de Baobá (2014), apresentei trabalhos no I Congresso Internacional de Filosofia Africana em Salvador (2014), XVIII COPENE, (Congresso de Pesquisadores Negros em Belém do Pará, 2014) e ENFCUIDAR (comemorando os 20 anos da abordagem sociopoética, também em 2014). Do ponto de vista empírico, participei de pesquisa Sociopoética na fase diagnóstica da minha pesquisa. Em seguida recorri a Pretagogia na fase de intervenção pedagógica.

Diante dessas descobertas, o que facilitou foi o contato com os *marcadores das africanidades* que fazem a ligação da nossa ancestralidade com a nossa negritude. Segundo Petit (2015, p. 138),

Ao pressupor desta teorização construída a partir de si, para falar do seu lugar, de sua linhagem biológica, cultural, ancestral, tendo os marcadores esse caráter pedagógico de ajudar a reconhecer as nossas africanidades. Isso é necessário devido ao longo processo de silenciamento, subalternização e inferiorização a que foram submetidos os povos africanos, afrodescendentes, bem como seus saberes e valores.

Nesse processo fui identificando em meu memorial esses marcadores que estão classificados por temáticas referenciadas pela Pretagogia, mas também podem ser ampliadas. Segundo Petit (2015),

---

<sup>18</sup>A ótica africana sobre o mundo e suas relações; representa princípios que orientam o viver africano, seu modo de organização social, seus valores e formas de ver e entender o mundo. Rosa Margarida (2011).

Quadro 1 – Marcadores das Africanidades

1. História do meu nome	16. Danças afro
2. Histórias da minha linhagem, inclusive agregados	17. Cabelo afro (encaracolado/cacheado/crespo)-práticas corporais de afirmação e negação dos traços negros diacríticos
3. Mitos/lendas/o ato de contar/valorização da contação	18. Representações da África/relações com a África
4. Histórias do meu lugar de pertencimento/comunidade/Territorialidades e Desterritorialidades negras (movimentos de deslocamentos geográficos, corporais e simbólicos)	19. Negritude – Força e Resistência
5. Sabores da minha infância – pratos, modos de comer e o valor da comida	20. Artesanatos
6. Pessoas negras referências da minha família e da minha comunidade e Pessoas negras referências do mundo, significativas para mim	21. Outras Tecnologias
7. Simbologias da Circularidade/Tempos cíclicos e da natureza	22. Valores de família/filosofias
8. Práticas e valores de Iniciação/Ritos de transmissão e ensino	23. Racismos (perpetrados e sofridos)
9. Mestras e Mestres negras/negros (da cultura negra)	24. Formas de conviver/laços de solidariedade/relações comunitárias
10. Escrituras Negras	25. Relação com a natureza
11. Curas/Práticas de saúde	26. Religiosidades Pretas
12. Cheiros “negros” significativos	27. Relação com as mais velhas e os mais velhos/senhoridade (respeito aos mais experientes)
13. Festas negras da minha infância e festas de hoje	28. Vocabulário afro/formas de falar
14. Lugares míticos e territórios afromarcados (investidos pela negritude)	29. Relação com o chão (vivências e simbologias)
15. Músicas/cantos/toques/ritmos/estilos afro	30. Outras Práticas corporais (brincadeiras tradicionais/jogos e outros)

Fonte: Alves e Petit (2015, p. 139).

Ao longo desse capítulo relacionei alguns marcadores da minha história e identifiquei-os com números no texto para melhor identificação, ou seja, cada número eu aparece identificando uma frase ou oração em negrito refere-se aos marcadores das africanidades identificados na minha própria história.

## 2 INFLUÊNCIAS DA PRETAGOGIA NO PROTAGONISMO QUILOMBOLA

### 2.1 PIRACEMA: o protagonismo das mulheres quilombolas de Serra do Juá – Caucaia – CE

Nesse segundo capítulo trago as construções do pertencimento afroquilombola na Serra do Juá, através de exemplos práticos da organização de grupos influenciados pelos resultados das pesquisas anteriores, sendo a ênfase o papel das mulheres quilombolas.

A luta das mulheres negras pelo desenvolvimento educacional e sócio-cultural das comunidades tem sido um fato histórico, desde centenas de anos. Um grande exemplo foi o movimento de mulheres da Frente Negra Brasileira - FNB com organização, mobilização e ativismo, contribuíram significativamente com as ações lideradas pelos homens.

As mulheres fretenegrinas sofriam discriminação, mesmo desempenhando um papel tão importante no Movimento Negro na década de 30, não eram aceitas para cargos de chefia. Considero esse momento histórico como um marco da força e determinação das mulheres, que vêm até hoje se destacando nos movimentos, organizações e na vida social. Segundo Domingues (2007,

[...] uma avaliação da FNB central aponta que as mulheres eram subalternas na entidade e alijadas dos cargos das instâncias decisórias, os quais eram monopolizados pelos homens. Nenhuma das fretenegrinas compôs o “Grande Conselho” (instância máxima da FNB). (DOMINGUES, 2007, p. 358).

As mulheres negras desenvolveram seu protagonismo através das lutas que buscam reparar as desigualdades exigindo direitos e espaços historicamente negados na sociedade.

Esses antecedentes fortaleceram o nosso sentimento de liderança e ativismo com as mulheres quilombolas. Enxergamos novas possibilidades de unirmos forças a partir do contexto histórico-cultural da nossa comunidade. Para Silva (2010, p. 39),

A organização das mulheres para fazer ação coletiva precisa ser em dois planos. Precisamos ser organizadas no plano das ideias e organizadas no plano das atividades. Ou seja, precisamos primeiro saber explicar e defender o nosso ponto de vista e propostas, de forma bem elaborada no pensamento e nos argumentos, para sermos bem compreendidas pelas outras mulheres e pelos governos. E precisamos realizar atividades variadas e bem organizadas para ganhar credibilidade e visibilidade pública, e ter força suficiente para produzir mudanças.

No quilombo de Serra do Juá, as mulheres têm estado à frente das lutas há muitos anos, a exemplo de Maria Iracema do Nascimento, que aprendeu com sua mãe e continuou a liderar a comunidade com muita responsabilidade e competência. Segundo Silva (2014, p. 69),

Pensar em organização de mulheres negras é delinear uma trajetória, em que ressaltamos uma presença feminina nas diversas organizações da população negra, sempre objetivando a mudança social. As mulheres negras organizam-se por uma necessidade de satisfazer suas demandas sociais, e ao mesmo tempo, fomentar uma articulação no seu lugar de origem, como forma de estabelecer um diálogo entre movimento e comunidade. Ao ter essa atitude, elas começam a atuar, cada vez mais nos espaços públicos, organizações não governamentais (ONG), sindicais, partidárias, para poderem construir políticas públicas que as contemplassem. Assim, elas redefiniram seu papel social nos movimentos sociais e iniciaram timidamente um caminho de importantes ações, tendo como meta as reivindicações periódicas.

A partir da necessidade de movimentar ainda mais as atividades do quilombo, organizamos o grupo P.I.R.A.C.E.M.A: **P**romovendo a **I**gualdade **R**acial, através do **A**rtesanato, **C**ulinária e **E**ducação das **M**ulheres **A**fro-quilombolas. Já era uma prática nos reunirmos para fazer bolos, tapiocas, artesanatos, discutir a educação da escola local, promover bazares, eventos sócio-culturais e educacionais na comunidade. Com a organização do grupo ampliaram-se as ideias e as ações.

As mulheres reuniam-se na EEIEF Maria Iracema, local de encontro da comunidade e ponto de apoio da Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo de Serra do Juá.

Para escolher o nome do grupo passamos alguns dias refletindo, porque queríamos homenagear a nossa matriarca Iracema e quando tivemos a ideia do nome PIRACEMA também lembramos do fenômeno da natureza<sup>19</sup>, pois retrata as dificuldades que passamos para alcançar nossos objetivos. Na oportunidade também fazer referência às mulheres quilombolas, líderes e ativistas das lutas.

O fenômeno natural da piracema nos remete ao provérbio “remar contra a maré” e também pelo sentido de reprodução, foram muitas inspirações para o batismo do nome do grupo de mulheres. Reproduzir as nossas ideias e as nossas ações é um dos objetivos do grupo e lutar contra as adversidades é uma marca das mulheres negras e quilombolas.

---

<sup>19</sup>Fenômeno que ocorre com diversas espécies de peixes ao redor do mundo. A palavra vem do tupi e significa “subida do peixe”. O processo recebe esse nome porque, todos os anos, eles nadam rio acima para realizar a desova. Durante a piracema, os peixes nadam contra a correnteza (SANTOS, 20150).

Quando iniciamos o movimento com as mulheres, também fomos agregando parcerias como a equipe da Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Social do Ceará, através da técnica e pedagoga Jaqueline Alves que realizou uma oficina de culinária tradicional com as mulheres. As receitas foram resgatadas com a história das famílias que praticavam ou ainda praticam tais receitas. As mulheres que participaram do curso tiveram que trazer para a sala de aula objetos que tivessem relação com sua história de vida. Os objetos ficaram expostos durante a semana para que nós pudéssemos refletir nossa história, através da memória.

Iniciamos os trabalhos do grupo PIRACEMA em 2013 e para decidir que tipo de trabalho iríamos desenvolver, fizemos uma retrospectiva da história coletiva da comunidade. Não podíamos fazer tudo que queríamos, então, priorizamos três atividades ligadas ao nome do grupo e aos nossos costumes.

Os trabalhos feitos com retalhos, nos remetem à infância, quando usávamos bonecas de pano, colchas de retalhos e tapetes. A culinária é presente em todos os momentos, principalmente quando a comunidade se reúne para festejar, brincar e comemorar. Os pratos típicos da comunidade, bolos, tapiocas e doces, são a referência dessa ação, e o debate sobre educação é inevitável, complementando as ações educativas com as crianças. A foto a seguir mostra um momento em que as mulheres reuniram-se para confeccionar bonecas a partir de materiais recicláveis, como a garrafa *pet*. Os produtos foram comercializados em um bazar com diversas opções de artesanatos. A foto a seguir mostra um momento da oficina de confecção de bonecas a partir dos materiais recicláveis.

Figura 7 – Oficina de artesanato do grupo PIRACEMA



Fonte: arquivo da autora.

Priorizamos essas três atividades e distribuímos os dias da semana para nos reunirmos de acordo com cada oficina. Às segundas-feiras, dia do artesanato, às quartas-feiras, educação, e às sextas-feiras, culinária. Como afirma Pereira (2014, p. 8),

Foi-se o tempo de estigmas, de vitimações, de invisibilidades. Hoje o reconhecimento histórico da atuação de mulheres negras – de diferentes maneiras e em contextos diversos. Será suficiente, no entanto, enaltecer seus feitos e seu valor em si mesmos? Suas realizações podem, por acaso, ser deslocadas das histórias locais, regionais, nacionais em que se inscrevem? Mulheres negras têm sido, por excelência, portadoras de memória, de esperanças, de cuidado e de perspectivas. Se a maioria ainda amarga as profundezas dos abismos de desigualdade na sociedade brasileira, são, também e cada vez mais, agentes de mudanças. Assim como a luta de classes e a luta contra o racismo, a luta contra a supremacia masculina em todas as cores é imprescindível para a efetiva democratização da vida social. Assim é que, na contemporaneidade, se constrói o Movimento de Mulheres Negras: no âmago das lutas sociais, junto e a despeito de obstáculos e incompreensões.

Neste sentido, o ativismo das mulheres nas comunidades é que dá continuidade ao resgate cultural de nossas histórias, retratando-as de forma atualizada nos artesanatos, expressões culturais e linguagens literárias.

Figura 8 – Trabalhos com retalhos



Fonte: arquivo da autora.

Realizamos muitas atividades e atualmente o grupo está colaborando com a organização das atividades sociais do movimento local. Faz-se mobilização, organização para participação em reuniões e eventos. Silva (2014, p. 74) afirma que,

O importante é que elas organizaram e socializaram experiências, o que veio possibilitar, cada vez mais, uma articulação no movimento social negro [...] assim elas conseguem avaliar que conquistas aconteceram e que

alguns espaços já foram ocupados, o que não significa que estejam isentas de lutas contra o racismo e o sexismo.

Assim, nós seguimos os exemplos de luta deixados por nossos ancestrais e continuamos lutando em busca de espaço, melhores condições de sobrevivência e mais possibilidade de crescimento. Reconhecemos a importância do Movimento de Mulheres como ação fundamental para o protagonismo dos sujeitos sociais.

Conquistas relevantes foram adquiridas impulsionando-nos a sonhar e querer mais liberdade, dignidade, políticas públicas e desenvolvimento.

## **2.2 Vivenciando a filosofia *Ubuntu* na Caravana Cultural Quilombola de Caucaia**

Quando você se sentir perdido, lembre-se de onde veio e não estará mais perdido. (KOUYATÉ, 2003 *apud* BERNAT, 2013).

A Caravana Cultural Quilombola de Caucaia é um grupo composto por representantes de algumas comunidades quilombolas, mais efetivamente, Serra do Juá, Caetanos em Capuan, Porteiras, Serra da Rajada e alguns professores(as)/ pesquisadores(as) e demais participantes afins.

Partindo do princípio de fortalecimento do pertencimento quilombola, da valorização da cultura e dos sentimentos de respeito e solidariedade, foi que criamos esse movimento coletivo ao qual denominamos de caravana, para indicar que não é um grupo restrito e que pessoas que compartilham desses princípios, poderão ser membros e colaboradores(as) das oficinas e dos projetos desenvolvidos. A Caravana desenvolve diversas atividades nas comunidades. Palestras sobre temas que a própria comunidade solicita, tendo como base o pertencimento afroquilombola; Oficinas de jogos, brincadeiras e brinquedos afro-brasileiros, degustação de comidas tradicionais em prol da divulgação da cultura através da oralidade, danças e apresentações culturais como resgate e inovação da cultura local, organização e mobilização de eventos para ampliar os conceitos e partilha de experiências com outras comunidades, desfile de mulheres quilombolas para a promoção de seu protagonismo, celebração afro para homenagear Santa Josefina Bakhita<sup>20</sup> (madrinha da Caravana).

---

<sup>20</sup>Primeira santa africana. Em 17 de maio de 1992 foi beatificada e, em 1º de outubro de 2000, foi elevada à honra dos altares, declarada "Santa" pelo Papa João II. (REISER, 2009).



Figura 9 – Atividade com a Caravana no quilombo Serra da Rajada (2015)



Fonte: arquivo da autora.

A Caravana nasceu da necessidade de ampliar as atividades nas comunidades, ou seja, trabalhar, pensar, interagir e refletir com as pessoas em seu espaço de convivência. Senti-me incomodada por assistir tantas reuniões nos gabinetes das autoridades, enquanto nossos parentes permaneciam na mesma situação, sem acesso às políticas de saúde, educação, moradia, etc. Fazia-me alguns questionamentos: Como conhecer os direitos dos(as) quilombolas? Será que podemos alcançar as políticas públicas de cidadania que já estão garantidas nos planos governamentais?

Passei a refletir junto com outros(as) companheiros(as) ativistas, compreendemos que a regra é simples: coletividade e participação. Mas como chegar ao ponto de pensar junto, discutir os problemas e encontrar as soluções?

Os discursos são bonitos, mas as práticas muitas vezes fogem completamente das nossas realidades e quase sempre, não nos enquadrados nos perfis propostos. As pessoas precisam dizer o que querem discutir, quais são as suas demandas. Mas de que forma? Se ninguém potencializa os seus saberes e nem valoriza suas vivências, nem seus conhecimentos?

Então, sugeri a criação do grupo, em 08 de fevereiro de 2015, e por acaso descobrimos que esse dia é dedicado à Santa Josephina Bakita, que nos inspira os sentimentos de confiança, doçura para com todos, alegria em servir, coragem e resistência.

A ideia da formação do grupo foi aceita, a princípio apenas pelas comunidades já citadas e depois fomos adquirindo colaboradores/as que nos acompanham e compartilham conosco suas experiências, conhecimentos e ações



para fortalecer o pertencimento quilombola do nosso povo. Insisto na construção do pertencimento afroquilombola através do avivamento cultural, por acreditar que assim como fomos diminuídos e oprimidos por este viés, também só podemos ganhar força e vencer as barreiras que nos tornam invisíveis, se começarmos a investir na manutenção da nossa cultura e dos nossos saberes. Munanga (2009, p. 43) afirma,

Aceitando-se o negro afirma-se cultural, moral, física e psiquicamente. Ele se reivindica com paixão, a mesma que o fazia admirar e assimilar o branco. Ele assumirá a cor negada e verá nela traços de beleza e de feiura como qualquer ser humano “normal”.

Os membros da Caravana acreditam que o fortalecimento e a ascensão das comunidades se darão a partir da apropriação do pertencimento afroquilombola, mantendo a busca pelos costumes culturais, identificação dos aspectos afros presentes nas vivências diárias, valorização da ancestralidade e da potencialização dos saberes.

Nosso povo foi muito massacrado para abandonar o que temos de mais valioso por isso, com um trabalho coletivo e permanente podemos voltar a acreditar na beleza de nossa história e repassá-la às novas gerações para que perpetuem as nossas raízes como sinônimo de força e resistência.

É através desse polidiálogo<sup>21</sup> que buscamos crescer e florescer, dando a oportunidade de cada pessoa ajudar a (re)construir o conjunto dos saberes ancestrais. As fotos a seguir mostram ações ancestrais adaptadas ao tempo de novos conhecimentos.

Figura 10 – Oficina de sabonete natural de babosa no quilombo Serra do Juá



Fonte: arquivo da autora.

<sup>21</sup>Roda de conversa com o propósito de cada componente contribuir com os conhecimentos e práticas a serem desenvolvidas. No lugar de ouvir e falar em busca de “vencer” um debate,

Então, nós nos dispomos a visitar as comunidades que nos solicitam e realizarmos um dia muito especial: café da manhã e almoço comunitário (cada um(a) contribui com algum alimento), oficinas de potencialização dos produtos locais, como a oficina de benefícios da babosa (aloe vera), planta medicinal presente nas comunidades; oficinas de óleo de coco, incluindo diversas informações científicas, que fazem do produto já conhecido e usado pela comunidade, algo mais valorizado, por eles(as) mesmos. Oficinas de valorização da beleza das mulheres negras, incluindo a intergeracionalidade, como o desfile das Mulheres Quilombolas, que valoriza não só as moças de corpos jovens, mas os saberes e a beleza das senhoras de mais idade, para que todas possam participar: a contação de histórias para crianças e jovens retratando aspectos positivos da negritude e as brincadeiras antigas, pouco praticadas na atualidade são pontos fortes das atividades. Segundo Gusmão (2013, p. 54),

A mediação de saberes e de práticas deve, então, ser capaz de deshierarquizar fatos e valores aprendidos a partir do universo social que se encontra à nossa volta desde o nascimento e que se consolida no interior de um sistema educacional comprometido com a ordem vigente.

As experiências são muito satisfatórias, do ponto de vista do aprendizado que temos com as pessoas das comunidades. Também levamos informações sobre temas afins, contribuindo assim para que as pessoas fiquem mais empoderadas e busquem seus direitos.

Em 29 de maio de 2015 a Caravana realizou a 1ª Celebração Afro com as comunidades quilombolas de Caucaia. Reunimos as lideranças para planejarmos as atividades, escolhermos os cânticos e fazermos a lista dos(as) convidados(as). Planejamos uma celebração católica, onde inserimos elementos da nossa cultura afroquilombola ao ritual de fé.

Nas celebrações afros, os elementos da cultura negra são adicionados à tradição litúrgica católica que envolve cânticos e danças ao som dos atabaques. O ato de celebrar torna-se diversificado, abrindo espaço para a criatividade das místicas, as mensagens de cunho social que os cânticos revelam e a descontração devido à dinâmica canto-dança, demonstrando como os(as) negros(as) manifestam sua fé: na alegria e na corporeidade.

O atabaque tem presença importante no ritual, porque, pode trazer um conceito de liberdade sendo assim um importante instrumento musical do povo

negro. Tradicionalmente muitas etnias *bantus* e *iorubás* se comunicavam mediante toque de algum tipo de tambor convocando o povo para celebração.

Mesmo na tradição cristã, o verso 04 do Salmo 150 (Bíblia Sagrada) conclama: "Louvem a Deus com dança e tambor, louvem a Ele com cordas e flautas". No Salmo, instrumento nenhum é discriminado, portanto, torna-se natural que o atabaque, assim como outros instrumentos sejam inseridos nas expressões espirituais.

Segundo Cunha Júnior (2010), as filosofias africanas ligadas às questões da ancestralidade, da identidade territorial e da transmissão dos conhecimentos são repassadas tanto pelas palavras verbalizadas, como pelos tambores que também é uma fala.

Um dos momentos que mais chamou a atenção do público foi o ofertório, que apresentamos a Deus em procissão, a oferta de gratidão por Sua misericórdia em nos conceder os frutos da terra como frutas, flores, vegetais, legumes, água e plantas. Os trabalhos, dons e talentos do ser humano como as ferramentas de trabalho, livros, instrumentos musicais, entre outros. Também apresentamos algumas personalidades negras como Zumbi dos Palmares, Abdias Nascimento e Santa Bakhita que nos inspiram na luta por liberdade. Todo o momento é acompanhado pela bateria de tambores e berimbau do Grupo de Capoeira Liberdade.

Assim, como o Corpo e o Sangue de Jesus são partilhados na comunhão católica, todos os alimentos que fizeram parte do ofertório foram partilhados com os participantes no café da manhã comunitário. Os cânticos apresentados nesse momento especial foram adaptações da discografia da Missa dos Quilombos de Milton Nascimento. Senra (2007) diz que a Missa foi idealizada por Dom Helder Câmara, e escrita e produzida por Dom Pedro Casaldáliga, e pelo poeta Pedro Terra. Aconteceu no dia 22 de novembro de 1981, na Praça da Igreja do Carmo, em Recife. Local que em 1695, a cabeça do líder quilombola Zumbi dos Palmares foi exposta no alto de uma estaca.

Nesta oportunidade também promovemos o 1º Prêmio Sankofa para homenagear algumas pessoas, que de alguma forma mantêm uma relação com a nossa luta. A escolha dos(as) homenageados(as) deu-se de forma democrática e analisada de acordo com a defesa dos membros da Caravana. Foi um prêmio

simbólico, mas que trouxe uma reflexão sobre os valores civilizatórios afros presentes na nossa caminhada. Segundo Gá e Nascimento (2009, p. 20),

O ideograma SANKOFA remete à missão e ao momento de recuperar a dignidade humana desses povos. Espalhados pelo mundo, africanos e seus descendentes se reconhecem herdeiros de uma civilização que engendrou a escrita, a astronomia, a matemática, a engenharia, a medicina, a filosofia e o teatro. [...] Uma dessas tradições é o adinkra, conjunto ideográfico estampado em tecidos, esculpido em peso de ouro, talhado em peças de madeira anunciadoras de soberania. Nele, o princípio Sankofa significa conhecer o passado para melhorar o presente e construir um futuro. Adinkra significa adeus, e as pessoas das etnias akan usam o tecido estampado com os adinkras em ocasiões fúnebres ou festivais de homenagens.

Pensando assim foi que relembramos a filosofia tradicional africana do tronco étnico *bantu* que trata da importância da aliança e dos relacionamentos das pessoas, chamada *Ubuntu*. Praticar *Ubuntu* é ter consciência que quando os seus semelhantes são diminuídos ou oprimidos você também é afetado. A atitude de humanidade que temos, devemos compartilhar, valorizar e saber que eu só sou, porque nós somos. Para Nogueira (2012) *Ubuntu* significa que uma pessoa precisa estar inserida numa comunidade, trabalhando em prol de si e de outras pessoas e busca do crescimento coletivo e não individual esse é o espírito das atividades registradas no calendário oficial da Caravana.

Figura 11 – Realização do I Prêmio Sankofa



Fonte: arquivo da autora.

A filosofia africana *Ubuntu* significa humanidade para com os outros e segundo Dr<sup>a</sup> Geranilde Costa, em sua fala no momento de minha qualificação, a Caravana traz esse aspecto de **cuidar de si e dos outros (8)** e esse sentimento qualifica as nossas ações diante dessa fundamentação específica marcada pelas africanidades. Para Cunha Júnior (2010, p. 81),

No *Ubuntu*, temos a existência definida pela existência de outras existências. Eu, nós, existimos porque você e os outros existem; tem um sentido colaborativo da existência humana coletiva. As línguas são um espelho das sociedades e dos seus meios de nomear os seus conhecimentos, no sentido material, imaterial e espiritual.

A próxima atividade planejada pela Caravana, além das visitas que não podem parar foi a realização de rodas de contação de histórias quilombolas. As pessoas das comunidades se reuniram em torno de uma fogueira para contar as histórias, os mitos, as lendas e as assombrações para os jovens e as crianças as transformarem em histórias em quadrinhos a serem utilizadas pelos estudantes das escolas quilombolas de Caucaia. Outra demanda da Caravana é promover futuramente uma feira gastronômica dos produtos quilombolas, para que as pessoas tenham acesso às degustações de nossas receitas e possamos divulgar a nossa tradição alimentar, de modo a sensibilizar entidades governamentais sobre a importância de incluir, nas escolas quilombolas, uma alimentação voltada para os costumes locais, com foco na sustentabilidade e na qualidade de vida das pessoas.

O trabalho da Caravana é totalmente voluntário, mas os(as) participantes são conscientes que devem ajudar porque ainda não dispomos de recursos financeiros. Às vezes contamos com o apoio do Secretário de Educação Ambrósio Ferreira Lima, que por algumas vezes cedeu-nos o transporte quando o deslocamento era para uma comunidade de difícil acesso.

A Caravana Quilombola tem um papel fundamental a realizar, que é o de mobilizar as pessoas a partir de seu próprio fortalecimento. Em entrevista com a ativista Isabel Cristina, que coordena comigo a Caravana, ela falou sobre a importância da terra para a sustentabilidade dos(as) quilombolas. Mas ressaltou que algumas pessoas não valorizam seus territórios de forma mais ampla e principalmente para o resgate da cultura local.

Outro ponto importante lembrado por Isabel Cristina é o cuidado que as lideranças devem ter ao permitir o acesso de pessoas de fora na comunidade. Para que a comunidade não seja impactada negativamente, tudo precisa ser bem

conversado antes, de modo que os trabalhos a serem desenvolvidos tragam também benefícios para a comunidade e esta tenha participação ativa na construção. Eis trecho da entrevista com Isabel Cristina:

[...] Eu acho que as lideranças fortes, passando o conhecimento e buscando junto com os *griots* da comunidade, a partir daquele momento, como você tava falando uma contação de histórias, porque a gente sentar ao redor de um *griots* é muita história para ouvir e contar. Eu acho que é um conhecimento muito importante para a comunidade. (Isabel Cristina – julho – 2015).

A culinária tem espaço garantido nas atividades da Caravana. Sempre damos preferência às receitas locais mais tradicionais, como o cuscuz, a tapioca, o quibebe, o aluá, o baião de dois, entre outros. Começamos a querer saber mais sobre esses pratos típicos das comunidades quilombolas e descobrimos algo interessante sobre o milho. De acordo com Barros (2007, p. 62-63),

O milho é uma planta originária da América, que já era cultivada pelos nativos antes mesmo da descoberta do continente americano. É encontrado na Europa, Ásia e África, onde é utilizado para fins alimentares. [...] segundo uma lenda africana, Xangô foi o primeiro orixá a moer o milho para servir de alimento, pois em uma de suas andanças teria encontrado alguns estrangeiros e com eles aprendido essa prática, que, posteriormente, ensinou aos seus súditos (Tapá) no território Bariba. [...] Na África o milho é conhecido pelos nomes iorubas *ìgbàdo*, *okà*, *yangán*, *erinìgbado*, *erinkà*, *eginrin elèpèè*, *ijèèré*.

O aluá é feito em um pote de barro, onde fermenta por três ou quatro dias. Há poucos anos não se fazia uma festa junina sem que houvesse um pote de aluá para as pessoas saborearem e até mesmo nas comemorações de passagem de ano novo.

Apesar de vivermos em uma sociedade que visa cada dia mais, o consumo desenfreado dos produtos industrializados, achamos importante que as comunidades não se desliguem de sua cultura alimentar, pois faz parte de sua identificação étnica e cultural. Toda essa 'globalização' afeta o meio ambiente como principal agente de devastação da natureza, porque não há preocupação com o meio em que se vive e sim com o acúmulo de bens e diminuição dos valores tradicionais.

Os grupos étnicos que matêm a filosofia de vida pautada na sustentabilidade ambiental, buscam a harmonia com a natureza e valorizam a relação homem/vegetal. Segundo Barros (2007, p. 11)

Em todas as culturas, antigas ou modernas, o vegetal é, inquestionavelmente, de suma importância na manutenção da vida humana. Sem dúvida, o homem, desde tempos primitivos, sempre dependeu da natureza para sobreviver, e utilizava, principalmente, a flora como parte de sua alimentação, para combater doenças, ou em seus rituais para promover o bem-estar social.

A busca de manutenção da cultura alimentar é muito importante para as comunidades quilombolas. Em quase todas as atividades coletivas existe a degustação de comidas tradicionais e muita alegria. Além disso existe uma preocupação com a preservação do meio ambiente.

Em março de 2015, a Caravana participou do evento “Conversas Flutuantes<sup>22</sup>” ação do SESC – Iparana. Essa atividade proporcionou reflexões sobre a temática da sustentabilidade. Por exemplo: “Sustentabilidade Ambiental das comunidades quilombolas”, “Histórias de luta e pertencimento das comunidades quilombolas”, “Educação escolar no contexto do quilombo”. Os(as) palestrantes eram em maioria quilombola, desde professores, lideranças e ativistas do Movimento.

O projeto Conversas Flutuantes tem caráter educativo. Nossa participação nos eventos do SESC/CE dar-se através da motivação do Mestre Paulo Leitão, que incentiva e movimenta a cultura popular no Estado do Ceará.

Figura 12 – Palestras flutuantes, ministradas por representantes da Caravana Quilombola



Fonte: arquivo da autora.

<sup>22</sup>Projeto do SESC/CE que acontece uma vez por mês, em alusão a Datas Comemorativas. Passeio educativo de Barco na Foz do Rio Ceará.



Caravana reuniu professores(as), artesãos e brincantes do Coco dos Caetanos de Capuan, formado por mulheres das famílias quilombolas mais tradicionais do Ceará. Sete barcos participaram da ação, com cerca de 170 pessoas. De acordo com o repórter Renato Bezerra do Jornal Diário do Nordeste na sua publicação de 26 de março de 2015, intitulada Passeio aborda História de Quilombolas do CE:

As embarcações continham palestrantes das comunidades Capuan, Serra do Juá, Serra da Rajada e Porteiras, além de representantes do Marco Zero, que discorreram sobre Cultura Quilombola Africana e Brasileira no Combate ao Racismo; Dragão do Mar; Meio Ambiente e Comunidades Quilombolas; o Negro na Sociedade Atual e o Quilombo de Porteiras; Centenário do Quilombo dos Caetanos de Capuan; os Negros na Barra do Ceará e assim como as Histórias da Barra do Rio Ceará. (BEZERRA, 2015, p. 1).

Logo depois, no mês de agosto, a Caravana continuou a participar das atividades do SESC, desta vez no V Povos do Mar<sup>23</sup>, evento de grande porte, que conseguimos participar todos os dias e realizar palestras, oficinas, degustação e apresentações culturais. O nosso propósito é continuar trabalhando com outras comunidades envolvendo as pessoas para que haja uma sensibilização, mobilização de todos(as) em prol da nossa luta, e o fortalecimento do pertencimento afroquilombola.

Através das oficinas pretagógicas<sup>24</sup> que realizamos as pessoas costumam a memória da infância ao presente e conseguem dar sentido às vivências, valorizando sua história de vida e, de seus ancestrais. A foto a seguir mostra essa conexão. Momento que as pessoas identificam a sua própria relação com os objetos a fim de buscar as lembranças mais longe e fazer ligação concreta com sua maneira de ser.

Nesta perspectiva de buscar as raízes para compreender o presente as pessoas descobrem suas africanidades.

---

<sup>23</sup>Projeto do SESC/CE que acontece anualmente e tem como objetivo divulgar a cultura cearense. Comunidades de pescadores, indígenas e quilombolas permanecem por cinco dias na Colônia de Férias para a realização de demonstrações culturais, rodas de conversas, palestras, vivências, degustação de alimentos e comercialização de produtos dessas comunidades.

<sup>24</sup>Atividade pautada no referencial teórico-metodológico da Pretagogia.



Figura 13 – Oficina de pertencimento afroquilombola – V Povos do Mar – SESC/CE – Ago/2015



Foto: arquivo da autora.

Depois das vivências, os/as participantes fazem referências significativas de sua história individual e coletiva. O caminhar ancestral nos proporciona seguir em frente sempre olhando para o passado para buscar forças e compreender o caminho para o mirante da vida.

Assim, a Pretagogia nos leva a encontrarmos com nossos ancestrais e nos orgulharmos do trajeto percorrido.

### **3 A SOCIOPOÉTICA E A PRETAGOGIA MOSTRANDO NOVOS CAMINHOS PARA O PERTENCIMENTO AFROQUILOMBOLA**

Na África dizemos que a viagem mais longa da vida é a que parte da cabeça para chegar ao corpo. Porque somos apegados demais à cabeça, só ela conta. E o corpo está a reboque da cabeça. O corpo é inteligente, é preciso confiar nele. Nós perdemos toda a nossa capacidade quando perdemos nossa liberdade. (KOUYATÉ, 2003 *apud* BERNAT, 2013, p. 163).

#### **3.1 O despertar dos corpos e das memórias ancestrais através das técnicas da Sociopoética**

Esse terceiro capítulo discorre sobre os resultados da pesquisa de campo. Mostra o que a Sociopoética e a Pretagogia proporcionaram para o fortalecimento do pertencimento afroquilombola.

Escolhi a comunidade quilombola Serra do Juá em Caucaia para ser o espaço da realização da minha pesquisa, por ter sido a minha “mesa de parto”, portanto, o meu sentimento ancestral e as minhas raízes estão entrelaçados a esse lugar sagrado.

Em 2014 partimos para mais uma atividade no quilombo. Dessa vez uma experiência sociopoética com uma turma de estudantes de jovens e adultos do projeto MOVA-Brasil. Refiro-me a nós, porque em todos os momentos das pesquisas de campo estivemos em grupo. O grupo foi composto pela orientadora, professora Sandra Petit, Hélio Roque, estudante de graduação, Eliene Magalhães, mestranda, Rafael Ferreira, mestrando, e eu. Assim, demos continuidade aos estudos iniciados em 2010 no curso de Especialização mencionado anteriormente.

O grupo co-pesquisador era composto por estudantes e pessoas da comunidade, que foram sendo atraídos pelo movimento que realizamos na escola. Afinal de contas, foi uma novidade, porque utilizamos atividades coletivas, desde as comidas, preparadas e consumidas em compartilhamento, até as oficinas que eram desenvolvidas sempre em grupos. Muito tímidas as pessoas não arriscavam dar suas opiniões, mas só em permanecer no local manifestavam vontade de conhecer o que iríamos mostrar.

O método utilizado no momento inicial foi a Sociopoética, porque as técnicas de potencialização do corpo como instrumento de aprendizagem, facilitou o envolvimento dos/as co-pesquisadores/as. De acordo com Gauthier (2012),

A Sociopoética é uma abordagem – ou método, no sentido dado por Edgar Morin [...] – de pesquisa em ciência do ser humano e da sociedade, enfermagem e educação, com possibilidades de aplicação no ensino e na aprendizagem, que segue cinco orientações básicas. (SANTOS, 1999 *apud* GAUTHIER, 2012, p. 73).

- 1) A instituição do dispositivo do grupo-pesquisador, no qual cada participante da pesquisa está ativo em todas as suas etapas e pode interferir no devir da pesquisa [...];
- 2) A valorização das culturas dominadas e de resistência [...];
- 3) Os sociopoetas pretendem pensar, conhecer, pesquisar, aprender com o corpo inteiro [...];
- 4) Ao privilegiarem formas artísticas de produção dos dados, os sociopoetas colocam em jogo capacidades criadoras que mobilizam o corpo inteiro e revelam fontes não consciências do conhecimento [...];
- 5) Os sociopoetas insistem na responsabilidade ética, política, noética e espiritual do grupo-pesquisador [...]. (GAUTHIER, 2012, p. 74).

Nos primeiros contatos com os(as) co-pesquisadores(as) deparamo-nos com o travamento dos corpos, da fala e da memória dos(as) participantes. Eles(as) não gostavam de falar em público e tiveram dificuldade para expressar seus pensamentos. Esse foi um ponto que se destacou, principalmente quando os(as) facilitadores(as) indagavam-lhes algumas questões. As pessoas respondiam de maneira acanhada sem explicitações, nem justificativas. Isso lembra o que diz Gauthier (2012, p. 75) sobre o nascimento da Sociopoética,

A noção de inconsciente é fundamental para nós, pois a Sociopoética, podemos dizer nasceu da nossa insatisfação com as abordagens mais clássicas de pesquisa, muitas vezes limitadas pelo que os entrevistados dizem, logo, impossibilitadas de tocarem no que fica, neles, recalçados; ou seja, *inconsciente* – ou por ser demais evidente para merecer ser dito, ou por ser proibido de acesso à consciência [...].

Apesar de termos preparado um alongamento corporal para que o grupo se sentisse mais a vontade para falar, sentimos que não foi suficiente para seus corpos destravarem. As pessoas começaram a rir e não conseguiam se concentrar. Em seguida sugerimos uma massagem corporal realizada em duplas, onde a rigidez e tensão ficaram mais nítidas.

Utilizamos uma cabaça como elemento de interação. Soliciamos que os/as participantes manuseassem e dançassem com a cabaça de forma a imaginá-la como um personagem com características e dessem um nome para ela. As pessoas andaram em círculo, ouvindo uma música instrumental e manuseando a cabaça para relacioná-la com a capoeira e educação no quilombo. Assim, tivemos um pouco mais de facilidade para os(as) co-pesquisadores/as exporem suas falas sobre a

temática. Apesar dessas tentativas, os resultados foram tímidos porque mesmo expressando satisfação em participarem da roda sociopoética, os/as pesquisadores/as, responderam de modo extremamente inibido.

A partir dessa constatação, realizamos um novo momento com uma outra técnica, a dos lugares geomíticos. A História do Capoeirista Van Damme no Quilombo do Juá, como veremos a seguir, foi uma narrativa produzida através dos confetos, elementos captados na primeira oficina. Analisamos os resultados anteriores e aproveitamos os nomes criados por eles/as para inventarmos um enredo que incorporasse os nomes e características atribuídos na primeira oficina, destes, destacaram a figura da Mãe Dinah a Van Damme.

Foi uma forma de valorizar o que já havia sido falado e estimular a contação sobre os lugares cotidianos e lendários da comunidade suscitando uma libertação das vozes acanhadas. Eis a história que montamos:

#### **História do Capoeirista Van Damme no quilombo do Juá**

Há muito tempo atrás, lá na serra, havia um quilombo onde os negros e negras viviam do seu roçado. Naquele tempo, não existiam muitos objetos modernos. Mãe Dinah era uma senhora, já idosa, que chamava a atenção pelos arcos dos seus olhos que pareciam sempre estar dobrados. Mãe Dinah era uma matriarca muito respeitada na comunidade. Ela e o esposo dela, seu João, gostavam de reunir as pessoas da comunidade em torno do grande Juazeiro da localidade para contar histórias na noite de lua cheia. Eles tinham muitas coisas para contar, sobre os tempos de hoje e sobre o passado. Eles conheciam as lutas dos quilombolas, como Zumbi, e as lutas do povo da própria comunidade. Adoravam também trazer histórias de assombração. De vez em quando eles inventavam e recriavam histórias, fazendo perguntas para a plateia interferir. Nesse momento, a história era fabricada juntos. Mãe Dinah era muito boa nessa forma de contação porque ela sabia cativar os ouvintes, e fazer com que todo mundo participasse.

Uma dela foi a história de um capoeirista chamado Van Damme. Segurando uma grande cabaça, Mãe Dinah passava a cabaça para todos segurarem e dançarem também. Antes de passar a cabaça para o próximo, a pessoa tinha que executar alguns movimentos dançando. Só depois de todo mundo ter dançado bastante com a cabaça, gerando um grande sentimento de liberdade, Mãe Dinah começou a criar a história do capoeirista Van Damme. Disse ela, que este Van Damme andava na serra chamando as pessoas para se aproximar da capoeira. Mas, para as pessoas conhecerem a capoeira, ele desafiava os quilombolas a fazerem um passeio pelos lugares misteriosos da comunidade. **Que lugares eram esses? Como eram esses lugares?** Perguntava Mãe Dinah para a plateia. Uma menina falou: “tem o poço”! “Ah! o poço”, respondeu Mãe Dinah. **Como é esse poço? Quais as cores desse lugar? Quais os cheiros desse lugar? O que acontece nesse poço? Quais os mistérios desse poço?** Mãe Dinah perguntava e se divertia com as respostas. “Sim, mas se tem um mistério tem de haver um desafio”, dizia ela. **Qual o desafio desse lugar? Quais as dificuldades encontradas nesse lugar de mistérios? Existe alguém ou alguma coisa que ajuda a enfrentar o desafio? São bichos, pessoas ou objetos? Ou alguma outra coisa? Ou são**

**sensações e sentimentos? O que você sente nesse lugar? Quais são os outros lugares que Van Damme desafiou as pessoas a andarem? E como fez para chegar no lugar do conhecimento sobre a capoeira? Nesse lugar do conhecimento da capoeira, o capoeirista Van Damme plantou uma forquilha na terra. Por que ele fez isso?** Perguntou Mãe Dinah.

Depois de passar pelo poço e outros lugares misteriosos e desafiadores, **o que o capoeirista Van Damme fez vocês descobrirem sobre a capoeira? E será que esse conhecimento sobre capoeira contribuiu ou não para a educação no quilombo?** Com todas as respostas, Mãe Dinah criou a *História do capoeirista Van Damme no quilombo do Juá*. Todos ficaram felizes com a história criada. Para terminar, Mãe Dinah agradeceu a todos e todas ancestrais pela inspiração e aos participantes da roda pela boa energia que foi passada. Concluíram fazendo um gesto de despedida com a cabaça. (SILVA, 2014, p. 431-432).

Utilizamos a cabaça como principal elemento para a socialização das pessoas. O motivo dessa escolha deu-se por ela estar presente no cotidiano da comunidade, de diversas formas: como reservatório para pegar água na cacimba, levar água para os(as) trabalhadores(as) da lavoura, vasilha para colocar frutas e grãos, etc. Segundo Semedo, (2010), na Guiné, como em outros países africanos, em determinadas etnias, encontramos significados extremamente profundos relativos à cabaça. Para começar, o vocábulo *kabas* [cabaça], em crioulo guineense significa sorte, bem aventurança. A pessoa ou a linhagem que tiver cabaça grande tem muita sorte, é afortunada. Segundo o autor,

A cabaça é o símbolo do ventre que traz vida dentro de si. A cerimônia da cabaça no grupo papel, por exemplo, é a que mantém viva a linhagem materna, sendo a própria cerimônia denominada “andar/carregar cabaça”. Essa cabaça específica é denominada cabaça de *mistida* [cerimônia, assunto]. Carregar cabaça ou realizar a *mistida* é uma cerimônia tradicional desse grupo étnico que inclui um périplo pelas *casasgrandes* [casas dos mais velhos] e *balobas*, isto é, santuários tradicionais, em que se levam oferendas aos irans e aos ancestrais, pedindo proteção aos antepassados e aos *irans*, deuses e entidades tradicionais, [...]. Retomando, andar cabaça é uma cerimônia realizada em um grupo formado por irmãs da mesma linhagem. Por cima numa rodilha feita de banda, na cabeça, cada mulher carrega uma cabaça contendo folhas de tabaco, aguardente e um punhado de arroz. As mulheres andam quilômetros a pé para, de baloba em baloba, entregarem suas oferendas. (SEMEDO, 2010, p. 106).

A cabaça reforçou a intimidade com as vivências da comunidade e abriu caminhos para a imaginação dos(as) co-pesquisadores para sentirem as formas, os cheiros e as paisagens geomíticas associadas aos lugares que são considerados por eles(as) como especiais e atravessados de encantamentos.

Figura 14 – Técnica da Sociopoética



Fonte: arquivo da autora.

Chevalier e Gheerbrant (1994 *apud* SEMEDO, 2010), no seu dicionário de símbolos, conceituam a cabaça como,

[...] Símbolo feminino e solar, entre os Dogons, cujo sistema simbólico tem uma predominância lunar. É um substituto do vaso de terracota, matriz do Sol, em torno do qual se enrola a espiral de cobre vermelho de oito voltas que é o símbolo da luz, do verbo, da água, do esperma, dos princípios fecundantes. [...] Nommo, *deus da água*, grande demiurgo da cosmogonia dos Dogons, apresenta-se por vezes na terra sob a forma de cabaça. [...] a cabaça é a imagem do corpo inteiro do homem, e do mundo no seu conjunto [...] Entre os Bambaras, símbolo do ovo cósmico, da gestação, do útero feminino, onde se elabora a vida manifestada. Os Bambaras chamam ao cordão umbilical *a corda da cabaça* da criança. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994, p. 136 *apud* SEMEDO, 2010, p, 108).

A cabaça é mesmo um símbolo sagrado, como afirma Semedo (2010, p. 117)

[...] a cabaça aparece em algumas cantigas metaforizando a destreza no toque da tina, a barriga, ou seja, a gravidez, a pertença e a verdade: *bardadi i suma kabas na iagu, nin si bu kalkal i ta bóia [a verdade é como uma cabaça na água, mesmo que a pressiones sempre subirá à superfície]*, diz o ditado popular guineense, aqui se referindo à sua leveza que a permite boiar sempre, mesmo quando é mergulhada no riacho ou numa selha; daí a comparação com a verdade que vem sempre à tona. Nos versos “Quando pingava/ havia uma cabaça/ à minha espera” da cantiga da tia Maria Djide, a cabaça representa, metaforicamente, as mãos dos amigos oportunistas que só se aproximam para pedir na hora da abastança.

A partir da história montada realizamos a técnica sociopoética dos Lugares Geomíticos<sup>25</sup>. Agora deitados/as sugerindo um novo relaxamento e solicitamos que

<sup>25</sup>Reconhecidos pela comunidade como lugares de encantamentos e mistérios.

percoressem esses lugares imaginando a relação com a capoeira na educação do quilombo, que foi o tema gerador.

Como eu e meu colega Rafael Ferreira estávamos pesquisando o mesmo território, realizamos esta oficina a partir de uma temática que colaborasse para o pertencimento, através de algo concreto que era a educação e a capoeira.

Figura 15 – Técnica de relaxamento sociopoética



Fonte: Arquivo da autora.

A referência aos lugares encantados trouxe a tona memórias esquecidas e permitiu-lhes que pintassem e narrassem suas artes, detalhando suas associações e assim saírem das expressões acanhadas. Creio que a cabaça teve esse efeito mágico de metaforização das histórias perdidas da comunidade.

Como as pessoas já tinham tido contato com os nomes dos personagens dados por eles(as) ficou mais fácil a participação. Neste momento vimos a importância da Sociopoética em buscar do inconsciente o que os(as) co-pesquisadores(as) têm guardado em suas memórias.

As técnicas de relaxamento corporal trouxeram uma contribuição fundamental para externar as expressões de oralidade. Como afirma Gauthier (2012), ao tornarem as energias corporais mais fluídas, os movimentos flexibilizam igualmente o pensamento.

As atividades foram concluídas com êxito e então pudemos avaliar os benefícios que a Sociopoética traz enquanto pesquisa coletiva. Adad (2014) afirma que,

Tudo isso não é possível ser realizado individualmente, sozinho, mas com o grupo co-pesquisador, escolhido para partilhar a pesquisa, vez que o corpo só consegue pensar e produzir conhecimentos na comunidade, com o grupo cujos saberes e não saberes são partilhados e coletivamente produzidos. (ADAD, 2014, p. 49).

Para trabalhos realizados com pessoas que não são acostumadas a ser ouvidas, a se sentirem importantes, faz toda diferença, porque as coloca em contato com um mundo imaginário e de superação das barreiras através da libertação do próprio corpo. Adad (2014) mostra-nos como o princípio de Pesquisar as Culturas de Resistência, das Categorias e dos Conceitos que produzem, (Sociopoética) pode nos ajudar na libertação de nossos corpos.

Esse princípio diz respeito ao desejo de conhecer e de encontrar o que foi silenciado, aqueles saberes de raízes que dormem na terra do povo e, às vezes, brotam ou explodem e rebentos novos que emanam cheiros, gostos, sons, tons heterogêneos. (ADAD, 2014, p. 46).

Isso nos remete aos benefícios da referida técnica sociopoética dos Lugares Geomíticos. Nessa atividade as pessoas voltaram ao passado e resgataram suas vivências, principalmente quando brincavam em lugares especiais. O Poço do Mel, o Poço do Piringa e a Cachoeira da Recompensa. Esses lugares existem na comunidade e mantêm uma relação de misticismo e ancestralidade, desde os nossos avós. Ainda criança, já ouviamos falar sobre eles e sua importância para a cultura da comunidade. É bem pertinente a afirmação de Adad (2014) ao tratar das pesquisas sociopoéticas, para não esperarmos que as palavras estejam guardadas em uma cesta à disposição, e sim, que os sentidos são produzidos para a elaboração de dados através das oficinas de produção de conceitos e confetos.

### **3.2 A Pretagogia abrindo os mundos da Cosmovisão africana através das próprias vivências**

As experiências que tive desde o curso de Especialização me proporcionaram uma volta ao passado para que hoje eu tenha consciência de minha história. Logo de início eu me identifiquei com as histórias e vivências dos quilombos de Minador e Bom Sucesso em Novo Oriente, lugar de nascimento da Pretagogia. Ela já estava sendo gestada em experiências anteriores, porém, no quilombo



desabrochou e foi batizada, momento marcante desse referencial. Tudo isso foi possível pela abordagem apresentada, aqui explicada por Petit (2015, p. 119-120):

A Pretagogia, referencial teórico-metodológico em construção há alguns anos, pretende se constituir numa abordagem afrocentrada para formação de professores/as e educadores/as de modo geral. Parte dos elementos da cosmovisão africana, porque considera que as particularidades das expressões afrodescendentes que devem ser tratadas com bases conceituais e filosóficas de origem materna, ou seja, da Mãe África. dessa forma, a Pretagogia se alimenta dos saberes, conceitos e conhecimentos de matriz africana, o que significa dizer que se ampara em um modo particular de ser e de estar no mundo. Esse modo de ser é também um modo de conceber o cosmos, ou seja, uma cosmovisão africana.

Citando Petit, Batista (2013) enfatiza a força transformadora que a Pretagogia contempla:

[...] a Pretagogia se revela potencializadora de muitas mudanças: desde a descoberta de seu pertencimento étnico (as pessoas foram mudando de cor durante o curso, tornando-se pret@s), até o reconhecimento de praticar o racismo na infância, passando por uma maior interligação corpo e natureza, o estar no lugar Quilombola, o reconhecer de pertencer a uma linhagem que leva até a África, o perceber em atos, tradições, atitudes, tecnologias e a presença marcante das africanidades no seu cotidiano, o desvelar de uma História até então mal contada sobre a África e a população negra, o desejo de interferir e transformar suas realidades dentro e fora da escola, a valorização da cosmovisão africana e a desmistificação e revisão de preconceitos arraigados a respeito das religiões de matriz africana. (PETIT, 2011 *apud* BATISTA, 2013, p. 119).

A Pretagogia nos proporcionou uma visão mais ampla da valorização das nossas vivências, costumes e ancestralidade. Os princípios da Pretagogia são fundamentados também em uma série de autores, fazendo desse referencial um ensinamento bem estruturado e com conceitos valorizados e reconhecidos. Segue a listagem dos princípios abordados pela Pretagogia, de acordo com Petit (2015, p. 122-123):

- O autoreconhecer-se afrodescendente;
- A apropriação da ancestralidade;
- A religiosidade de matriz africana;
- O reconhecimento da sacralidade;
- O corpo como fonte primeira de conhecimento e produtor de saberes;
- A tradição oral;
- O princípio de circularidade;
- O entendimento da noção de território;
- A compreensão do lugar social historicamente atribuído ao negro.

Partindo destes princípios, a Pretagogia adota atitudes de autoafirmação, afroreferenciadas na cosmovisão africana, que é a visão africana sobre o mundo e

suas relações, o modo de organização social, os valores e a forma de interpretação deste. Ela está sempre em movimento porque é construída com sabedoria e arte pela tradição e atualizada com sagacidade e coragem por seus herdeiros (ROCHA, 2011).

A cosmovisão vê o mundo holisticamente onde as sociedades humanas são parte da natureza e devem participar e se comunicar com ela integradamente, brincando no cenário com a diferença e o conflito, modos de interação que permitem uma valorização da história e cultura de cada povo.

A criatividade para a elaboração de produtos didáticos e nas estações de aprendizagem criadas por Petit (2015) é uma marca desse referencial, na forma como ela vem operacionalizando.

[...] o dispositivo pedagógico das **estações de aprendizagem** que criei ao sentir a necessidade de tornar mais circular e transversal a apropriação dos conteúdos, evitando cair no fatiamento do conhecimento. Mediante esse dispositivo, busco também favorecer a produção didática de modo criativo, ao invés da simples reprodução de ideias pré-formuladas por mim. (PETIT, 2015, p. 126).

Para que o termo Afroquilombola fosse dado preferência na pesquisa, houve toda uma reflexão dos resultados das vivências, experiências e atividades em minha própria pessoa e nas pessoas que participaram de pesquisas anteriores na Serra do Juá. Quando eu iniciei no curso de Especialização tive os primeiros contatos com os conhecimentos afroreferenciados. Desde então, tenho melhorado através das leituras e tudo que eu tenho participado sobre o assunto. Aos poucos fui me reconhecendo, me identificando e me pertencendo. Tanto o ser negra, quanto o ser quilombola foram se instalando gradativamente em meu íntimo, a ponto de fortalecer cada dia mais o meu sentimento de pertença. Petit (2015) ressalta a necessidade de criar mecanismos sensíveis que atinjam as dimensões subjetivas da opressão que opera um rechaço ao ser negro/a e toda a ancestralidade africana em boa parte da população:

[...] há sobretudo uma dificuldade de tomar isso para si, de apropriar-se da negritude com naturalidade, como resultado tanto de linhagem e história e memória, como de vivência, território e referência cultural. Para reverter essas tendências negadoras, precisamos suscitar nas pessoas um sentimento de pertencimento à ancestralidade africana, algo que só pode ser feito tocando o sentimento das pessoas, elas precisam sentir-se negras, esse sentimento é transmitido principalmente por nosso corpo, pois ele é o guardião da nossa memória ancestral. (PETIT, 2015, p. 148).

Meu sentimento em relação à minha ancestralidade foi tocado profundamente, fazendo-me compreender sobre os conflitos desnorteados que me povoavam. Nesse processo de fortalecimento vamos dando forma às nossas características e memórias ancestrais. Sou resultado da transformação ocorrida através das técnicas de aprendizagem da Sociopoética e da Pretagogia. Segundo Petit (2015, p. 148),

[...] ao reconhecermos nossa ancestralidade africana passaremos a colocarnos “desde dentro”. Essa autoafirmação muda completamente a nossa forma de inserção na pesquisa e no ato educacional. A minha autoafirmação gera efeitos multiplicadores da apropriação, já a minha autonegação, muitas vezes, gera mais distanciamento e estigmatização.

Assim como eu, as pessoas também se sentiram fortalecidas em suas atitudes e puderam se expressar com mais confiança. Para Kouyaté (2003 *apud* BERNAT, 2006, p. 228),

A coisa mais difícil é o conhecimento de si próprio. Nós achamos que nos conhecemos, mas a gente não se conhece. A gente se conhece muito pouco. Poderíamos a cada dia nos revelarmos um pouco a nós mesmos. Na África, dizemos que quando vemos uma pessoa, nela há a pessoa da pessoa. E para encontrar estas outras pessoas que nos enriquecem, que nos revelam a nós mesmos, temos que ir de encontro aos outros. Dizemos que se você vir outro, não tenha medo de olhá-lo nos olhos. Com tranquilidade, confiança, você acabará se vendo nos olhos dele. E você vai compreender que o que o aproxima é muito maior do que aquilo que o separa. Toda confusão, toda rejeição é fruto do desconhecimento do outro.

Nesse processo para me conhecer foi que fui percebendo as africanidades que estão presentes na minha vida. Em meados da pesquisa ainda estava confusa em relação a teoria que pretendia finalizar, porém, quando procurei compreender melhor os conceitos da Pretagogia, tive certeza que é assim que quero continuar realizando minhas atividades e intervenções nas comunidades. A Pretagogia tem um perfil funcional para o despertar do pertencimento afroquilombola.

### **3.3 Jornada Afroquilombola na Serra do Juá: as estações de aprendizagens protagonizando a construção do pertencimento**

A comunidade quilombola Serra do Juá foi palco de três pesquisas: a minha sobre o pertencimento afroquilombola, da companheira Eliene Magalhães sobre as africanidades da reza das rezadeiras e de Rafael Ferreira sobre o uso pedagógico das ladainhas de capoeira. Partindo do princípio que nós três temos a mesma

orientadora, a professora Dr<sup>a</sup> Sandra Haydée Petit, escolhemos fazer a maioria das oficinas no quilombo do Juá, de forma colaborativa. Cada um(a) sempre foi o apoio para o(a) outro(a). Tivemos diversas formas de nos ajudarmos: colaboração para tirar as fotos, filmar, gravar áudio, organizar os espaços das estações, cooperação na aquisição dos materiais que foram utilizados e mobilização das pessoas. Também contamos com a colaboração de outros(as) companheiros(as), como o amigo Hélio Roque que, sempre que possível nos ajudou e principalmente Petit, porque ela se deslocou diversas vezes ao quilombo para presenciar, colaborar com as atividades, e também mobilizar as pessoas.

Primeiro identifiquei os *Marcadores das africanidades* para em seguida planejar as oficinas e *Estações de Aprendizagens*. Planejamos a partir dos *Marcadores* encontrados nas análises feitas sobre a minha história de vida, o produto didático de 2012 realizado no Curso de Especialização em Novo Oriente e o levantamento dos aspectos culturais da comunidade. Pude identificar vários *Marcadores*, mas como o tempo era curto e havia dificuldade em juntar as pessoas, foram agregados os que mais nos pareciam ter relação com o quilombo, para que fosse possível o desenvolvimento da pesquisa.

Os *Marcadores* que identificamos remetem às Relações Comunitárias de Solidariedade e Congraçamento, Ancestralidade, Sacralidade e Relações com a Natureza e Brincadeiras do Quilombo. Muitos outros marcadores apareceram no material e na narrativa da minha vida, mas esses são os que a meu ver, permitiam agrupar melhor as diversas dimensões das africanidades no quilombo da Serra do Juá.

Na primeira etapa da Jornada Afroquilombola, planejei com a orientadora, a oficina Pertencimento Afroquilombola, dividindo-a em cinco Estações de Aprendizagens. As Estações são cantos organizados especialmente pela Pretagogia, onde se reúnem atividades distribuídas circularmente para que os grupos as visitem e se apropriem das diversas informações e artefatos apresentados em cada canto de Estação, para depois se deterem numa estação específica e realizarem um produto didático com material apropriado, e linguagem esteticamente criativa, assim como explica Petit (2015):

[...] mais do que apenas solicitar que exponham verbalmente, em forma de relatório, suas compreensões, proponho à/aos docentes em formação três movimentos: 1) a compreensão de um material que traz um testemunho da tradição colocado à disposição como ferramenta nas referidas **estações de**

**aprendizagem;** 2) a transformação dessa ferramenta em produto didático e/ou novo propositivo pedagógico; 3) a apresentação de modo criativo e transversal/transdisciplinar do resultado gerado coletivamente, fazendo uso de mais de uma linguagem, associando expressões verbais e não verbais, de modo criativo. (PETIT, 2015, p. 127).

Eu e meu colega Rafael que também estava levando a cabo suas atividades de pesquisa no quilombo, subimos dias antes da realização das oficinas, para fazer a mobilização. A primeira tentativa pelo contato telefônico não deu certo para a realização da minha oficina. Na segunda tentativa, orientados(as) pela Professora Sandra, tiramos um tempo só para visitar as famílias e fizemos um convite especial para que no dia combinado com a comunidade, as pessoas estivessem na EEIEF Maria Iracema do Nascimento para a realização dos trabalhos. Mesmo com todo esse esforço de mobilização a comunidade não compareceu, pois estava direcionada para outras práticas de seu cotidiano. Para não perder a viagem fizemos uma roda de conversa entre nós, e à noite visitamos às famílias, com uma nova proposta, que era as próprias pessoas sugerirem novas datas para a realização da oficina.

No dia e hora combinado anteriormente com a comunidade estávamos na escola. Desta vez, compareceram mais de quinze pessoas e foi possível realizar a primeira oficina. Com o apoio de Rafael organizamos o espaço com esteiras, elementos que representam o pertencimento afroquilombola, textos, livros e um roteiro do que cada grupo teria que desenvolver. A proposta da construção de um produto didático é o foco desta metodologia.

Segundo Petit (2015) é necessário que haja a circularidade para traduzir na disposição do material a concepção não linear da aprendizagem na cosmovisão africana. Também é muito importante o diálogo entre gerações e tempos, misturando os grupos, inclusive de modo intergeracional porque amplia a dimensão da vida e nos coloca como parte de uma corrente (BERNAT, 2013).

Iniciamos com as boas vindas e os agradecimentos pela presença das pessoas. Relembramos alguns momentos do trabalho com a turma do MOVA-Brasil que acontecera no ano anterior e que resultou em artigos que foram publicados no livro *Tudo que Não Inventamos é Falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a Sociopoética*. Falamos ainda da nossa compreensão da ausência da comunidade nos momentos que as pessoas estão participando de outras atividades que dizem respeito à convivência local. Como por exemplo, aos

domingos a comunidade tem seus compromissos de ir à igreja, fazer bingos, rezar novenas, terços e visitar seus parentes. Então, isso me fez compreender que precisamos respeitar o tempo da comunidade e nos adaptarmos às suas condições e disponibilidades.

A primeira oficina contou com a presença de nós pesquisadores/as Cláudia e Rafael, também tivemos a presença de Claudenilson Allan de Oliveira Gadelha, jovem quilombola (meu filho); Zuila Maria Soares da Costa Nascimento, professora quilombola da comunidade; Antonio Júlio da Silva da Costa, criança quilombola; Francisco Álisson da Silva Lima, criança quilombola; Antonio Odair Oliveira da Costa, quilombola e artesão de objetos de madeira; Maria do Socorro Lima do Nascimento, quilombola e artesã de colchas de retalhos; Maria José Sousa da Silva, mulher quilombola; Vitória de Fátima Sousa Pereira, criança quilombola; Ana Jéssica Souza da Silva, criança quilombola; Maria Dalva de Sousa, mulher quilombola e rezadeira, parteira e mezinheira; Maria Suelina Souza da Silva, mulher quilombola, representante da ACRQSJ; Francisco Marciano Sousa da Silva, jovem quilombola; Déborah Kelly Sousa da Silva, criança quilombola; Francisco Antonio da Silva Lima, homem quilombola; Maria José da Silva Lima, mulher quilombola e Francisca Gleiciane Lima do Nascimento, jovem quilombola e algumas outras pessoas que não puderam permanecer todos os momentos.

A primeira *estação* da roda foi, Congraçamento e Culinária, dimensão que era desdobramento do marcador Relações Comunitárias. Apresentei receitas culinárias de Moqueca de Banana, tendo em vista que essa fruta é produzida no local, e outras receitas com inhame, raíz que possui muitos significados místicos e múltiplas propriedades terapêuticas. O livro Sabores da África foi um ótimo suporte para que as pessoas conhecessem a banana e o inhame do ponto de vista da cosmovisão africana. O livro Ewé Orisá trouxe a explicação sobre esses alimentos do ponto de vista da religiosidade de matriz africana. Segundo Hafner (2000, p. 15),

Usar a comida como meio de representação não é um conceito novo. Mas uma mulher negra que usa a comida para representar abre caminho para um sem-número de interpretação e de questões políticas. As mulheres negras sempre tiveram uma relação deliciosa com a comida. [...] a comida significa vida. Na cultura africana, celebram muitos ritos de passagem: dar nome ao recém-nascido, purificar a mãe do bebê, casamentos, aniversários [...].

Hafner (2000) diz que em Gana, nenhuma celebração é completa sem uma libação, que é o ato de oferecer o líquido ao chão, derramando-o de maneira cerimoniosa, invocando, ao mesmo tempo, encantações, preces, agradecimentos e convites aos espíritos dos ancestrais mortos há muito tempo.

Citando Ki-Zerbo (2004), Bernat (2013) explicita a importância do ato de libação, realizado também no Brasil, mas na maioria das vezes sem as pessoas entenderem o gesto de “dar um pouco ao santo”,

[...] Os rios e os lagos sempre foram considerados depositários de forças ocultas, e a terra, um espírito a ser cultuado. Isso explica o tradicional gesto do africano de verter um pouco d'água ou dolo à terra antes de beber, o que mostra que o solo é considerado uma entidade a ser prioritariamente servida, pois contém uma força que une o homem a instâncias superiores. (KI-ZERBO, 2004, p. 118 *apud* BERNAT, 2013, p. 46).

Nas vivências das comunidades quilombolas por muito tempo pude presenciar esse ato realizado por pessoas mais velhas. Toda vez que as pessoas iam beber alguma aguardente derramavam um pouco no chão e diziam que era para o “santo”. Essa frase tornou-se um dizer popular, que até pouco tempo eu não conseguia compreender quando as pessoas afirmavam “essa é para o santo” Ou seja, a importância da oferenda para a espiritualidade como forma de gratidão e respeito.

Pesquisar esses aspectos históricos mostra a importância de conhecer e valorizar. Para realizar a estação coloquei alguns artefatos que traziam uma inspiração às raízes negras, com intenção de sensibilizar os(as) participantes a se reconhecerem nesses elementos.

Distribuí os elementos esteticamente organizados como mostra a foto a seguir. Coloquei pilão de madeira, panela de barro, os livros mencionados, imagens de pessoas e de comidas, alimentos *in natura* como: melancia, gengibre, açafrão, banana, inhame, ervas frescas, rapadura, castanha de caju e os textos com as orientações das atividades.

Figura 16 – Estação: culinária



Fonte: arquivo da autora.

Segundo Hafner (2000, p. 15),

[...] as mulheres negras sempre mantêm uma relação deliciosa com a comida. Até, hoje, para a maior parte das mulheres negras do mundo, a comida ainda significa vida, e não culpa. A sociedade moderna nos preparou para revelarmos os aspectos da nossa formação e isso inclui, amplamente, a comida e o ato de comer. Aí reside o poder.

A segunda estação tratou sobre Relações de Solidariedade, que contou com o apoio pedagógico de imagens dos Adinkras<sup>26</sup> que representam muito a relação de solidariedade, bem como o livro infanto-juvenil *Os Sete Novelos*, de Angela Shelf que trouxe uma reflexão muito adequada para o momento. Ele conta a história de sete irmãos que ficaram órfãos de seu pai e tinham uma grande herança, mas devido às suas brigas e individualismos só poderiam desfrutar desses bens, quando cumprissem uma prova: encontrar ouro nos novelos de linha (cada um de uma cor) que eles receberam de seu pai antes de morrer. Os rapazes pensaram e depois de um tempo descobriram que nos novelos não havia ouro como eles imaginavam, e sim a solução de seus problemas. Se todos deixassem de brigar e ficassem unidos poderiam tecer belos panos com as linhas coloridas.

Depois de terem percebido o sentido de fazer juntos, um deles disse que as pessoas do lugar talvez não se interessassem, pois naquele território as pessoas só usavam roupas com tecidos de uma única cor. Mesmo assim, começaram a tecer os fios no tear e criaram lindos tecidos coloridos. As pessoas gostaram e passaram a

<sup>26</sup>Sistema de símbolos que transmitem ideias desenvolvidas pelos Akan – grupo cultural no Gana, Costa do Marfim e Togo. Cada símbolo que abre os capítulos são Adinkras e possuem nomes e significados próprios.



comprar. Eles ganharam muito dinheiro e também ensinaram seu ofício para as pessoas da comunidade que ficou reconhecida por suas roupas e tecidos coloridos exclusivos e assim nasceu o pano *kenté* que até hoje em Gana é considerado uma linguagem oral especial e de uso de pessoas nobres. Este tecido é conhecido como o tecido dos reis, pois os tecelões trabalhavam pacientemente e sem pressa por meses a fio num único tecido. Essa obra primorosa tinha uma clientela restrita, pois poucos podiam se dar ao luxo de adquirir o raro e caríssimo tecido *kenté*.

Rapidamente nos remetemos às leituras de Semedo (2010) quando afirma que os Manjacos (etnia do litoral de Guiné-Bissau) conservam os seus valores na forma de tecelagem.

Nos encontros de mandjuandadi, as mulheres levam esses panos ao ombro ou envolto na cintura por cima das roupas; é com eles que elas acenam e os lançam às colegas, enquanto elas dançam, em um gesto de amizade e apreciação da sua performance. Servem esses panos, também, como tapete, sobre o qual os noivos se sentam e andam no dia do casamento. (SEMEDO 2010, p. 100).

Além do livro também disponibilizei novelos de linha colorida, imagens de adinkras, Gá e Nascimento (2009) que remetem à solidariedade, fitas, artefatos artesanais de crochê, retalhos e as orientações do trabalho.

Figura 17 – Allan e Álisson fazendo a leitura da história Os Sete Novelos



Fonte: arquivo da autora.

A terceira estação trouxe a temática da Intergeneracionalidade e Mestria. Nesta estação apresentei o livro *Olelê* que apresenta a cantiga *Olelê*, Moliba Makasi específica do povo que vive à beira do Rio Cassai em África, de Fábio Simões e Heloísa Pires (2015), porque queria que as pessoas refletissem sobre a importância da interação com as gerações de diferentes idades. Além dos adinkras relacionados, argila, imagens de artefatos de barro, também apresentei o documentário *Mestre Vitalino* que está disponível no youtube (*MESTRE...*, 2015).

O documentário apresenta a história de Vitalino Pereira dos Santos, um senhor nascido em 1909, no sertão de Pernambuco e que desde criança aprendeu a fazer objetos de barro, com sua mãe que era artesã. Esse documentário foi acompanhado de outros vídeos sobre os profetas do sertão, que são principalmente agricultores(as) cearenses que observam a natureza para aprender suas lições com sabedoria. Segundo Bernat (2013)

Na formação do homem na África Ocidental, aprende-se desde pequeno a conviver com ofícios e estímulos variados ao mesmo tempo. Assim, nesse local, as mulheres cozinhavam, lavavam roupa, marceneiros construíam móveis, costureiros criavam modelos para mulheres e homens, vendedores nigerianos vendiam objetos de prata, *griottes* cantavam, músicos tocavam seus instrumentos, crianças brincavam e o tempo todo se contavam histórias. (BERNAT, 2013, p. 48).

Figura 18 – Participantes da estação assistindo o documentário do Mestre Vitalino


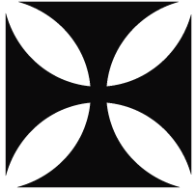

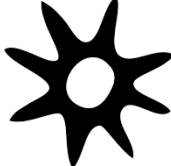
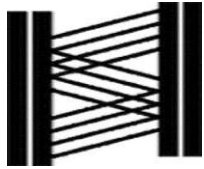









Fonte: Arquivo da autora.

A quarta estação trabalhou com a temática Sacralidade, Relação com a Natureza e a Importância dos Nomes. Um dos materiais apresentados foi a frase famosa de Ki-Zerbo (2010), sobre a importância de fortalecer a identidade para não ser um objeto de utilizado pelos outros e sim, desempenhar o papel de protagonista da nossa própria história.

Trouxe-a para que as pessoas pudessem refletir sobre o pertencimento enquanto fator principal para a nossa autonomia e emponderamento. Os Adinkras estiveram em todas as estações, cada um com sua mensagem específica como exemplos: Gá e Nascimento (2009).

Figura 19 – Símbolos Adinkras

 <p>Fi-Hankra Um conjunto familiar de casas fechado.</p>	 <p>Krapa A boa fortuna ou a santidade.</p>	 <p>Gye Nyame Aceite Deus, Ele é onipotente e imortal.</p>	 <p>Nsoromma Filha do sol. Minha luz é o reflexo da Dele.</p>
 <p>Owo Foro Adobe A cobra sobe a palmeira ráfia</p>	 <p>Sesa Wo Suban Mude ou ransforme seu caráter.</p>	 <p>Sankofa Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás.</p>	 <p>Okodee Mmowere As garrafas da água.</p>
 <p>Fawonodie A independência traz as suas responsabilidade.</p>	 <p>Akoma Ntoaso Os corações ligados ou unidos.</p>	 <p>Wawa Aba Ela é forte e resistente como a árvore wawa.</p>	 <p>Adinkra Hene Símbolo da supremo.</p>

Fonte: (ADINKRAS, 2015).

Os livros apresentados foram: Orukomi da autora Esmeralda Ribeiro sobre o ritual de atribuição do nome na etnia Yorubá na Nigéria, esse tema foi escolhido para falar da importância dos nomes, tendo em vista que trabalhamos com o pertencimento começando pelo próprio eu; Epé Layié – Terra Viva, escrito pela mãe de Santo Stella de Oxóssi, que traz uma boa reflexão sobre a preservação ambiental do ponto de vista do Candomblé e dos orixás e O Comedor de Nuvens de Heloísa Pires, mostrando que a individualidade traz prejuízos ao coletivo.

A quinta estação focalizou as Brincadeiras e Vivências Quilombolas. Apresentei nesta esteira, o livro Africanidades Caucaenses organizado pelas Professoras Geranilde Costa e Sandra Petit e escrito por professores(as) de Caucaia que participaram do Curso de Especialização no Quilombo. Nele há um artigo sobre brincadeiras de ontem e de hoje na Serra do Juá; O livro Falando Banto, de Eneida Gaspar (2011) que traz um leque de palavras de origem banto, para serem reconhecidas e comparadas com as palavras faladas no quilombo; o produto didático Memórias de Ontem e de Hoje no Quilombo da Serra do Juá, e bonecas de panos para atizar as lembranças da infância.

As mães com suas crianças preferiram participar desta estação, tendo em vista o encantamento das brincadeiras e o manuseio das bonecas e dos retalhos para confecção da boneca Abayomi.

Figura 20 – Estudos do texto sobre as brincadeiras quilombolas



Fonte: arquivo da autora.

Apresentei as cinco Estações de Aprendizagens com seus respectivos materiais e suas orientações. As pessoas puderam conhecer as propostas de cada uma e depois escolher a que mais se identificaram. Não podemos negar que a Estação da culinária, foi um grande atrativo, como afirma Hafner (2000, p. 14),

Ao longo dos anos, espalhei o meu conhecimento da cultura africana como um todo, e vi que não havia melhor maneira de desenvolver uma apreciação do espírito e da criatividade únicos de um povo oprimido do que falar de sua comida. Comecei a pesquisar a cozinha e descobri uma ampla variedade de receitas – e grande interesse por parte do público – então decidi escrever um livro.

O grupo da culinária deu preferência às receitas mais tradicionais, tendo como base os alimentos produzidos na comunidade. Fizeram a leitura do texto “Como o inhame chegou aos Achanti<sup>27</sup>” (HAFNER, 2000, p. 62-64), que conta a história do povo Achanti quando estava passando fome.

Certo dia, um viajante passou pelo vilarejo trazendo o inhame. Abu, o guerreiro da comunidade quis saber de onde vinha esse alimento tão valioso e pegando suas armas decidiu procurá-lo. Ele procurou por vários lugares até que avistou em uma montanha campos e campos de inhame.

Quando Abu encontrou o chefe da Terra do Inhame disse que em sua terra não havia inhames e muitas vezes seu povo passava fome. Pediu para que ele lhe desse alguns inhames para plantar, assim, seu povo não sofreria mais de fome.

O chefe pensou por vários dias e disse para Abu que não poderia ajudar, pois quando o povo Achanti ficasse forte, poderia atacar os seus vizinhos mais fracos. Abu garantiu que isso não aconteceria. Porém, o chefe só concordou em dar o inhame com a condição de que um homem da comunidade de Abu, passasse a ser seu hóspede.

Abu teve muita dificuldade pois ninguém sacrificaria seus filhos.

Depois de muita rejeição e já desesperado, a irmã de Abu concede a permissão para seu único filho ir para a Terra do Inhame. Abu levou o sobrinho e voltou com muitos inhames para plantar, e daquele dia em diante, o povo Achanti não passou mais fome, porque os inhames cresceram, se multiplicaram e geraram muita prosperidade na comunidade.

---

<sup>27</sup>O Império Achanti (também Axânti ou Asante), conhecido ainda como Confederação Ashanti ou Asanteman (independente de 1701-1896), foi um estado pré-colonial da África Ocidental criado pelo povo Akan e que é hoje a região Ashanti em Gana. Seu império se estendia desde a Gana central até o Togo e a Costa do Marfim dos dias atuais. (IMPÉRIO..., 2015).



Quando Abu morreu, velho e rico, toda sua herança não passou para seus irmãos e filhos e sim para seu sobrinho.

Em honra a Abu os Achanti desenvolveram a cultura do inhame e daquele tempo em diante toda vez que um homem morre ele deixa sua herança para o filho de sua irmã.

As mulheres desta Estação, conheceram alguns alimentos que são oferecidos para os Orixás nas religiões de matriz africana. Debateram a importância da agregação de valores comunitários, relacionados aos momentos sagrados de consumirmos os alimentos.

Lembraram de suas mães e avós que sempre faziam comida para partilhar com toda a família em um sagrado ritual de amizade, coletividade, fartura e alegria.

Assistiram ao vídeo da cantora Rita Ribeiro, Vendedor de Bananas e logo se identificaram com o modo de vida de seus esposos e filhos.

As mulheres que participaram desta estação fizeram receitas de moqueca de banana e inhame pilado no pilão, para todos(as) degustarem no final das atividades, como mostra a foto a seguir.

Figura 21 – Mulheres preparando a moqueca de banana



Fonte: arquivo da autora.

Segundo Bernat (2013) o momento da partilha do alimento é sagrado,

[...] A refeição é um momento de conagração entre as pessoas. Todos se sentam em círculo. Então, uma bacia com água passa de um para o outro para se lavar as mãos. Ao final, o mesmo procedimento será feito.

Este hábito reúne dois fatores: o movimento conjunto para começar a refeição aliado à necessidade de se partilhar a pouca água que se tem. A comida é servida numa grande tigela, que fica no centro do círculo. Cada um pega a sua parte e coloca no prato. Come-se com a mão. Porém, não se deve usar a mão esquerda, pois ela é considerada impura já que é usada para se fazer a higiene após a ida ao banheiro. Pela mesma razão, jamais se cumprimenta alguém com a mão esquerda. Aliás, é costume ao se cumprimentar alguém recolher a mão esquerda ao peito em sinal de respeito. As mulheres geralmente recolhem as duas mãos. (BERNAT, 2013, p. 32).

Na estação Relações de Solidariedade, o grupo se dedicou a ler a história dos Sete Novelos, um conto que expressa união e coletividade entre as pessoas para se fortalecerem. Também conheceram e analisaram os Adinkras com relação ao tema em estudo. Depois houve uma discussão coletiva para identificar as relações de solidariedade da comunidade. O menino Álisson reconta a história para o grupo:

Os Sete Novelos era porque tinha sete irmãos e eles brigavam muito entre si. Todo dia e toda noite eles brigavam e discutiam no trabalho e um dia o pai deles morreu e deixou a herança pra eles. E pra ficar com a herança eles tinham que ficar unidos. Não podiam mais brigar. E tinha que conseguir fazer ouro com os novelos.  
Eles fizeram tecidos com os novelos e ganharam ouro. (Álisson).

Foi citada pelo grupo, a situação de quando as pessoas da comunidade adoeciam ou as mulheres iam dar a luz, como não tinham transportes automotivos, os homens se reuniam e levavam o(a) paciente na rede. Hoje, isso já não é muito comum, pois as pessoas têm motos e o acesso à comunidade está melhorando, o que facilita o tráfego de automóveis. Além disso, as pessoas lembraram-se dos mutirões que eram organizados no passado pela matriarca Maria Iracema. De acordo com Nogueira (2012, p. 149-150)

[...] podemos viver de um modo mais solidário, aprendendo mais com os que se foram, dando aos que virão a devida importância e, sobretudo, vivendo a vida de um modo compartilhado, recuperando as férteis possibilidades que diversos povos africanos deixaram como legado e continuam reinventando continuamente através dos mais diversos modos de existir, resistir e re-existir. Com efeito, *ubuntu* como modo de existir é uma re-existência, uma forma afroperspectivista de configurar a vida humana coletivamente, trocando experiências, solidificando laços de apoio mútuo e aprendendo sempre com os outros. Um primeiro passo, para essas práticas está no que o filósofo Ramos chama de polidiálogo, isto é, no lugar de ouvir e falar em busca de “vencer” um debate, podemos ouvir-falar sempre de uma maneira múltipla, sem necessidade de estabelecer consenso, sem necessidade de vencer disputas; mas, procurando atravessar os caminhos e encruzilhadas que a existência reserva com o entendimento que, atravessar em companhia pode servir como uma

maneira de tornar a vida mais bela, solidária e (porque não dizer, sem querer incorrer em clichês), feliz. Porque *Ubuntu* significa que só posso ser feliz se as pessoas ao meu redor também estão felizes.

Na temática da Ancestralidade, o documentário do Mestre Vitalino, inspirou os(as) nossos(as) mestres(as) a representarem suas artes através de objetos feitos com argila. Todos/as sentiram-se tocados/as pelas memórias de suas histórias e começaram a criar peças referentes a própria vida e de seus ancestrais, reflorescendo a criatividade e a liberdade.

Maria do Socorro falou que sua mãe era louceira e fazia objetos para vender e utilizar em casa. Potes, alguidares, pratos e outros objetos eram bem conhecidos por todos(as) da comunidade, tendo em vista que há quarenta anos eram os vasilhames mais comuns nas casas, assim como as cabaças e cuias.

Maria do Socorro representou sua arte em argila, construindo uma máquina de costura e um alguidar, porque lembrou da arte de sua mãe.

O aspecto da oralidade fica bem visível nessas ações pois ela aprendeu a fazer observando a mãe trabalhar e além disso, conhece muito bem como viveu seus antepassados. Bernat (2013) fala da importância da oralidade para a manutenção cultural dos povos.

Este aspecto é tão presente no *griot* como contar histórias, ou conduzir cerimônias. Estes encontros ocorrem durante o convívio social, como uma ação cotidiana inseparável da vida de toda comunidade. Ninguém interrompe o que está fazendo ou diminui o tom de voz. Esta busca pela palavra do *griot* está ligada ao seu conhecimento e à experiência acumulada desde criança ao observar o pai desempenhando esta função. O *griot* nasce *griot* e seu legado passa de pai para filho, um imenso rio de histórias, ditados e metáforas onde pode pescar aquilo que alimentará a consciência e o espírito de quem o procura. (BERNAT, 2013, p. 36).

Aqui, procuramos valorizar os mestres e mestras da comunidade. O mestre da sanfona José Antonio da Silva do Nascimento, conhecido como Zé da Lourdes, é quilombola, nascido em 13 de junho de 1963, na Serra do Juá. Desde muito jovem teve que trabalhar para ajudar sua mãe a sustentar a família, depois que seu pai foi assassinado.

Continuou por algum tempo militando no movimento social da comunidade de Porteiras, assim como seu pai fazia, lutando pela Reforma Agrária. Acompanhava o grupo nas ações regionais em outros municípios e em uma dessas viagens do Movimento, conheceu o padre do município de Caridade. Externando-lhe o desejo



de aprender a tocar sanfona, ganhou uma pequena sanfona de presente do sacerdote.

Sem orientação musical, Zé inicia sua jornada apenas baseado na força de vontade e na motivação de seu avô. Aprendeu a tocar sozinho, mas passou por problemas familiares que o fez se afastar por muito tempo de seus sonhos.

Zé sempre foi agricultor e pasou por problemas na visão. Ficou muito triste pelos acontecimentos, mas nunca desistiu de vencer. Tempos depois, alimentado na fé que tem em São José, ele conseguiu transplante de córnea e a esperança volta a morar em seu coração. Voltou a enxergar, alimentou seu sonho de ser um grande sanfoneiro e hoje está sendo reconhecido pelo seu trabalho como músico. É apaixonado pelo faz e toca sua sanfona com dedicação e amor.

José Antonio transmite a vontade de repassar seu talento para os(as) jovens da comunidade, mas sente a desmotivação deles(as). A sanfona para José é sua riqueza, seu patrimônio e a representação de sua história de resistência. O apelido Zé da Lourdes, ele adquiriu da comunidade por ser o filho que esteve sempre ao lado de sua mãe (Lourdes) para ajudá-la desde que ela enviuvou. Zé da Lourdes, homem respeitado e admirado por todos(as) que o conhecem!

Figura 22 – Mestre da Sanfona – Zé da Lourdes



Fonte: arquivo da autora.

As crianças e os(as) adultos(as) que trabalharam com a estação das brincadeiras e vivências quilombolas, falaram do que gostam de brincar e quais são

os brinquedos que conhecem. Assistiram ao vídeo-oficina da construção da boneca Abayomi. Elas ficaram impressionadas pela história de resistência e amor, quando as mães escravizadas faziam essas pequenas bonecas para suas crianças, como símbolo de amor eterno, bons fluídos e relação ancestral.

Em outros momentos voltamos à comunidade para concluir os trabalhos. Depois da primeira oficina, realizamos outras complementares. Continuamos com as mesmas temáticas, porém, com outros elementos. Como por exemplo, a estação da solidariedade que anteriormente havia feito referência aos momentos de mutirão que já aconteceram na comunidade, agora apresentamos o documentário sobre o Quilombo Morro Seco/Iguape-SP, que foi publicado em 23 de maio de 2015 e está disponível no You Tube: <https://www.youtube.com/watch?v=sQhGq1ZkXiQ>. (MUTIRÃO..., 2015).

Neste documentário, o senhor Hermes Modesto Pereira fala sobre as práticas de mutirão que antigamente se faziam na comunidade. As pessoas se juntavam para realizar o trabalho coletivo no serviço de seus patrões. Hoje, estão resgatando esse costume, juntando várias comunidades, mas dessa vez para realizar o trabalho para os próprios quilombolas. Senhor Armando Modesto Pereira considera o mutirão uma ação que deve ser refletida e repassada para outras comunidades como um exemplo de vida, de trabalho e de educação. É muito importante esse sentimento de coletividade, resgatando os valores de outrora de nosso povo a ser repassado para as novas gerações. Foi muita sabedoria e conhecimento representados no depoimento do senhor Bonifácio Modesto Pereira, o homem mais velho da comunidade quilombola Morro Seco/Iguape-SP.

A ideia de mutirão começou a ser pensada depois que os homens começaram a se particularizar. Cada um faça para si. Antes, era diferente, quando os homens tinham a sensibilidade da dificuldade do outro. Isto significa manifestação de amor. Todas as pessoas que não têm esse princípio se admiram de uma organização como essa. Pra que isso? Vocês não sabem que a gente tem que fazer pra gente? Eu vou atrás daquele que tá oferecendo o dinheiro, aquele deus mentiroso. Então os homens correram atrás disso, se desarmonizando e se escravizando desse deus mentiroso. Então, os homens correram atrás disso, se desarmonizando e se escravizando desse deus mentiroso. É da terra, viu pessoal que vamos buscar com o que viver. Se não tivermos terra para todo homem, mulher trabalhar, nós estaremos atrapalhados. (Fala de Bonifácio Modesto Pereira – maio 2015).

No terceiro momento nos dedicamos a construção do produto didático. A professora Sandra Petit sugeriu como proposta para o produto didático, a confecção de um pano de pente para realizar com ele a técnica do Parangolé.

O pano de pente é um artefato da cultura africana guineense. O nome “pano de pente” é dado porque o tear onde ele é confeccionado tem o aspecto de um pente, pelo formato de dentes por onde as linhas passam para o tecido ser feito (SEMEDO, 2010). É um pano feito tradicionalmente com fios de algodão, que é um produto típico da costa africana. Segundo Semedo (2010, p. 94):

O **pano de pente** é um tecido confeccionado a mão, em tear tradicional. O nome deve-se ao instrumento com que são feitos esses panos, chamados pente! Um pente é constituído por quatro varas de palmeira; duas varas de madeira, com o formato de uma serra; uma roldana, que permite o movimento das varas; o pedal e o pente; a lançadeira, com um formato semelhante a uma piroga<sup>28</sup> de pequena dimensão e que permite lançar as linhas horizontais do pano, tendo no seu interior uma canela de linha e um fio de vassoura que permite o rolamento da linha. Antigamente usavam-se os fios de algodão produzidos na Guiné-Bissau, mas hoje em dia são mais usadas as linhas importadas, apesar de algumas “mulheres grandes” ainda recorrerem às linhas de algodão que elas mesmas fiam. O pano é um objeto de grande significado para a etnia Papel, intervém em todas as etapas da sua vida e é um objeto sagrado.

Analisando a fala de Semedo (2010) recordo-me do tempo da minha infância. Nesse tempo a comunidade Serra do Juá era conhecida como uma grande produtora de algodão. As grandes plantações eram cultivadas por homens, mulheres e crianças. O produto era comercializado e também utilizado para uso doméstico. Os(as) senhores(as) faziam pavios para as lamparinas que queimavam com azeite de mamona, também fabricado artesanalmente pelas pessoas da comunidade. Em pequenos teares o algodão era transformado em fios para que as pessoas pudessem costurar sacolas de palha, fazer tapetes de fios para forrar as selas dos cavalos e costurar as sacas de legumes que eram colhidas no roçado. Esses fios produzidos nos teares rústicos eram lubrificados com cera de abelha para adquirir resistência, quando sua utilização era amarrar, prender as “bocas” dos sacos.

Ainda conceituando o pano de pente, Semedo (2010) afirma,

Na língua mandinga pano é denominado *fánô*. O pano usado como coberta é *nurarão-fánô*; *larão-fánô* é o pano utilizado como lençol; *manhó-fánô* é o pano utilizado para cobrir a noiva no dia do casamento; *fánô-bâ* é o pano que serve de adorno, tanto por cima do ombro, como envolto na cintura;

<sup>28</sup>Um tipo de embarcação, característica da África e da Oceania.

*sunkutô-fânô* é o pano das meninas, sendo também o que serve de toalha para se enxugar depois do banho diário. Este pode ser tingido ou em tecido de algodão simples; *muskéba-fânô* é o pano destinado às mulheres casadas. Tanto *fânôbá* quanto *muskéba-fânô* podem ser panos de pente, pois são panos de *ronku* [ostentação]; *dar-fânô* é o pano de pente que pode servir tanto de pano de adorno quanto de coberta, dependendo da pessoa que o tem. O pano de uso interno (para se proteger da transparência de certos tecidos), ou seja, a primeira peça que as mulheres usam depois da calcinha, chama-se *kônó-sabá*. Na língua fula, pano de pente é *uderelepi*. *Uderedow* é o pano usado como adorno, tanto por cima do ombro, como na cintura por cima da roupa; *sindin sirin* é o pano das crianças após o banho e também para se estar em casa; *djáran* é o pano usado como coberta; *sabá* em fula é o mesmo que *kônó-sabá* em mandinga, o pano de uso interior. Esse pano pode ser feito com bandas brancas ou a três cores: branco, vermelho e preto. Segundo as mais velhas, a parte branca significa assepsia, o cuidado com o corpo, a vermelha é a maturidade e a maternidade, a preta, o segredo do lar. (SEMEDO, 2010, p. 112).

O pano de pente é confeccionado em bandas no tear tradicional, geralmente é feito pelos homens tecelões das etnias Papel e Manjacos (povos tradicionais de Guiné-Bissau), mas todos(as) usam panos de pente do campo à cidade. Depois de pronto, as mulheres se encarregam de fazer os acabamentos com bordados, tingimentos ou apenas costurando as extremidades das bandas (SEMEDO, 2010). Os tecelões ou *ficial* como são chamados em Guiné-Bissau exibem impressionantes habilidades em tecelagem.

Afirma Semedo (2010) que os tecelões se inspiram na natureza, animais, acontecimentos da vida das pessoas, o que permite a criatividade das estampas, das cores e dos motivos de cada pano, que recebe uma denominação de acordo com os motivos nele estampados.

Tive que mostrar muitas informações sobre este artefato e também explicar que não iríamos fazer um pano de pente original, porque ele é específico das etnias Manjacos e Papel e sim, nos utilizarmos dele para servir de inspiração, na construção do “nosso pano de pente afroquilombola”. Denominamos assim, por retratar aspectos culturais da negritude e especificamente da comunidade quilombola Serra do Juá.

Decidimos que o pano teria seis bandas e que em cada uma delas seria retratada a história da comunidade Serra do Juá que foi trabalhada nas estações de aprendizagens. A expectativa é que o pano de pente seja um produto didático pedagógico utilizado através da técnica do Parangolé, para empoderar as pessoas a expressarem seus pontos de vista.

Hélio Oiticica foi um artista plástico que aprendeu a sambar pela necessidade de desintelectualização e ter suas expressões livres. Tornou-se passista da escola de samba Estação Primeira da Mangueira do Rio de Janeiro e criou o Parangolé. Ele é uma espécie de capa cujo nome foi inspirado em uma placa do abrigo de um mendigo que viu na rua, na qual estava escrito “aqui é o Parangolé”.

Masullo (2015) faz referência ao trabalho de Shara Jane Adad com o Parangolé, que também nos inspirou nesta pesquisa.

A técnica do Parangolé tem referência nos trabalhos de Shara Jane Holanda Costa Adad e tem inspiração na obra do artista plástico Hélio Oiticica, [...]. O Parangolé é uma vestimenta que ganha vida quando entra em contato com a pessoa que vai vesti-lo. E, isso é que o faz existir. A vida começa a surgir quando da sua construção, pois ele deve ser confeccionado por quem vai usá-lo, intencionalmente. É nessa hora que surge também a personagem ou o personagem que ele vai representar. Depois de prontos, Parangolé e personagens fundem-se com os corpos das copesquisadoras ou copesquisadores, quando estes se encontram. E nessa hora a escultura móvel pode enfim contar sua história ou expressar-se da forma que a facilitadora ou o facilitador da oficina planejou. O importante é atentar para que, enquanto dispositivo sociopoético, o Parangolé acione as informações necessárias para a produção dos dados. (MASULLO, 2015, p, 46-47).

Para Cavalcanti (2012) que adaptou o Parangolé em sua pesquisa sociopoética na área de direito afirma,

Parangolés são capas, estandartes, bandeiras para serem vestidas ou carregadas pelo participante. Da mesma forma que as casas construídas nas favelas, os Parangolés são feitos com as mais diferentes técnicas, dos mais diferentes materiais, tamanhos e cores que, no entanto parecem se esquecer do sentido de suas individualidades originais ao se refundirem na totalidade da obra. O Parangolé convoca o espectador à experiência, que agora abandona esse lugar, para ser um participador, sem o qual a obra não cria sentido, pois “o vestir” sentido maior e total da obra, contrapõe-se ao “assistir” sentido secundário. (CAVALCANTI, 2012 p. 1).

Para que o Parangolé aconteça é necessária uma participação criativa e improvisada do expectador, como acontece no samba (CAVALCANTI, 2012).

Realizamos um momento só para confeccionar o pano de pente e mais uma vez, as pessoas fizeram uma rodada de conversa sobre seus temas trabalhados nas estações. Em seguida fizeram pinturas coletivas e criativas, como mostram as fotos a seguir. Assim como o pano de pente, foram pintadas as bandas de acordo com as temáticas e depois costuradas para formar o pano de pente parangolé.

Figura 23 – Banda das brincadeiras



Fonte: arquivo da autora.

Figura 24 – Banda da culinária



Fonte: arquivo da autora.

Depois que o pano de pente ficou pronto combinamos um momento na casa da Maria do Socorro para a entrevista coletiva. Nesse dia tivemos a companhia de pessoas que vieram de Fortaleza, como o Mestre de capoeira angola Rafael Magnata, o poeta e músico Manu Kelé e outros(as).



Manu Kelé e Mestre Magnata fizeram a animação ao som de violão, tambores e berimbaus. As pessoas dançaram e cantaram num ritmo afro muito envolvente.

Figura 25 – Pano de Pente pronto para ser usado como Parangolé



Fonte: arquivo da autora.

O Parangolé Afroquilombola é uma releitura da técnica do Hélio Oiticica que utilizamos para empoderar as pessoas através dos personagens que se transformam. Cada pessoa que veste o Parangolé imagina-se em um personagem e interage com o público através de uma entrevista coletiva.

Eu iniciei com uma fala de agradecimento por todos os momentos vivenciados por nós no processo da pesquisa e a acolhida na casa dos/as moradores/as. A professora Sandra Petit fez uma breve introdução e perguntou quem gostaria de vestir o Parangolé Afroquilombola.

A primeira pessoa a usá-lo foi Maria Suely Souza da Silva, que se identificou como Mãe Rainha e a princesa da Serra do Juá. Segue algumas indagações que foram feitas para Mãe Rainha que dizia sentir-se especial.

- P: Por que você se sente especial?  
 R: Por minhas lutas, porque eu nunca desisto. Aqui é o meu reino.  
 P: Por que você se considera Mãe Rainha?  
 R: Porque pelos meus filhos eu dou até a vida.  
 P: A figura da Mãe Rainha é importante para a Serra do Juá?  
 R: Porque rainha tem que ser respeitada. Eu acho.  
 P: Seus antepassados vieram de onde?  
 R: Eu creio assim, que vieram da África. Que eu saiba eles nunca desistiam de nada. Quando quer um objetivo eles vão buscar.  
 P: Você já ouviu alguma história desse passado de seus antepassados?  
 R: Ainda não procurei saber sobre isso, mas minha avó Maria José de Sousa era parteira, rezadeira, era uma mulher guerreira, por isso que eu me considero uma mulher guerreira. A minha mãe herdou o dom da minha avó.  
 P: Como é o cuidado que a Mãe Rainha tem pela comunidade?  
 R: É buscar mais ideais, nossos direitos, que falta muito. Eu vou lutar muito para que a minha comunidade cresça.  
 P: Como é essa relação da Mãe Rainha com a natureza?  
 R: Eu começo logo pelos meus filhos. Oriento para eles não poluírem, não matar os animais. Reduzir o lixo, porque as latas e os plásticos demoram a se decompor na natureza. Eu me considero como o Quem-quem que é um pássaro muito esperto. Conta a lenda que a raposa se enterrou no chão para pegar o Quem-quem, e ficou com a boca aberta cheia de dentes. Quando o Quem-quem olhou disse, eu nunca vi chão ter dentes. Descobriu a raposa e fugiu deixando ela enterrada no chão.  
 P: Você gosta de morar nesse lugar? O quilombo?  
 R: Sim. Eu gosto muito daqui, porque agora eu sei o valor que tem para a minha história e eu agora só quero que tenha mais desenvolvimento.

### A senhora Maria Dalva de Sousa também vestiu o Parangolé.

- P: Quem é esta personagem?  
 R: Eu quero ser a Mãe Rainha. Eu tô muito feliz de está aqui na casa da minha comadre. Estou com muita gente da minha família, por isso eu só posso ser uma Mãe Rainha. Sou quilombola e tenho prazer de ser do quilombo com toda minha família.  
 P: E como você se considera?  
 R: Eu sou uma mulher muito lutadora. Trabalhei muito para criar meus filhos, lutei muito, mas eu atravessei. Meu esposo, ele é um bom pai e a gente ficou junto; casou; a gente passou muita barreira,  
 P: Hoje, nesse momento tão especial que a senhora está vivendo, como a senhora se sente?  
 R: Eu estou muito feliz, porque minha família está aqui quase toda.  
 P: Onde nasceram os seus antepassados?  
 R: Meus pais já morreram, viveram aqui, uma vida muito difícil, muito sofrimento, nasceram aqui e eram primos.  
 P: O que eles faziam?  
 R: Meu pai fazia tanta coisa, tocava triângulo, reco-reco, pandeiro e berimbau, fazia festa aqui na serra com meu marido, eu não tinha nem nascido.  
 P: E quem é o seu marido?  
 R: Meu marido era tocador de berimbau, ele sabe tocar até o pinica-pau, meu esposo é Sr. Domingos.  
 P: E a senhora o que sabe mais de seus pais?  
 R: Sou rainha, tenho que saber de tudo, perdi as fotos dos meus pais só tenho uma na sala de casa, mas eu tenho a história, minha mãe era parteira pegava até seis meninos em uma noite.  
 P: Aqui onde a senhora mora é uma serra, o que você me diz desse lugar?



R: Aqui é um quilombo, nós sabemos e sou muito feliz.

P: Qual a sua cor?

R: Eu sempre disse que sou negra, tenho orgulho da minha cor. Minha família é toda do mesmo sangue.

P: A Mãe Rainha pode se despedir.

R: Estou muito feliz porque estamos todos unidos.

A senhora Maria do Socorro Lima do Nascimento, também usou o Parangolé e desenvolveu esse diálogo com as pessoas que estavam em sua casa.

P: Qual o personagem que você representa?

R: Eu sou quilombola.

P: O que seus pais faziam?

R: Meu pai trabalhava no roçado e minha mãe quando era viva era louceira.

Maria Suelina Souza da Silva, vestida no Parangolé se transformou em uma Mãe Rainha.

P: Fale de alguns aprendizados que você vivenciou na comunidade.

R: Tudo o que aprendi foi com minha mãe e minha avó. Sou uma pessoa que tenho muita fé, sou solidária, porque é dando que se recebe, temos orgulho do que somos, das nossas tradições. As pessoas aqui são muito religiosas, nós temos muita fé.

P: O que você diz sobre a capoeira?

R: A capoeira significa muita coisa, ritmo, musicalidade. Você pode tá triste mais quando começa a capoeira a gente se alegra e fica feliz.

P: Quais são os valores que você atribui a família?

R: A minha família é muito importante. Eu falo para o meu filho quando ele vê a cabacinha, olha temos que cuidar da cabaça ela é da África, meu pai colocava água para ir para o roçado.

P: E como é para você morar aqui nessa comunidade?

R: Eu tenho orgulho de ser quilombola, temos que mostrar o que a gente é. O quilombo é para mim muito importante. Temos que ouvir a história dos mais velhos.

Figura 26 – Maria Suelina vestindo o Parangolé



Fonte: arquivo da autora.

Antonio Carlos Sousa da Silva, irmão de Suelina e Suely e filho de Maria Dalva, fez questão de mostrar o quanto está feliz com esse momento realizado para as pessoas da comunidade.

P: Como o senhor se vê vestido nesta vestimenta tão linda?

R: Eu me vejo como um príncipe.

P: Vejo que o senhor está lendo um livro, o que achou de interessante?

R: Eu estava vendo o livro Cazumbinha e percebi que é uma coisa que existe mesmo, como aqui.

P: Você sente falta de algum momento que acontecia antes na comunidade e hoje não acontece mais ou tem pouca frequência?

R: Eu sinto falta dos velhos tempos de caçar na mata, cuidar da terra, hoje tenho que trabalhar em Fortaleza, mas quando posso tô aqui. Eu gosto do meu lugar e quero morrer aqui. Isso aqui é um mundo, e as pessoas não conhecem, o pobre é humilde não é pobre! As pessoas não vêem a natureza como ela é, por isso não respeita. É tão bonito você plantar uma árvore ver ela crescer e depois você colher o fruto dela. Eu sou daqui e estou aqui.

Foi um momento muito participativo, porque outras pessoas homens e mulheres participaram de forma criativa. Semanas depois fizemos o último momento da pesquisa na comunidade. A organização para a Culminância necessitou de uma logística maior. Transportes, comida, espaço e mobilização das pessoas da comunidade e adjacência.

No dia da culminância juntamos todos(as) os(as) participantes das três pesquisas e realizamos um lindo cortejo na comunidade, com música, batucada, bandeiras e estandartes.

Figura 27 – Pessoas no cortejo



Fonte: arquivo da autora.

Mais uma vez, houve o momento da entrevista coletiva do personagem com o Parangolé. Quem desfilou com o Parangolé foi o Geraldinho, ex-aluno do MOVA-Brasil que antes tinha participado da pesquisa sociopoética. O mesmo disse: - Vestido com uma roupa assim tão especial, estou me sentindo um rei.

Figura 28 – Geraldinho com o pano de pente



Fonte: arquivo da autora.

Realizamos a leitura partilhada do cordel que compus para explicar de forma lúdica o que é o pano de pente e o parangolé.

## O Pano de Pente e o Parangolé

### I

Boa noite companheiros(as)  
Queremos lhes apresentar  
A história do Pano de Pente  
Que veio nos inspirar  
Para fazer o Parangolé  
E nossa história contar.

### II

O pano de Pente é de Guiné  
É feito por tecelão  
As mulheres contribuem  
Fazendo a terminação  
Têm de 04 a 13 bandas  
Todas elas feitas à mão.

### III

Guiné-Bissau fica em África  
E com suas tradições  
Das etnias Manjacos e Papel  
Repassando as lições  
Cada pano tem um nome  
Depende das ilustrações.

### IV

Tem o Pano que é Pôlon  
Representa a planta sagrada  
Tem também o Pano Letras  
Onde elas são retratadas  
Em velórios e casamentos  
Tem bandas bem costuradas.

### V

Quando uma mulher se casa  
Na cerimônia tradicional  
Envolve-se em um Pano de Pente  
Para passar o ritual  
É presente dos parentes  
Nesse momento especial.

### VI

Cada pano tem um sentido  
Uma história familiar  
Está presente nos momentos  
Que devem se eternizar  
Através da oralidade  
Aos mais novos repassar.

### VII

O Pano de Pente de Guiné  
É usado também nos rituais  
São oferecidos aos irans  
Divindades espirituais  
É a riqueza de seu povo  
E das Tradições Oraís.

### VIII

A técnica do Parangolé  
É ideia do Oiticica  
Um artista que percebeu  
Que uma vestimenta modifica  
Transforma-se em um personagem  
Que o sujeito mais se identifica.

### IX

O nosso Pano de Pente  
Teve essa inspiração  
Para fazer o Parangolé  
E revelar com emoção  
A história de Serra do Juá  
A minha origem, o meu chão.

### X

Vejam como ficou lindo  
O Pano de Pente do Juá  
Falando das tradições  
Que não podem acabar  
Os mestres e as rezadeiras  
Precisam continuar.

### XI

No Pano de Pente quilombola  
Cada banda é especial  
Retrata nossos costumes  
A cultura e o potencial  
Mostrando o nosso valor  
E a beleza sem igual.

### XII

Tem a banda da culinária  
Que trata do conagraçamento  
A partilha da comida  
A saúde e o sentimento  
Os alimentos da terra  
Garantem nosso sustento.

### XIII

A banda das relações  
De união e solidariedade  
Foi colorida com pinturas  
De ações da comunidade  
Mutirão e amor ao próximo  
Marca da nossa ancestralidade.

### XIV

Também tem a banda dos Mestres  
Personalidades desse lugar  
É preciso a intergeracionalidade  
Para a tradição continuar  
Passando pela iniciação  
Para a cultura valorizar.

### XV

A relação com a natureza  
E a nossa identidade  
Foram representadas na banda  
E também a sacralidade  
Para fortalecer o pertencimento  
Da nossa comunidade.

### XVI

A banda das brincadeiras  
E vivências quilombolas  
Traz especificidades  
Da infância e da memória  
Reconhecendo as africanidades  
Presentes na nossa história.

### XVII

A sexta banda foi da capoeira  
Meu colega trabalhou  
Construíram as ladainhas  
Que o Mestre aprovou  
Resgatando da memória  
O que o tempo não apagou.

### XVIII

Aqui no quilombo nós temos  
Muito para se orgulhar  
Recebemos os visitantes  
Para a nossa história contar  
O pertencimento afroquilombola  
Só vai nos valorizar.

Autoria: Cláudia de Oliveira da Silva  
Serra do Juá, 24 de agosto de 2015.

As apresentações das pesquisas foram bem satisfatórias, (eu) Cláudia com pano de pente e estandarte afroquilombola, Eliene com as capulanas (tecidos bordados inspirados nas capulanas de Moçambique) e Rafael com o livro das ladainhas de capoeira criadas pelas pessoas que participaram de sua pesquisa.

Em seguida, fizemos homenagens às pessoas que de alguma forma têm ou tiveram participação importante na comunidade. Essas pessoas ou seus representantes receberam uma foto, e outra ficou para colocar em um memorial na escola. Eram mestres, mestras e matriarcas. Algumas pessoas já no plano espiritual, mas foram representadas por seus parentes. Segue listagem dos(as) mestres(as) homenageados(as) pela minha pesquisa.

1. Raimunda Barbosa da Silva – *In Memoriam*. Rendeira e bordadeira de crochê. (minha mãe - avó)
2. Domingos Pereira de Oliveira – *In Memoriam*. Raizeiro: mestre em remédios caseiros. (meu pai - avô)
3. Antonio Odair Oliveira da Costa. Artesão de objetos talhados em madeira.
4. Maria do Socorro Lima do Nascimento. Costureira e artesã de colchas de retalhos.
5. José Antonio da Silva do Nascimento. Mestre da sanfona.
6. Maria Iracema do Nascimento – *In Memoriam*. Primeira professora, rendeira, bordadeira, matriarca da comunidade.
7. Maria do Carmo de Oliveira. Rendeira e catequista.

Também tivemos a participação da Banda de Forró Pé-de-Serra do Ideal, com o mestre da sanfona Zé da Lourdes, que fez um forró bem animado. As pessoas dançaram e comeram um baião de dois com legumes e saladas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa proporcionou-me muitas aprendizagens em relação as problemáticas apresentadas. Apesar das dificuldades encontradas no percurso, considero que elas foram fundamentais para o sucesso dessa investigação. Retomei o assunto que antes havia iniciado na pesquisa do Ser Negr@ e Ser Quilombola, sobre o pertencimento, agora aprofundando com mais informações e técnicas.

Desde quando manifestei o interesse pelos estudos sobre as africanidades só tenho crescido e também contribuído com meus irmãos(as) quilombolas, porque compartilho o que aprendo com as comunidades, em forma de elaboração e execução de projetos com ideais coletivos.

Fui conduzida pelo vendaval sociopoético, banhada pelas águas pretagógicas, convidada a navegar no barco das vivências e hoje me sinto mais preparada para assumir cada vez mais a minha negritude e os meus sentimentos de pertença quilombola. Através da Sociopoética e da Pretagogia eu destravei o meu corpo e as minhas atitudes. A sociopoética destrava os corpos e a memória, e a Pretagogia afirma e produz para o pertencimento.

Tudo isso contribuiu para a minha autoafirmação, transformando-me em alguém com melhor autoestima, porque a minha subjetividade foi valorizada e eu me encontro cada dia mais nos princípios da cosmovisão africana, tão bem apropriados pela Pretagogia. Costumo dizer que a Pretagogia é a pedagogia da humanização, porque qualifica a participação, tornando a pessoa sujeito co-pesquisador do processo e nos leva a criar nossos próprios dispositivos de aprendizagens, a partir das nossas histórias e vivências.

Todo esse processo de autoafirmação que passamos durante as pesquisas realizadas, deram-se através das referências teóricas metodológicas utilizadas na educação. Ou seja, sempre estivemos ligados(as) a formação de professores e atividades pedagógicas, fazendo-nos concluir que apesar da escola ainda não está instrumentalizada para as discussões étnico raciais, ela é propícia para abrir as discussões, porque já traz em seu bojo a função de socializar os conhecimentos sobre a história e a cultura das sociedades. Para Rocha (2011),

A educação, tem um vínculo fortemente comunitário e social; o sentido da vida encontra-se na vivência coletiva, na vida em relação. Todos aprendem com todos; cada um contribui com o que sabe.

Levando em conta a imensidão de conhecimentos [...] é na junção dos saberes de cada um que se forma o saber de todos: “A sabedoria é como o tronco do embondeiro, uma pessoa sozinha não consegue abraçá-lo”. O aprendizado, então, deve ser efetivado por etapas, cuja sequência deve ser balizada pelo interesse e pela capacidade do aprendiz de assumir responsabilidades com os ensinamentos da tradição.

Inicialmente, o aprendizado se faz apenas por observação e imitação. Posteriormente, esse conhecimento, por intermédio da prática, vai se tornando mais consistente e sendo apropriado até chegar o momento em que, além de tê-lo na memória, ele passa a fazer parte da própria vida de quem aprendeu, que o usa de acordo com a necessidade, cultivando, preservando e transmitindo-o com consciência. (ROCHA, 2011 p. 42).

Quando fomos para a prática da pesquisa, houve dia em que a comunidade não compareceu ao local combinado, mesmo depois de uma mobilização geral por parte dos(as) pesquisadores. Isso me fez perceber o quão é importante trabalhar com o envolvimento das pessoas. Quando não há interação para sentirem-se sujeitos ativos, passam a resistir e a forma mais comum de resistência para os(as) quilombolas é o silenciamento. Essa forma de agir da comunidade me deixou feliz por ver a sua segurança em não se deixar influenciar por nós, até que percebessem a importância da participação delas para o seu próprio fortalecimento.

A temática trabalhada foi o pertencimento afroquilombola, porque eu queria saber como a Pretagogia pode contribuir com o fortalecimento desse pertencimento. Para identificar o pertencimento afro é necessário que se busque os marcadores das africanidades, isto é, identificar e reconhecer valores, saberes, artefatos e expressões culturais que representam a nossa ligação com o continente africano. Quando conseguimos perceber essa ligação umbilical, (de filh@ com Mãe África) começamos a vivenciar o processo de transformação. É uma mudança de pensamento, de comportamento e quebra de paradigma.

Para que o processo aconteça com mais facilidade é necessário que tenha subsídios que impulsionem na direção da liberdade. A sociopoética foi um elemento fundamental para o contexto que se apresentava, nessa comunidade quilombola, com fortes resquícios de opressão. Através das técnicas sociopoéticas as pessoas se libertaram, (inclusive eu) de sua timidez, seus medos e seus traumas.

As pessoas viajaram em um campo imaginário desde a infância até os dias atuais e desvendaram seu encontro com a ancestralidade africana. Esse encontro

conosco mesmo e com nossas raízes provoca a liberdade de nossos pensamentos e ações de autonomia, por tempos abafados.

Depois de feita essa iniciação, reflexão e descobertas, a Pretagogia fez a transformação das pessoas através das contribuições de suas atividades criativas e coletivas. Depois que a pessoa consegue interagir e dialogar com os aspectos das africanidades presentes no cotidiano, há um reconhecimento e orgulho de ser negro(a) e ser quilombola. As pessoas passam a cultivar valores, outrora desprezados, respeitam e amam o seu lugar de origem.

Quando houve o encontro dos conceitos sociopoéticos e pretagogicos, o pertencimento afroquilombola se desenvolve, mas com a necessidade de continuar sendo estimulado. Assim, como eu descobri que as estações de aprendizagens colaboram para que se chegue a uma visão mais ampla das histórias de vida num sentido de territorialidade, ancestralidade e religiosidade, percebi também que essa motivação precisa ser contínua.

Os(as) nossos(as) opressores nos atingiram pelo viés cultural, por tanto, para superar esses desgates históricos, também precisamos partir do ponto de vista cultural, para que o nosso povo esteja fortalecido e seguro das lutas. Para Munanga (2009, p. 21)

A tomada de consciência de uma comunidade de condição histórica de todos aqueles que foram vítimas da inferiorização e negação da humanidade pelo mundo ocidental, a negritude deve ser vista também como afirmação e construção de uma solidariedade entre todos.

Percebi nas pessoas, mudanças significativas, comparando as primeiras e as últimas oficinas. Antes, as pessoas eram acanhadas, tímidas e nas últimas atividades elas já se mostravam seguras, falantes e donos(as) de si. Porém, é visível a necessidade de continuar permanentemente realizando ações que gerem reflexão, desejo de crescer coletivo, consciência histórica das lutas e conquistas.

Esta pesquisa possibilitou a percepção de como aplicar efetivamente a Educação Escolar Quilombola nas escolas das comunidades remanescentes de quilombos. Ou seja, sensibilizar o pertencimento de toda a comunidade escolar através de referenciais que possibilitem experiências afroreferenciadas aos/as sujeitos da educação, para que transmitam aos seus(as) educandos(as) a beleza de pertencer-se negro(a), quilombola ou outra etnia.



Somente a partir de um trabalho afroreferenciado e diferenciado com os/as sujeitos da comunidade escolar pode-se efetivar a Educação Escolar Quilombola. A partir desta pesquisa compreendemos que não se pode falar das africanidades, sem antes percebê-las em nossos próprios corpos, nossas próprias vivências.

Os/as professores/as e gestores/as necessitam sentir a influência da negritude em suas vidas. É importante que passem por um processo de auto-identificação dos marcadores das africanidades para desmistificarem as diversas teorias inabaladas e unilaterais.

## REFERÊNCIAS

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. A sociopoética e os cinco princípios: a filosofia dos corpos misturados na pesquisa em educação. *In*: ADAD, Shara Jane Holanda Costa *et al.* (Org.). **Tudo que não inventamos é falso**. Fortaleza: EdUECE, 2014. p. 41-60.

ADINKRAS. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/>>. Acesso em: 10 maio 2015.

ALVES, Maria Kellynia Farias; PETIT, Sandra Haydée: Pretagogia, pertencimento afro e os marcadores das africanidades: conexões entre corpos e árvores afroancestrais. *In*: ALVES, Maria Kellynia Farias; MACHADO, Adilbênia Freire; PETIT Sandra Haydée (Org.). **Memórias de Baobá II**. Fortaleza: Imprece, 2015. p. 125-145.

ARAGÃO, Jorge. **Identidade**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/jorge-aragao/identidade.html>>. Acesso em: 10 maio 2015.

BARROS, José Flávio Pessoa de. **Ewé Òrisá**: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de Candomblé Jêje-nagô. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BATISTA, Raimunda. Estranhamentos e vivências quilombolas no alto da serra: histórias curiosas, alegres e diferentes de um curso de formação de professores. *In*: PETIT, Sandra Haydée; SILVA, Geranilde da Costa e (Org.). **Africanidades caucaenses**: saberes, conceitos e sentimentos. Fortaleza: Edições UFC, 2013. p. 113-136.

BERNAT, Isaac. **Encontros com o griot Sotigui Kouyaté**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

BEZERRA, Renato. Passeio aborda história de Quilombolas do CE. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br>>. Acesso em: 28 mar. 2015.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 20 mar. 2015.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)>. Acesso em: 28 jul. 2015.

BRASIL. **Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/arquivos-pdf/diretrizes-curriculares>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

CALAÇA, Maria Cecília *et al.* Conceição dos Caetanos: cultura quilombola no interior do Ceará. *In*: CUNHA JÚNIOR, Henrique; NUNES, Cícera; SILVA, Joselina da (Org.). **Artefatos da cultura negra no Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.p. 238-258.

CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor. Contextualizando e rastreando o tangível na pesquisa Festa e Corpo. *In*: CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor (Org.). **Festa e corpo: as expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas**. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 15-34.

CAVALCANTI, Jardel Dias. **Parangolé: anti-obra de Hélio Oiticica**. Campinas, 2002. Disponível em: <[http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=856&titulo=Parangole:\\_anti-obra\\_de\\_Helio\\_Oiticica](http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=856&titulo=Parangole:_anti-obra_de_Helio_Oiticica)>. Acesso em: 25 jan. 2015.

CAVALCANTI, Jardel Dias. **Parangolé: anti-obra de Hélio Oiticica**. Campinas: Digestivo Cultural, 2012.

CEARÁ. Secretaria de Educação. **Sistema Permanente de Avaliação de educação Básica do Ceará**. Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://www.spaece.caedufjf.net/wp-content/uploads/2015/07/SPAECE-ALFA-RGE1.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

CLIFTON, Lucilene. Raízes. Tradução: Maisa Mendonça. *In*: CENTRO DE FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA AKONI. **Ekó Ilerá: (re)construindo o mundo erê: um olhar para uma educação e saúde que valorize a ancestralidade afro-brasileira**. São Luiz do Maranhão: Akoni, 2008. p. 60.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

COUTO, Mia. **Vagas e lumes**. Lisboa: Editorial Caminhos, 2014.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. NTU. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 108, p. 81-92, maio 2010.

DOMINGUES, Petrônio. Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil. **Cadernos PAGU**, Campinas, v. 28, p. 345-374, jan./jun. 2007.

FARIAS, Kellynia; PETIT, Sandra. Pretagogia, perencimento afro e os marcadores das africanidades: conexões entre corpos e árvores afroancestrais. *In*: ALVES, Maria Kellinia; MACHADO, Adilbênia; PETIT, Sandra (Org.). **Mémoires de Baobá II**. Fortaleza: Impreça, 2015.

GÁ, Luiz Carlos; NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Adinkra**: sabedoria em símbolos africanos. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

GASPAR, Eneida D. **Falando banto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

GAUTHIER, Jacques. **O oco do vento**: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. Curitiba: CRV, 2012.

GURGEL, Luiz Henrique. **Os segredos de Caucaia**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/noticias/sobre-o-programa/artigo/670/os-segredos-de-caucaia>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. A Lei Nº 10.639/2003 e a Formação Docente: desafios e conquistas. *In*: JESUS, Regina de Fátima; ARAÚJO, Mairce da Silva; CUNHA JÚNIOR, Henrique (Org.). **Dez anos da Lei 10.639/03**: memórias e perspectivas. Fortaleza: Edições UFC, 2013. p. 47-61.

HAFNER, Dorinda. **Sabores da África**: receitas deliciosas e histórias apimentadas da minha vida. São Paulo: Sammus, 2000.

IMPÉRIO Ashanti. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia viva, [s. n.], 2015. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio\\_Ashanti](https://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio_Ashanti)>. Acesso em: 23 ago. 2015.

KI-ZERBO. **História geral da África, I**: metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. Brasília, DF: UNESCO, 2010.

MASULLO, Alessandra S.C. **Na pisada feminina do coco cearense**: saberes, lutas, batuques ancestrais e contemporâneos. Fortaleza: Ed. UFC, 2015.

MESTRE Vitalino: documentário. Recife, 2015. 1 vídeo. Disponível em: <[www.mestrevitalino.com.br/](http://www.mestrevitalino.com.br/)>. Acesso em: 18 maio 2015.

MODIBO, Dadiarra Sheik; NDIAYE, Cheikh Moustafa B. **O menosprezo ocidental, lágrimas de sangue**: contos e contas da escravidão. Dakar: CCM-Communauté Madinatu Munawra, 2015.

MOURA, Glória. Proposta pedagógica: educação quilombola. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. **Educação quilombola**: salto para o futuro/TV Escola/SEED-MEC. Brasília, DF, 2007. p. 3-6.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude, usos e sentidos**. 3. ed. ampl. e rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MUTIRÃO Quilombola. Criação: Instituto Sócioambiental. Iguape, SP, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sQhGq1ZkXiQ>>. Acesso em: 24 maio 2015.

NOGUEIRA, Renato. UBUNTU como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista. **Revista da ABPN**, Florianópolis, v. 3, n. 6, p. 147-150, nov. 2011-fev. 2012.

ONDJAKI. **Uma escuridão bonita**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

PARÉ, Marilene Leal; OLIVEIRA, Luana Paré de; VELLOSO, Alessandra D'aqui. Educação para quilombolas: experiência de São Miguel dos Pretos em Restinga Seca (RS) e da comunidade de Kalenga do Engenho II (GO). **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 27, n. 72, p. 215-232, maio/ago. 2007.

PEREIRA, Amauri Mendes. Introdução. *In*: SILVA, Joselina; PEREIRA, Amauri Mendes (Org.). **O movimento de mulheres negras**: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil. Belo Horizonte: Nandyala, 2014. p. 7-12.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia**: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral: contribuições do legado africano para a implementação da Lei 10.639/03. Fortaleza: UDECE, 2015.

REISER, Marcio Antônio. **Santa Josefina Bakhita**. [S. l.], 2009. Disponível em: <<http://marcioreiser.blogspot.com.br/2009/02/santa-josefina-bakhita.html>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

ROCHA, Rosa Maria de Carvalho. A pedagogia da tradição: as dimensões do ensinar e do aprender no cotidiano das comunidades afro-brasileiras. **Paidéia**, Belo Horizonte, ano 8, n.11, p. 31-52, jul./dez. 2011.

SANTOS, Vanessa dos. Piracema. Goiânia, 2015. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/biologia/piracema.htm>>. Acesso em: 22 abr. 2015

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. **As Mandjuandadi**: cantigas de mulheres na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura. 2010. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SENRA, Rafael. **A missa dos quilombos**: produto político, religioso e cultural. São João Del Rei: Universidade Federal de São João Del Rei, 2007.

SILVA, Geranilde Costa e. **Pretagogia**: construindo um referencial teórico-metodológico, de base africana, para a formação de professores/as. 2013. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SILVA, Geranilde Costa. Literatura africana e afro-brasileira: uma experiência de pesquisa com crianças. **Revista África e Africanidades**, Quissamã, ano 3, n. 9, maio 2010. Disponível em: <[http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Literatura\\_africana\\_afro-brasileira\\_crianças.pdf](http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Literatura_africana_afro-brasileira_crianças.pdf)>. Acesso em 21 mar. 2015.

SILVA, Maria Aparecida. Experiências de Mulheres Negras na Organização e atuação nos movimentos sociais de Araraquara-SP. *In*: SILVA, Joselina; PEREIRA, Amauri Mendes (Org.). **O movimento de mulheres negras**: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil. Belo Horizonte: Nandyala, 2014. p. 67-90.

SILVA, O. *et al.* O Ser Negr@ e identidade quilombola na Serra do Juá em Caucaia – CE. *In*: PETIT, Sandra Haydée; SILVA, Geranilde da Costa e (Org.). **Africanidades caucaenses**: saberes, conceitos e sentimentos. Fortaleza: Edições UFC, 2013. p. 31-48.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Africanidades. **Revista do Professor**, Porto Alegre, v. 2, p. 30, out./dez. 1995.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Africanidades. **Revista do Professor**, Porto Alegre, v. 2, p. 29-30, out./dez. 1995.

SIMÕES, Fábio; PIRES, Heloísa. **Olelé**. São Paulo: Melhoramentos, 2015.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

**ANEXO A – MAPA DO OESTE DA ÁFRICA**

## ANEXO B – POESIAS DA AUTORA

### Meu Pertencimento Afro

I

Sou Claudia Oliveira  
Nasci em Serra do Juá  
Comunidade quilombola  
Aqui mesmo no Ceará  
Um lugar encantador  
Onde eu gosto de estar.

II

Cresci na Serra do Juá  
Com as tradições do lugar  
A vida era muito difícil  
Mas dava para se alegrar  
Trabalhando desde cedo  
Sem deixar de estudar.

III

Meu pai Domingos Pereira  
Foi meu grande orientador  
Com sua sabedoria  
Homem de grande valor  
Trabalhou de sol a sol  
O valente agricultor.

IV

Cresci ouvindo as histórias  
As lendas e as canções  
Sentada ao redor dos mais velhos  
Unindo os corações  
Através da oralidade  
Transmitindo as tradições.

V

Quando eu ia dormir  
Meu pai me contava histórias  
Falava-me coisas bonitas  
Cantava belas canções  
Ainda sinto saudades  
Tenho boas recordações!

VI

Minha mãe Raimunda  
Sempre foi muito amorosa  
Colocava-me no colo  
Para levar-me à escola  
Minha gratidão eterna  
À minha mãe virtuosa.

VII

No curso de Africanidades  
Descobri minhas raízes  
Os costumes que praticava  
E minha herança ancestral  
O meu pertencimento negro  
Foi algo fundamental.



**Sou Negra, Sou Quilombola**

Cláudia de Oliveira da Silva

O processo às vezes é lento  
Para o pertencimento acontecer  
Precisa rever as memórias  
E a própria história conhecer.

A viagem é fascinante  
Para encontrar os ancestrais  
E descobrir as origens  
Dos povos tradicionais.

O quilombo foi meu berço  
A serra minha morada  
A ancestralidade foi professora  
A oralidade lição repassada.

Um dia a gente acorda  
Do sono do desconhecimento  
Contribui e compartilha  
Para o nosso fortalecimento.

A estrada é muito longa  
Mas precisamos caminhar  
A luta é permanente  
Nunca podemos parar.

Ser negra e ser quilombola  
Fui aos poucos descobrindo  
Refletindo a Pretagogia  
E a negritude foi fluindo.

Agora sou orgulhosa  
Por minha história conhecer  
Trouxe a alegria da mãe África  
Para nunca esmorecer.

Sou filha de África e do quilombo  
Trago no peito a força e o axé  
A luta é minha bandeira  
A conquista é minha fé.